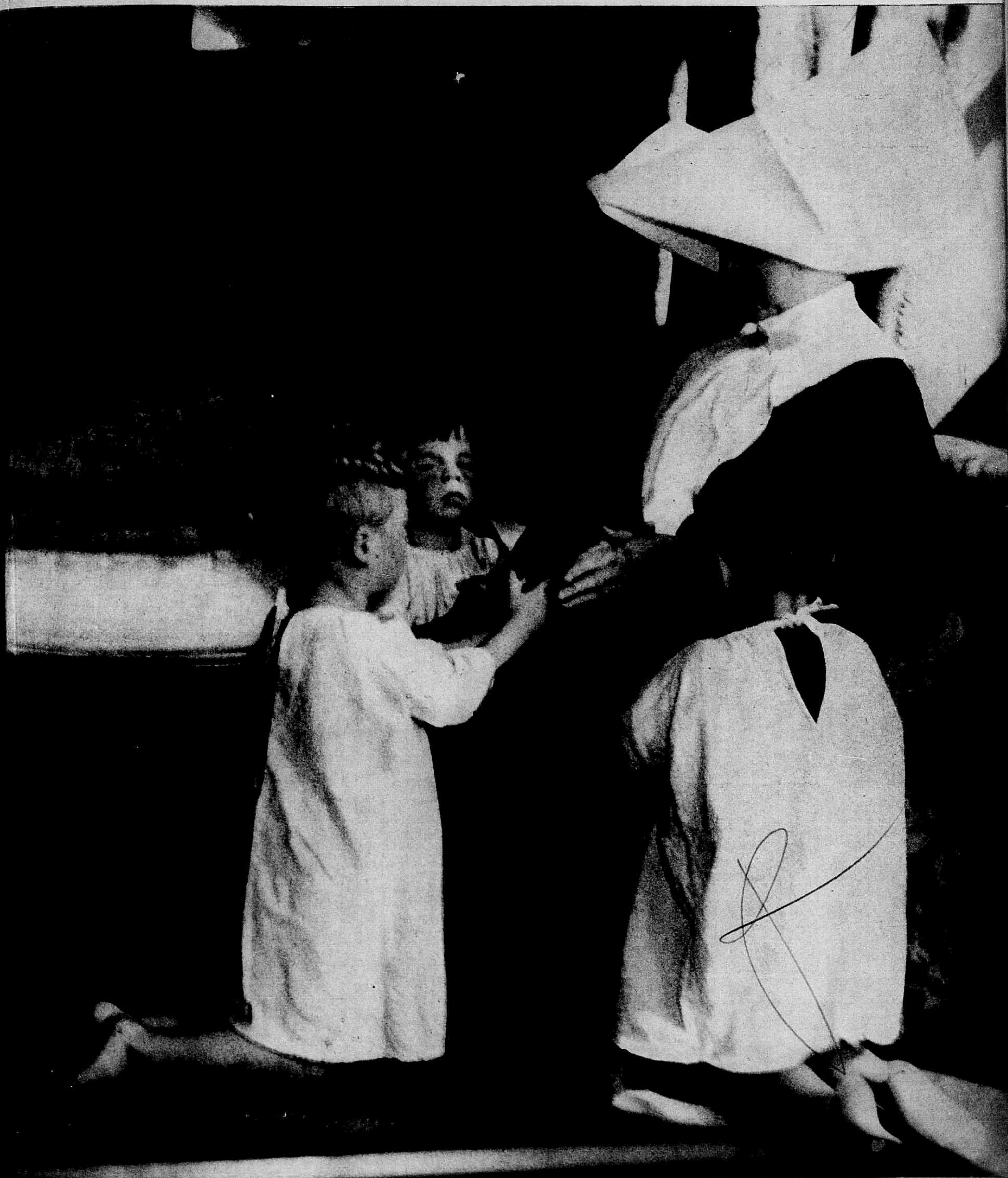
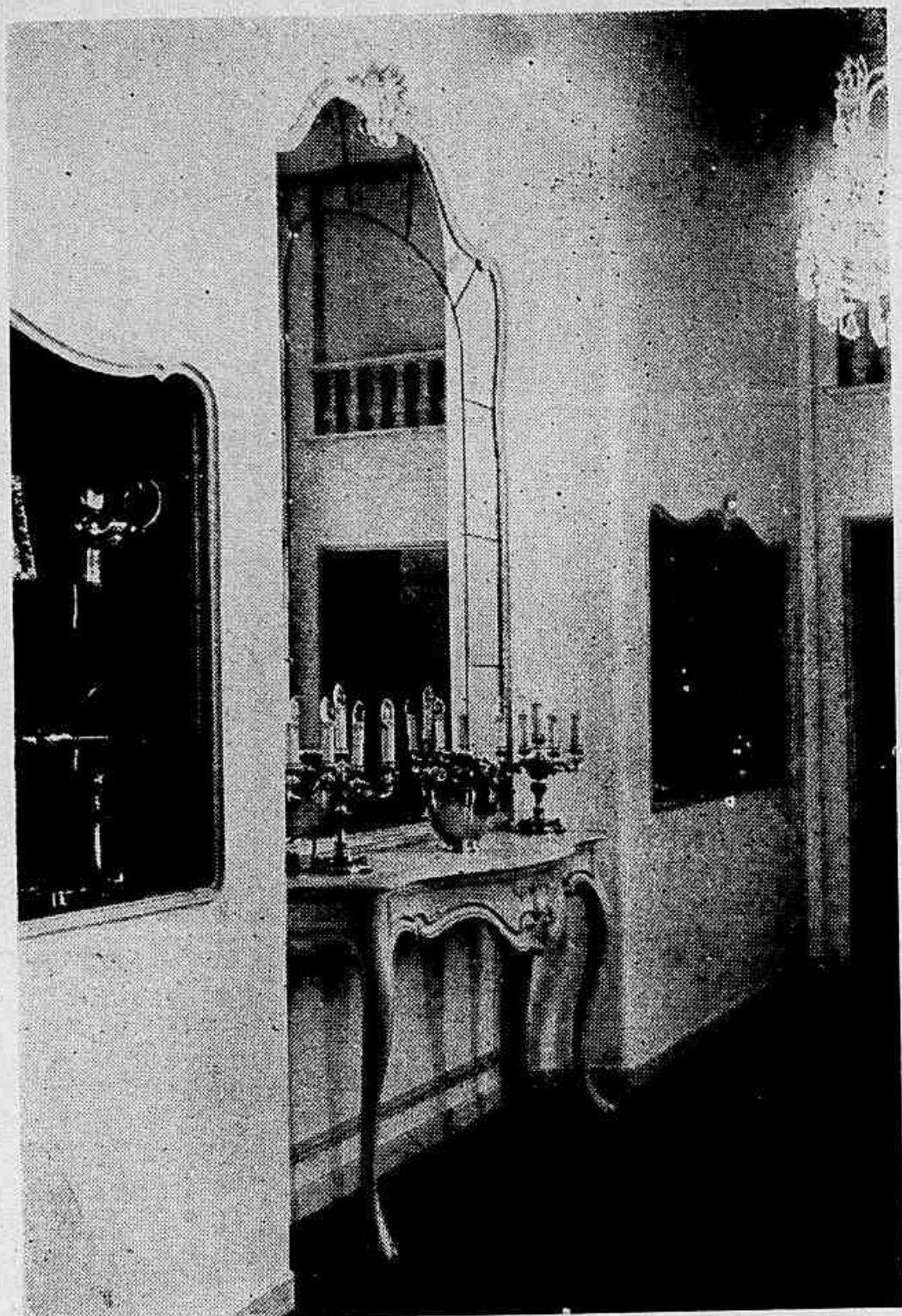


Revista da Semana

ANO XLIV —:— N.º 26 —:— 26 DE JUNHO DE 1943 —:— CR\$ 1,50 EM TODO O BRASIL



Exposição de PRATAS PORTUGUEASAS



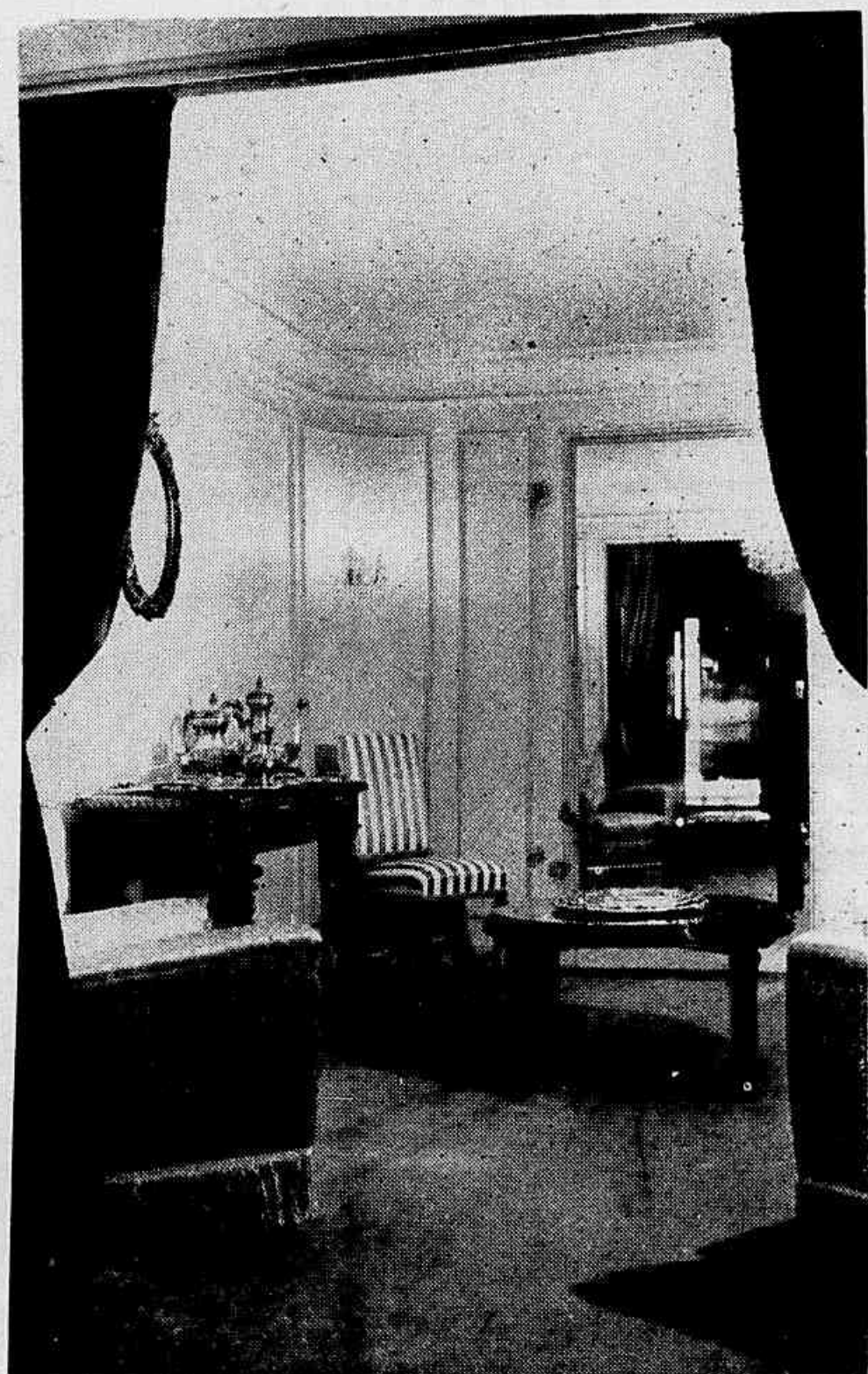
Alguns dos belos castiçais
expostos por A. Corrêa.

Um aspecto das artísticas
vitrines da "Exposição de
Pratas Portuguesas", que
enfeitam a rua Gonçalves
Dias.

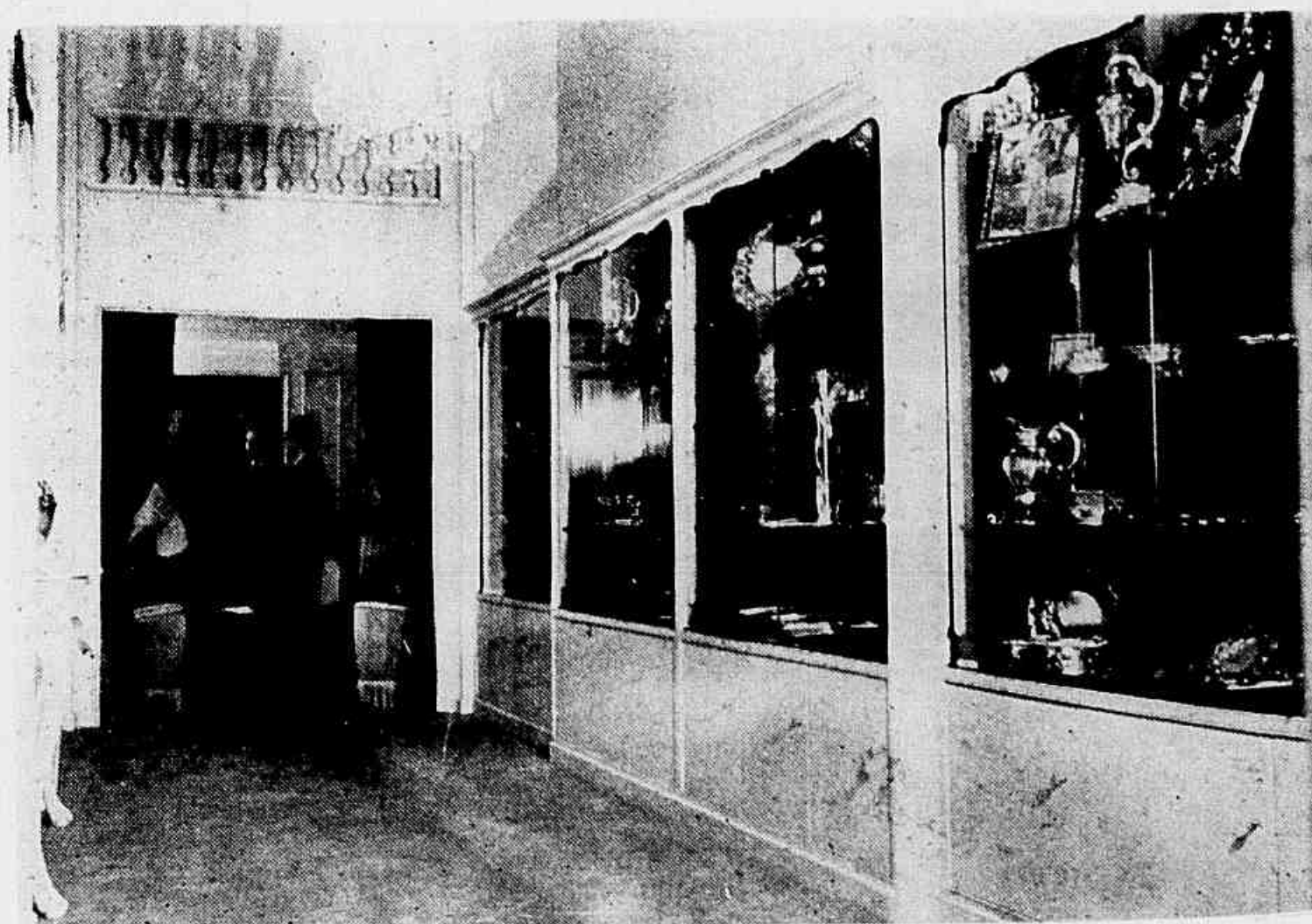


Preenchendo uma lacuna em nosso comércio de objetos de arte, o sr. A. Corrêa, grande conhecedor e amador de ourivesaria, fez instalar, à rua Gonçalves Dias, 37, uma exposição permanente de prataria portuguesa onde, em uma rica montra, estão conleccionados valores artísticos trabalhados pelo buril de mestres lusos, colaboradores da firma Reis, Filhos, do Porto.

O sr. A. Corrêa, único expositor de Reis Filhos no Brasil, empenhou o melhor de seus esforços no sentido de dotar a Capital com um mostruário artístico à altura de seu progresso, o que logrou "in totum", pois que a Exposição Permanente de Pratas Portuguesas, quer pelos valores expostos, quer pela arte e bom gosto de sua ornamentação, orgulharia as mais civilizadas capitais européias.



Um interior or-
namentado com
pratas buriladas
por artistas por-
tugueses.



Em vitrines como
estas enfileiram-
se as ricas prata-
rias de Reis, Fi-
lho, do Porto.



RACIONAIS E IRRACIONAIS



Por OCTAVIO TAVARES

PAIRA sobre uma infinidade de indivíduos do mundo zoológico uma terrível ameaça. São aves, roedores, répteis, ovinos, símios, quirópteros — uma grande quantidade de representantes das famílias que Cuvier e Claus classificaram — que teem as cabeças postas a prêmio oficialmente por esse grandioso e venerável Templo da Ciência, que é o Instituto Oswaldo Cruz. E' a exigência da experimentação *in anima vili*, a que o homem atende em bem da Humanidade, num egoísmo facilmente compreensível.

Afinal de contas, já bem antes de S. Francisco de Assis o homem vivia á custa dos irracionais, comendo-os ou utilizando-se deles, e de nada valeu o exemplo maravilhoso do *Poverello*, que sonhou fazer de todos os seres do universo — dos protozoários aos paquidermas, dos pássaros que vôam aos ofídios que se arrastam — uma irmandade só, nela incluído o pretenso Rei da Criação.

O mundo, objetiva ou subjetivamente concebido, provindo da nebulosa de Laplace ou da onipotência caprichosa de um Deus, não deixa de ser um absurdo com veleidades de maravilha. A História, com todo o seu repositório de mentiras e a sua soma natural de verdades, dá o depoimento irretorquível. E se a Etnografia aponta a monstruosidade da antropofagia, ainda não banida integralmente do orbe, Clio abre as páginas milenárias do seu livro desolador e apresenta á consciência humana o verdadeiro canibalismo das guerras em que, como no nosso século, os homens se entredevoram, deixando esplendor mais do que nunca a frase do velho Hugo: a guerra é uma púrpura debaixo da qual se oculta o homicídio.

Quem refletir, por menos irreverente que seja, não deixará de pensar em que o mundo não póde ter sido feito á imagem e semelhança de Deus.

A guerra, de resto, não tem sido apenas de homens contra homens, com intermitências maiores ou menores: afirma-se sem solução de continuidade, de homens contra seres inferiores. Em todos os tempos, teem sido aproveitados os irracionais pelos racionais. Os bois, os carneiros, os porcos, as galinhas, os coelhos, os cabritos, os patos são devorados diariamente. E nem os animais que ficam longe da terra, como os pássaros e os peixes, conseguem escapar ás mãos cúpidas do homem e ao abismo insaciável do seu estômago.

O cavalo e o burro nunca lograram, nem na era da eletricidade e da gasolina, a alforria ambicionada. Só lhes consola o infortúnio o não serem aproveitados *post-mortem*, como o boi, para a mesa dos racionais, seus inimigos implacáveis, dos quais nem os tatús, nos esconderijos subterrâneos, se livram.

O homem persegue a baleia por causa do azeite, o elefante em razão do marfim, a garça pela plumagem, o cangurú devido á pele, a borboleta porque tem o arco-íris nas asas... E as citações iriam longe, de vez que são inúmeros os animais que, sem alimentar as vísceras humanas, alimentam o comércio.

Em via de regra, sustentam a vida do comércio á custa da própria vida.

E quando, para alguns, não surge a perspectiva da morte, há — talvez pior — a contingência do viver infernal que teem os cães e outros animais amestrados para os espetáculos circenses a peso de torturas que revoltam. Há os canários e os sabiás

e as patativas engaiolados, estranhos galés perpétuos, porque teem o dom de Tamagno e da Malibran e cantam, estupidamente, no cárcere de arame ou de taquara.

Há exceções, sem dúvida, entre os lúlus mimados e os angorás preguiçosos, de vida a causar inveja á vida de muita gente. A regra, porém, orienta-se para o extermínio ou para o aproveitamento. E' velha a afirmativa de que a necessidade não tem lei...

Também há cousas puramente bestiais, que a civilização não póde entender, como as touradas, e as ha eminentemente compreensíveis, como a caça aos animais daninhos e ás feras. Porque não haverá mais ninguém na face da terra que consiga, com o Santo de Assis, domesticar o lobo de Gubbio.

A ciência, porém, tem o direito de convocar as hostes de Cuvier e Claus e fazer delas os degraus destinados á sua ascensão luminosa. Daí a proclamação oficial do Instituto Oswaldo Cruz em que se oferecem cruzeiros e centavos em troca dos mais heterogêneos animais, dos camondongos aos micos, dos canários ás rãs, das cotias aos jacarés.

O vasto parque da Praça da República tornou-se, há anos, grande viveiro de cotias. O trêfego roedor vive aí em bandos, e não só se habituou aos rumores fantásticos da cidade, como se acostumou com a presença humana. Tiradas há pouco mais de um lustro as grades do jardim imenso de Glaziou, andam elas mais do que nunca ás soltas, e não ha notícia de uma única tentativa de evasão. Não será milagre, todavia, se derem agora para evadir-se, á custa da vontade alheia, em demanda da baixada pantanosa de Manguinhos.

E será naturalíssimo que se movimentem os caiques dos pescadores das lagôas da Tijuca, no afã da distribuição de iscas de bófe pelas bordaduras das águas enfeitadas de tabúas e mirtácias, á caça dos jacarés traiçoeiros, que não deixarão de acudir aos traiçoeiros anzóis.

Muitas coelheiras se despovoarão, e os roedores, que já entregam os miolos á confecção da vacina de Pasteur, irão servir de pasto á Ciência de outra maneira qualquer.

As razões do Instituto são dignas do maior respeito. Poderão, acaso, saber os profanos o que poderá resultar de estudos graves feitos por sábios sobre a utópica irmandade de São Francisco de Assis?

Tudo! A começar pelo paradoxo de irem os racionais aprender nos irracionais.

Pena é, entretanto, que não sejam chamados os espécimes que aviltam a fauna, pelo mal que fazem, pela repugnância que provocam, como as moscas, os mosquitos e as baratas. A esses, quem os exterminará?

E' que são tão infames que não podem aspirar a uma equiparação momentânea ás prestimosas cobaias, nem a uma figuração decorativa no panorama animado dos jardins zoológicos, esses compêndios vivos que engrandecem a naturalística. Porque não passarão jamais de episódios esporádicos no mundo de sombras e espectros dos museus.

E nem nos museus poderão ensinar grande cousa aos racionais que quizerem aprender nos irracionais...



PRO' -- *George Washington*, de John Quincy Adams Ward, no edifício do Tesouro.



CONTRA -- *O navio de guerra Maine*, de Attilio Piccirilli, no Anfiteatro Colombo



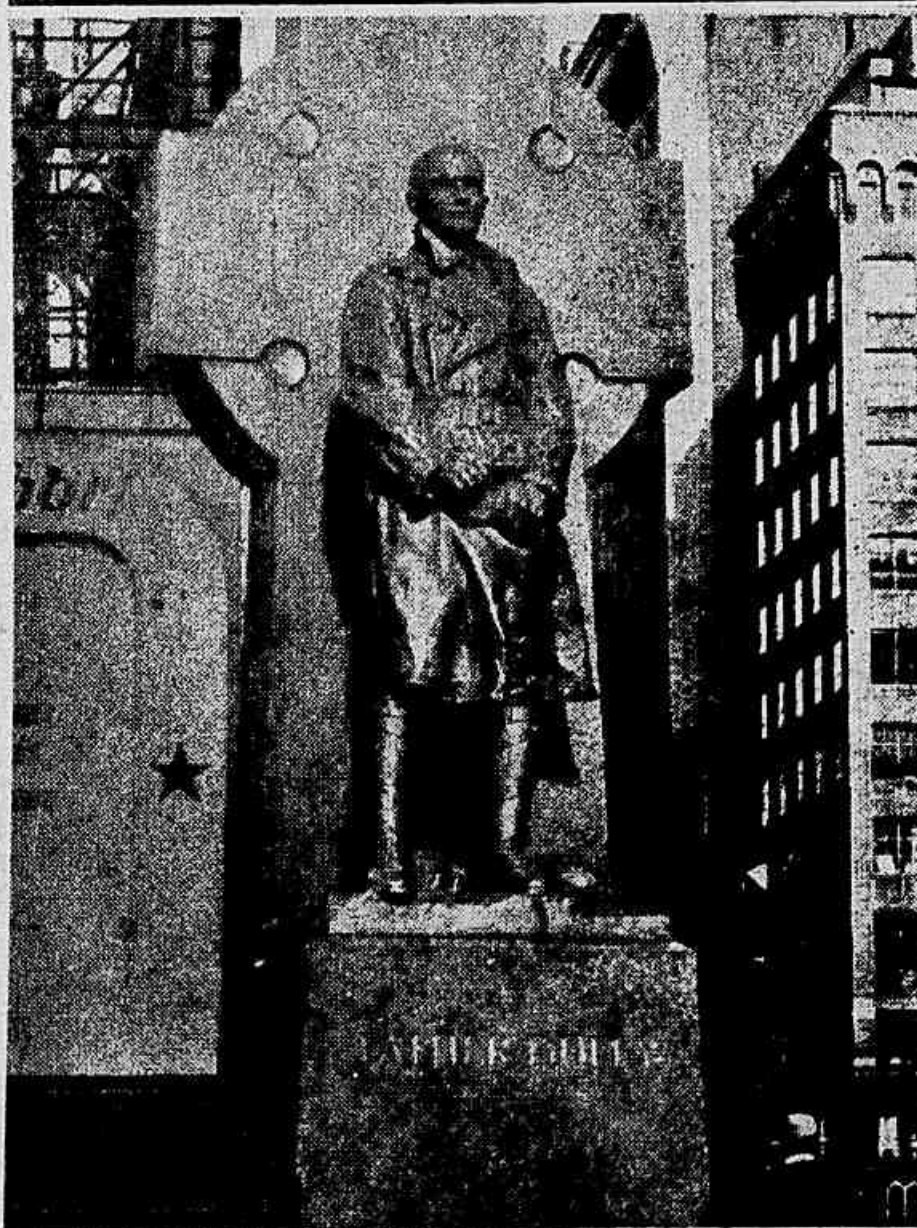
CONTRA -- *Theodore Roosevelt*, de James E. Fraser, no Museu de História Natural



PRO' -- *Nathan Hale*, de Frederick MacMonnies, no City Hall Park, diante da Broadway.



PRO' -- *Horace Greeley*, monumento de John Quincy Adams Ward, no City Hall Park.



CONTRA -- *O Reverendo Duffy*, de Charles Keck, no Duffy Square, na Broadway.

Deveríamos fundir nossos heróis?

Novamente desabou sobre as estátuas de Nova York uma tempestade de crítica. O que, porém, as ameaça agora é algo diferente e poderia — repare, não digo poderá — produzir resultados de uma natureza mais definitiva. Embora a guerra possa ser vencida sem esse sacrifício, nenhuma estátua dos parques americanos pode ter certeza de não padecer o destino de todos os objetos de metal nesta época em que vivemos.

Intermitentemente, batedores que vivem em busca de fontes inexploradas sugeriram em cartas à redação que as estátuas nova-iorquinas deviam ser fundidas para que a arte pudesse ceder toneladas e toneladas de matéria prima à construção naval, às bombas, a tudo que for necessário em nosso esforço de guerra americano. Lançada a idéia em tom de desafio, alguém lembrou-se que devia ser tentado algum esclarecimento. Não se poderia constituir uma comissão afim de resolver a questão do ponto de vista estético? Deveria ser constituída de representantes de várias escolas artísticas, afim que o julgamento fôsse o mais eclético possível.



CONTRA -- *Atlas*, de Lee Lawrie, no Internacional Bldg, no Rockefeller Center.



PRO' -- Jeanne d'Arc, obra de Anna Hyatt Huntington, situada no Riverside Drive.



PRO' -- General Sherman, trabalho de Augustus Saint Gaudens, na Quinta Avenida.



PRO' -- Benjamin Franklin, monumento de E. Plassman, em Park Row e Nassau Street.

Escolhida a comissão foi-lhe proposta a seguinte pergunta: na hipótese de se precisar de bronze qual das centenas de estátuas da nossa cidade deveriam ser condenadas? Resumindo, quais as boas e quais as más? Por outro lado, do debate devia emergir uma noção do que se requer numa boa escultura.

A comissão organizada compunha-se dos seguintes membros: William Zorach, escultor; James Montgomery Flagg, pintor; William Lescage, arquiteto; Juliana Force, diretor de museu; Chester Dale, colecionador amplamente conhecido e Edward Alden Jewell, crítico de arte. O julgamento decorreu numa atmosfera de humorismo, embora cada um dos julgadores estivesse compenetrado de sua importância, como se tivesse sido designado pelo próprio Departamento de Guerra, ou como se o próprio Parnaso aguardasse o resultado. Houve momentos de cruel dúvida, em que não se sabia aonde levaria o julgamento. Alguns dos membros da comissão opunham-se calorosamente a que se destruísse qualquer espécie de estátua, se esta possuísse algum valor histórico. A demolição só deveria ser empreendida depois que fossem sacrificados lampiões, portas, cornijas, portões, etc. o que não deixava de ser justo. Por outro lado tiveram os juizes de precaver-se contra a intromissão da sentimentalidade. Quantos idílios não teriam florescido á sombra de tal ou qual estátua? Quantas meditações alegres ou tristes sob olhos daquele monumento, num banco de jardim? Todas estas tentações deviam ser combatidas quando o monumento era marcado com um X.

Afinal o juri votou da seguinte forma: Das centenas de estátuas públicas em Nova York, dez foram escolhidas para uma análise pela comissão de seis a que nos referimos. Sobre elas foi votado sim ou não, significando boa ou má, da seguinte maneira:

	Sim	Não
GEORGE WASHINGTON, por J. Q. A. Ward.....	6	0
NATHAN HALE, por F. Mac Connies.....	6	0
HORACE GREELEY, por J. Q. A. Ward.....	6	0
BENJAMIN FRANKLIN, por E. Plassman.....	5	1
JEANNE D'ARC, por Ana H. Huntington.....	4	2
GENERAL SHERMAN, por Augustus Saint Gaudens.....	4	2
PADRE DUFFY, por Charles Keck.....	1/2	4 1/2
THEODORE ROOSEVELT, por James E. Fraser.....	1	5
ATLAS, por Lee Lawrie.....	0	6
O MONUMENTO AO NAVIO DE GUERRA "MAINE".....	0	6

Aqui deixamos esta sugestão aos nossos urbanistas e críticos de arte para que tenham em situação semelhante, um padrão seguro por onde se guiarem. Quem nos diz que muitas estátuas do Rio não merecem um julgamento como esse e idêntica condenação?

De quem é a culpa?

Si V.S. sofre de dôr de cabeça, tonturas, pêsos, calor e mal-estar na cabeça, empachamento, dôres e outras perturbações do estômago, certas coceiras e irritações da pele, falta de apetite, preguiça e moleza geral, língua suja, quentura na garganta, mau gosto na boca, mal-estar depois de comer, indigestão, mau hálito, arrôtos, gases, dôres, cólicas, e outros desarranjos do ventre, azias, ânsias e vontade de vomitar, nervosismo e outras alterações da saúde provocadas pela prisão de ventre, a culpa é sua porque não se trata como deve.

Estas moléstias quasi sempre são causadas por impurezas, substancias infetadas e fermentações tóxicas no estômago e intestinos, que invadem o sangue e prejudicam o organismo.

Para evitar e tratar estes sofrimentos, use **Ventre-Livre**.

Ventre-Livre limpa o estômago e intestino das impurezas, substancias infetadas e fermentações tóxicas, e assim evita e trata tão penosas doenças.

Use **Ventre-Livre**

* * *

Lembre-se sempre:

Ventre-Livre não é purgante

* * *

Tenha sempre

em casa **Ventre-Livre**

REVISTA DA SEMANA

Publicação de arte, literatura e modas — A decana das Revistas nacionais
Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples: Um ano — Cr.\$ 63,00; Seis meses — Cr.\$ 32,00
Registrada: Um ano — Cr.\$ 80,00; Seis meses — Cr.\$ 40,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr.\$ 170,00; Seis meses — Cr.\$ 90,00

O numero avulso custa Cr.\$ 1,50 em qualquer parte do país;
o numero atrasado: Cr.\$ 2,00

Rua Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro

Telefones: — Direção: 22-2622; Gerência: 22-2550; Redação: 22-4447;
Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

Sucursal em S. Paulo: Rua D. José de Barros, 323. Telefone 4-7866

Tem agentes em todas as localidades do território nacional

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Koppe & Cia. Times Bldg., New York City. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa postal 434. Lourenço Marques. No Uruguai: Moratori & Cia. — Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 229 — Tel. 33, Avenida 9109 — Buenos Aires.

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA. — Diretor: GRATULIANO BRITO

Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

Este numero consta de 52 páginas

A nossa capa

Genuflexas, mãos postas, olhinhos fechados, as crianças oram:

"Padre nosso, que estais no céu!"

Lá fóra, os homens esqueceram Deus e enormes máquinas barulhentas riscam o céu negro, carregando no seu bojo de alumínio, fogo, morte e miséria.

"... santificado seja vosso nome..."

uma legião mecanizada quebra ídolos.

"... perdoai nossas dívidas..."

e o pelotão de fuzilamento põe manchas rubras num muro branco.

"... amem!"

Nossa capa é um flagrante confortador na era hodierna. A Irmã, lago manso de bondade e perdão, ensinando às crianças que ha um Deus, único, e infinitamente misericordioso, que perdôa seus inimigos e dá, com alegria e paz, o pão nosso de cada dia: é um

oasis viride e calmo no deserto do globo castigado, agora, com o *sinum* da guerra!

A's crianças pertencerá o mundo de amanhã. E as crianças salvarão o mundo porque, genuflexas, de mãos postas, olhinhos fechados elas já sabem dizer:

"Padre nosso, que estais no céu..."

O nosso número de aniversário

A propósito do número de aniversário de REVISTA DA SEMANA recebemos telegramas de felicitações dos srs: — Mario Gonçalves, p. Laboratórios Raul Leite S. A., Otto Linhares, Gastão Vidigal, Dioclécio Dantas Duarte, Antonio Cupertino Miranda, Ciro Aranha, Mario Barata, Nabor Fernandes, Mario do Amaral, Dr. Rogerio Coelho e Miss Baby. Agradecemos.

QUANDO a galinha pedrês tirou a sua ninhada de quinze pintainhos, loiros e claros como um sol de inverno, surdiu uma franguita rica, de penas encrespadas e muito amarelinhas, linda como os amores...

E vai a senhora Aninhas, certa manhã, quando o galo grande batia as asas de ouro diante das galinhas, cantando "bons-dias" numas risadas doídas de cristal, ao mirar contente a ninhada alegre a correr, a palrar, a pipilar atrás da mãe cacarejando, bispou graça á pinta rica e saíu-se p'rá filha: — Olha cachopa, — aqueia é p'ró teu dia grande...

A cachopa corou. Acendeu a cara inda mais que o queimado em solheiras de sachas por dias quentes de maio. Enrodilhou nos dedos o avental pontudo, ferrou envergonhada os olhos no chão. E condenou á morte logo que pudesse, — logo! — a franguita de pernas encrespadas e muito amarelinhas...

Ora a menina Zefinha ia com o seu namôro bem adiantado.

Todas as tardes, mal trindades batiam, mestre Jo'quim Carvalheza seu conversado, poisava a enchada. Tirava seu chapeirão enorme de feltro escuro. Quedava-se num breve recolhimento de reza, — "louvado seja o Senhor por todo o sempre!" — Persignava-se, benzia-se, e dava fim á jornada.

E pela macia suavidade dos poentes, na calma do sol morto, lá estava rente, ao fundo do côrego, á sua espreita.

Conto Português

São João

RAIMUNDO ESTEVES

Menina Zefinha recolhia a casa a mai-lo paj, um velhote são e forte como as armas. E amigo Jo'quim mal os bispava lá em riba, á volta do pinhal manso do Brasileiro, logo gritava de puro gôzo:

— Eh! g'arde-os Deus...

O velhote sorria. Entalava o sacho no sovaco. Atirava-lhe uma mãozinha da tesa. Encafuava os dedos grandes nas cavas do coleto. E retorquia vagarosamente, num vozeirão rouco e pausado:

— Deus te g'arde mê rapaz...E sumia-se adiante, a cantarolar...

E eles, acasalados, muito juntos, volteavam os repetidos torcicolos da vereda, tagarelando, rindo, mais felizes na vida que o Senhor S. Brás em seu altar!

Ora pela festa da Senhora da Ascensão, amigo Jo'quim Carvalheza enganou-se como um homem...

Aquilo perdeu a noite c'uma malta de amigos. Bebeu-lhe rijamente. E caso é que tomado da pinga teve o atrevimento, o descaro de passear á luz do Sol, em plena romaria, diante de quem quiser, ennaipado com certa sujeita reles, mais porca e desavergonhada que uma cadela!

...E agora aí o verás! Menina Zefinha quando tal soube e tal viu inda arregaçou as mangas do seu corpê com rijas ganas de o sovar, de rematar ali o caso á lambada. Amigas suas, porém, acertadamente a aconselharam: — "Que deixasse lá..." "O desprezo inté era o melhor..."

E menina Zefinha concordou. Acomodou-se. mas bem alto bramiu: — "Que nunca mais o Jo'quim Carvalheza lhe veria os dentes. Olarila!... Tão negra fôsse ela com'um chamiço..."

...E o raio da cachopa — Deus me perdôe! — se bem o disse, melhor o fez!

E nada, nada a demoveu, nada a levou a fazer "pazes". Nem restolhadas ao luar quente. Nem jogos de debilhas. Nem brincueiros de ceifas. Que: "tinha dito, tinha dito..." "E não lhe fanfassem trêtas, não lhe fôssem p'rá lá com lérias, qu'ela é qu'o conhecia de ginjeira..."

Té que chegou a festa do Corpo de Deus, que adregou em calhar na ante-véspera da do S. João. A' tarde, o cachopado a mai-lo rapazio ajuntou-se á porta do tasco do Zé Maria. Um pifaro ganiu. Um harmónio chiou. Improvisou-se ali um danço. E quando Zefinha recolhia á sua toca, já ia escurecendo e a noite vinha perto.

Ao dobrar o melodal do Sôr Toninho, surdiu-lhe ao caminho amigo Jo'quim Carvalheza. Aquilo ia roído de ciúmes, por'môr d'a ter visto dar trela do Abilio, — um garotêlho sem eira nem beira...

E saltou-lhe á frente, decidido e lesto:

— A menina dá-me a palavra?...

Ela estacou de banzada. Fez-se com'uma pa-poila. O coração prantou-se-lhe aos pulos no peito com'um pardal nas unhas de um garoto. A língua entaramelou-se-lhe. E foi a muito custo que disse:

— Ora essa...

Ficaram-se assim um longo tempo, atrapalhados, mudos, afônicos na poeira de ouro fulvo da tarde...

A tremer, assim c'o medo igual ao de quem faz um crime, êle tornou baixinho:

— Eu cá bem sei qu'a menina já se n'o importa comigo...Qu'até já tem outro rapaz...

Ela conservou-se calada. Ardia na chama dos seus olhos de um negro líquido e sério, um brilho de maior ternura, como se lhe fôsse doce cada um daqueles dizeres tam simples...

— Vai daí vinha pedir-lhe o meu anel...

E apontou-lhe, nas mãos vermelhas, a aliança de prata que lhe dera pela festa do Senhor, uns bons dois anos atrás.

Ela mirou-o de face, os olhos, luz da alma, tão tristes, tão escuros, como dois vales estariam áquêle anoitecer calmo e quieto...E permaneceu no mesmo silencio pesado e grave.

Cortavam o ar macio e fino, cheiros de pinhas ardendo nas lareiras...

Ele perguntou:

— Não falas, tu?

E pausou, — surpreendido do tom de súplica dorida que dera às suas palavras...

Um sino lento, ao longe, tilintou espaçadamente horas de ceia...

O olhar dela estremeceu, lampejou num inquieto bater de pálpebras.

— Eu...

E ia a dizer-lhe, nem sabia o quê, quando subitamente um grito varou a noite:

— Oh Zefa... Zefa...

A cachopa respondeu desafogada:

— Senhora mãe...

E logo a voz voltou:

— Avia-te, mulher...

Ela correu, foi de abalada, contente por se livrar do embaraço, e já ao longe, a sumir-se na volta, bradou p'ró Jo'quim:

— Depois de amanhã, no S. João...

A Zefinha não pregou ôlho naquela noite. E no dia seguinte, contou tudo às amigas, ajuntando: "Que afinal o rapaz não era tão mau como isso... Nem a culpa fôra dêle só, coitado... Fôra tam'em das más companhias, que q'asi sempre deitam a perder uma pessoa..."

E amigas concordavam: — "Aí! que lá bons sentimentos tinha o Jo'quim, isso tinha... Tomaram elas topar um moço assim, que oitro galo lhes cantara..."

E por estas, e outras falas, se foi a rapariga domando...

A' noitinha queimou uma alcachofra numa fogueira. Besuntou-a de azeite da candeia. E foi prantá-la ao luar, para o relento da noite santa de S. João lhe dizer a sua sina. Se voltasse a florir, é por-

TOURO P'RA MIM
É PINTO... EU BEBO
MALZBIER!



REFEIÇÕES equilibradas proporcionam saúde e disposição. Equilibre suas refeições tomando Malzbier da Brahma, no seu almoço, lanche ou jantar. A Malzbier da Brahma é feita à base de puro malte, o que lhe garante um elevado teor nutritivo. Levemente adocicada, a Malzbier da Brahma completa as refeições deficientes e constitue uma festa para o paladar!



J.W.T

Malzbier DA BRAHMA

CIA. CERVEJARIA BRAHMA S. A. BRASILEIRA — RIO DE JANEIRO — SÃO PAULO

Casamenteiro

que era amada. Se não florisse, é porq' o Jo'quim não passava dum trapalhão...

E pôs-lhe à banda uma moeda de cinco réis, p'ra dar a um pobre cujo nome seria o do seu homem. E resonava: "só p'ra ver s'atino..."

Deitou-se frenética, não dormiu um Padre Nosso. E inda a manhã vinha onde Deus era servido, saltou da cama alvoroçada.

Correu à janela. Jesus, Senhor! A alcachofra era uma beleza, tão linda, tão florida, qu'intés!... E batia palmas de satisfação.

E enquanto o pai se ia a dar uma vista de olhos pela lavoira, ver a amostra da vinha, o feijão foicão e o milharal barbado de oiro, de canoilas como punhos e franças já na cresta, atirou-se ela aos luxos como S. Tiago aos moiros.

E foi um restólho dos demónios. Tudo andou ali numa roda viva, que nem fuso em unha de fiandeira lesta.

Primeiro foi o saiote de baetilha c'uma barra de bordados verdes. Depois o corpinho de pano vermelho acarelado de veludilho azul. Calçou umas meias brancas e uns chinelos de verniz pespontados a grêgas de torçal. Vestiu uma saia rodada às pregas. Prantou na cabeça um lenço ramalhudo co'as pontas por riba dum chapéuzinho redondo de feltro, com plumas encarnadas e roxas e cortas e espelhos ao redol. Nas orelhas enfiou as arrecadas novas. E à volta do pescoço enrolou um cordel de pérolas e um grilhão de trinta moedas de peso, afora um coração enorme em filigrana de oiro.

Antes de partir abriu a arca grande, tirou uma nalga acogulada de milho, chamou a criação:

Pi...pi...pi...pi...pi...

Veio tudo, patos e galinhas numa correria sô-frega. Espalhou no eirado o comer p'ra todo o dia. Reviu-se na sua franga rica, gorda como um texugo. Sorriu. Chamou num berro o pai e a mãe que punha o farne quentinho no balaio:

— 'nhôr pai! 'nhôra mãe!

Ao cortar o adro o rancho engrossou. Juntou-se-lhe um grupo de rapazes que ali estava à espreita. E logo o olhito vivo e ladião de menina Zefinha enxergou à noite o Jo'quim Carvalheza, to'lo triques, numa farpela azul-ferrete novinha e n' fôtha, a tilintar nuns ferrinhos um acompanhamento sacudido ao fado bregeiro, gemido num harmónio de certo amigalhoete seu.

Puseram-se as moças ao derredor dos toques, que lhes traziam mais cô e alegria ao rancho largo. Ficou a velhada atrás em seu sossego, os homens com pipos e borrachas de vinhaça ao tiracolo, tagarelando da lavoira, e as mulheres co'as corbelhas à cabeça falando da courela.

E pela estrada branca de pó e doirada de sol, assim foi de longada caminho da festa, a roda feliz deromeiros, — em cata do lugar bento onde, cantando e bailando, rezassem a S. João, advogado de todos os que querem casar...

...E quem mirasse a Zefa, quem atentasse o Jo'quim, sem mais aquelas percebia que S. João ia fazer das suas. Isso ia...tam certo como três e dois serem cinco...

A principio tresmalhou-se o grupo. Uns foram ver o santo em sua capela florida de cravos de sangue. Outros quedaram-se pelo arraial gritante, perto dos carros de bois de toico baixo, onde pipas de palhete serviam vinho a ródos. O mulhierio gastou-se pelas tendas das chitas a fazer as suas mercas. Andava no ar um pó escuro. Aturdia o arruido do falazar do povoleu que apinhava o largo, — magotes de gertana bezoando, zaragateando, barulhando sob o calor de rachar do sol a pino...E só pela tarde, quando o céu se tingiu de cobalto e foram chegadas horas de merenda, se juntou de novo a malta num deslado, na sombra vasta de um pinheiral copado e velho.

A comezaina foi comum. Tudo rilho... do farnel de seu vizinho. A borracha, o pipo de qualquer, andou de bôca em bôca sem cerimônias. Té que ao resto, quando a pinga acendeu scintilas garôtas nos olhos da gente moça, e uma grande alegria polvilhou tudo de risos, se fez ali um danço rijo.

Amigo Jo'quim Carvalheza tomou para seu par a amiga mais amiga da menina Zefinha, e antes de entrar na roda, chamou á banda o marcador e segredou-lhe ao ouvido duas trêtas que o outro escutou nuns gestos de entendido, acrescentando 6 depois duma mãozada — "Que fôsse descansado...Que o resto era co'êlé..."

...E logo se formou a roda larga. Nos bordões das violas rosnaram os primeiros "tuns-tuns" do "estalado". O mandante berrou forte sôbre o faianlolar da dança:

— E à primeira...Certo...Certo...

E logo o amigo Jo'quim Carvalheza, atirou na sua voz possante ao vasto ar luminoso e doce: Madre-silva diz "Amor"

Zanguizarrada nas banzas, uma música saltitante e viva, chocachava o acompanhamento. 4

Madre-silva diz "Amor"...

A perpétua diz "Firmeza"...

Pausou, os olhos fixos no ramo que a Zefinha trazia à sua cinta estreita...

A voz do marcador volveu por sôbre o barulhar da dança:

— Umas palmilhas...

Uma revoada de palmas, certas, a espaços metódicos, bateu com timbres de oiro...

— Eu passei...Torn'á passar...

E amigo Carvalheza com'um valente:

Malmequer diz "Não te deixo"...

Nas cordas dos violões, o "estalado" passava compassado co' estálido dos dedos, dos pares e do tilintar do oiro das imagens e dos cordões por sôbre os seios aos baloiços do mulhierio feliz e pimpão...

Malmequer diz "Não te deixo"...

Não me deixas com certeza...

E no fim, de pupilas acêsas, procurou-a pela fila longa dos pares que se perdiam numa roda imensa, pela sombra vasta do pinheiral copado e velho...

E arrumou ali umas patadas têsas, satisfeito, pr'amostrar alegria e a rijeza das curvaturas das suas pernas...

O mandante berrou:

— Passa e volta...Ao largo, ao largo...

...A roda fez-se mais larga, mais folgada, mais vasta, e tudo ao redol ia de olhos fincados em menina Zefinha, que não era peça nenhuma, nem tam pouco mulher para ouvir e calar.

E logo a cachopa deu um safanão aos ombros roliços, carnudos, e a olhá-lo de esconso, se safu de cara levantada:

"Zai! estiveste a'advinhar,"

Ficou-se-lhe a voz a morrer numa dengui-ce, para voltar presta numa energia barrosã:

"Zai! estiveste a'advinhar,

Que di-l'ô mê' ramilhête..."

O marcador berrou por riba do farandolar do danço:

— Dois pares à frente...

...Só um par separava agora os namorados desavindos...

"Diz qu' ê' gosto dum rapaz"

Espalhou as mãos nas ilhargas, levantou a grimpá, olhou-o de caras e, meio trocista, rematou:

Continúa na página 30



PARA conservar os dentes brancos e fortes, as gengivas perfeitas, o hálito sadio e agradável, use PYOTYL, o dentífrico que preenche todas as exigências de uma higiene bucal completa.

PYOTYL

"O CRIADOR DE SORRISOS"

o dentífrico mais completo
— creme dental e líquido

EM TODAS AS BOAS FARMÁCIAS E DROGARIAS

ESTE É O CHARUTO VITORIOSO



CUIDADO
COM A LIMPEZA RADICAL
quando se tratar do ESTÔMAGO!

Purgantes podem prejudicar o estômago; o que ele precisa é de um corretivo que normalize a digestão. Tenha sempre à mão Fostex, que não contém cáusticos nem laxantes.

• Combate acidez • Absorve a fermentação • Elimina gases • Estimula a função biliar • Auxilia o tratamento das úlceras

COMPRIMIDOS
FOSTEX
Fármacos de tomar e desat

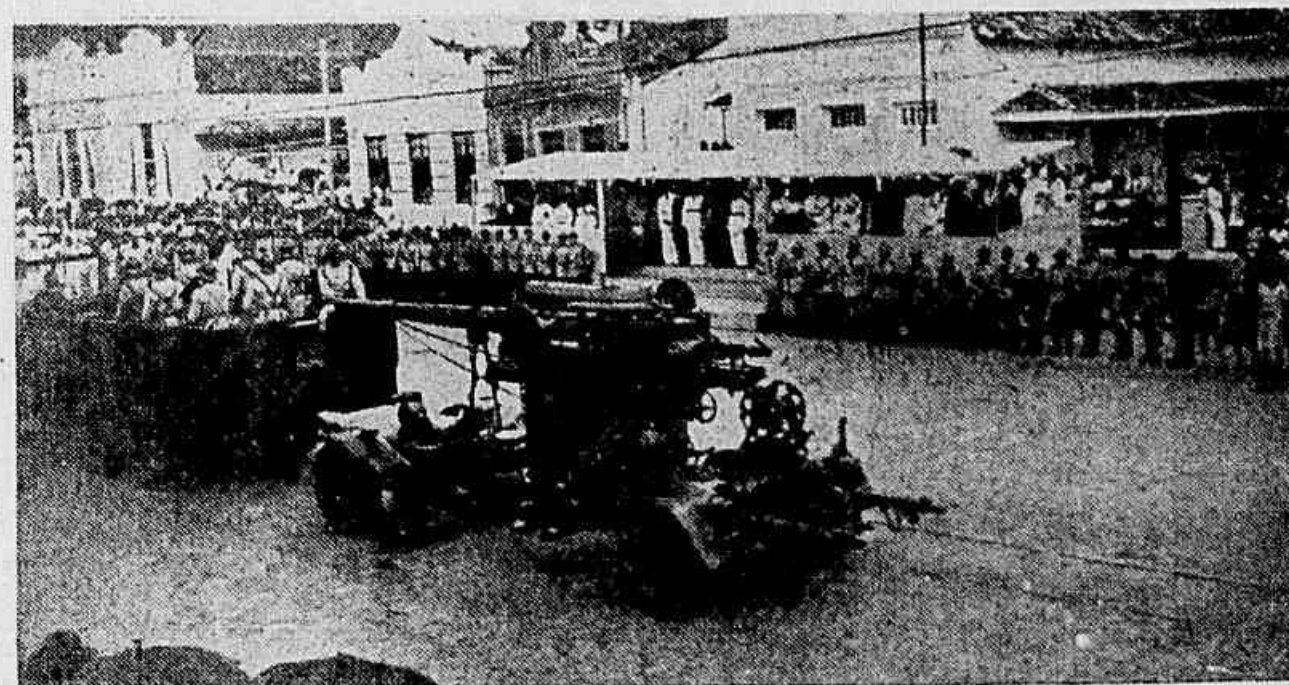
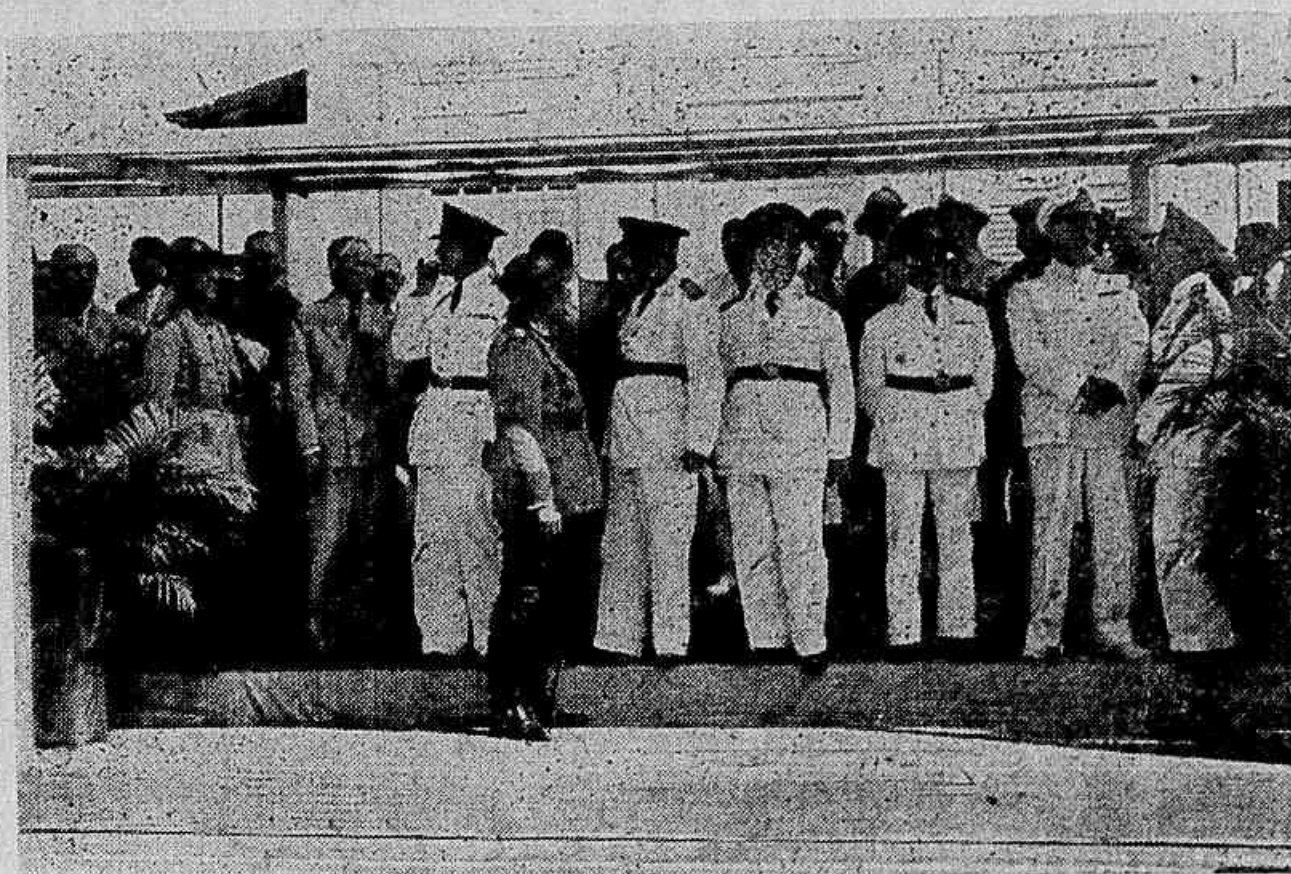


**É O MELHOR
E
NÃO É O MAIS CARO!**



A VENDA EM TODO O BRASIL

O MINISTRO DA GUERRA

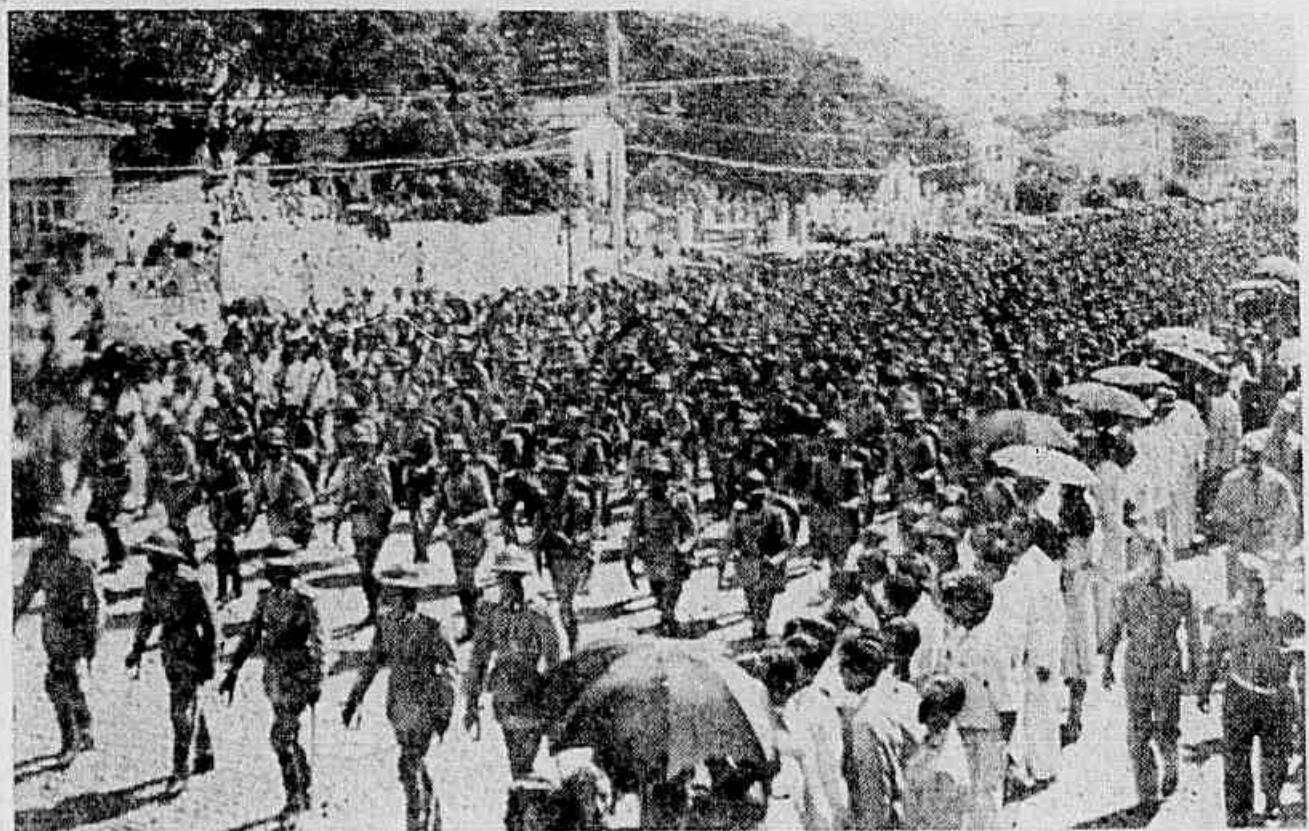
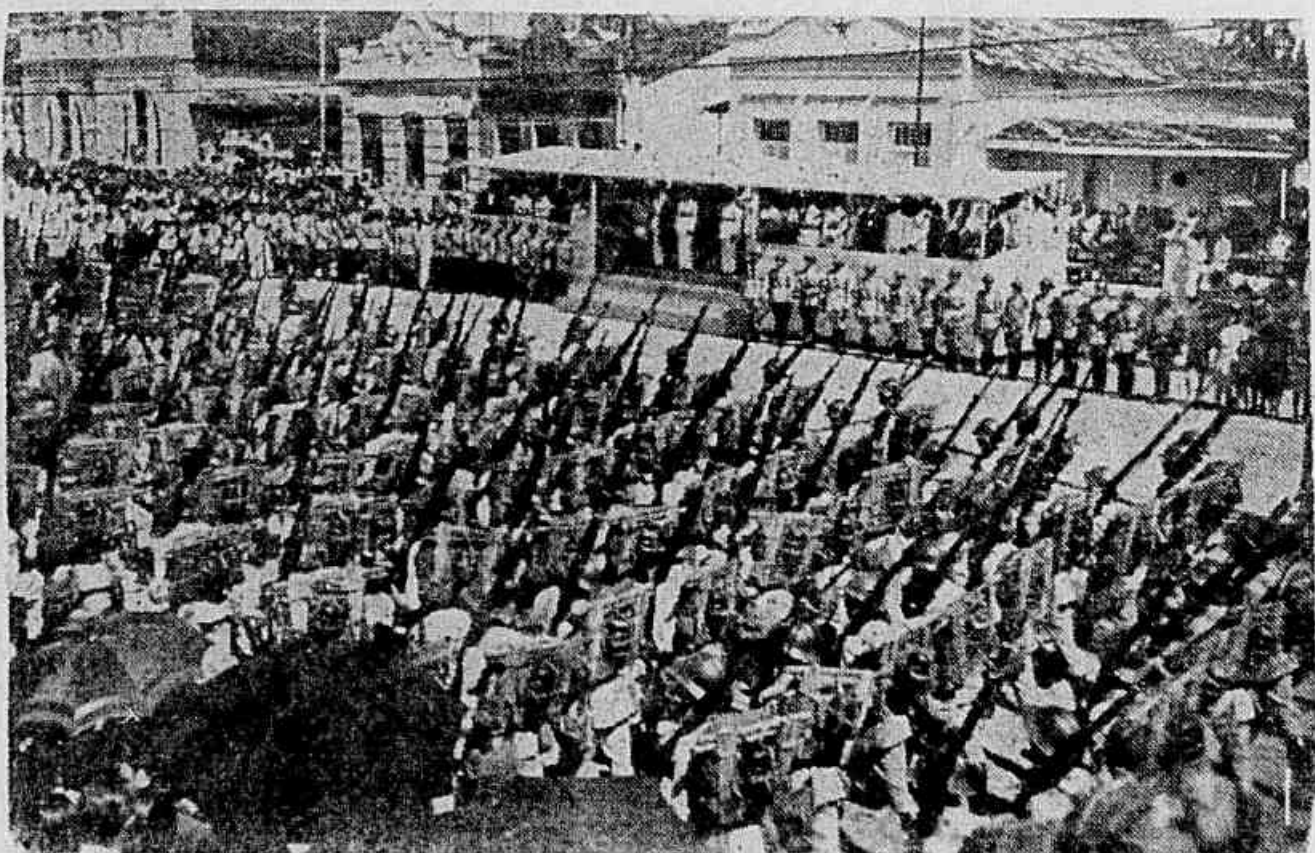


Natal, "o trampolim da Africa", recebeu com carinho a visita do titular da pasta da Guerra, sr. Ministro Enrico Gaspar Dutra.

Aguardaram S. Ex. no campo de Parnamirim os srs. Interventor Rafael Fernandes, Almirante Arí Parreiras, chefe da Base Naval de Natal, general Cordeiro de Farias, comandante da 14a. D. I. e outras autoridades.

De um palanque armado á Av. Deodoro e em companhia do mundo

EM VISITA A NATAL



oficial o Ministro Gaspar Dutra assistiu o desfile, realizado em sua homenagem e sob o comando do Cel. Liberato Barroso, das tropas do 16.º Regimento de Infantaria, do Grupo de Artilharia Anti-Aérea e da Companhia de Engenheiros.

Publicamos alguns aspectos fotográficos dessa magnífica parada quando a população de Natal, que não poupou aplausos, assistiu pela vez primeira o desfile de carros de assalto e tanhões anti-tanques.

AGUA TONICA DE QUININO



Nº bar, nas varandas do hotel, nas praias, nos clubes, nos navios entre os momentos de vida esportiva e de vida mundana, a AGUA TONICA DE QUININO é a bebida predileta. Simples ou misturada com GIN DUBAR, nessa composição esplendida que é GIN TONICA.



UM PRODUTO DA

ANTARCTICA

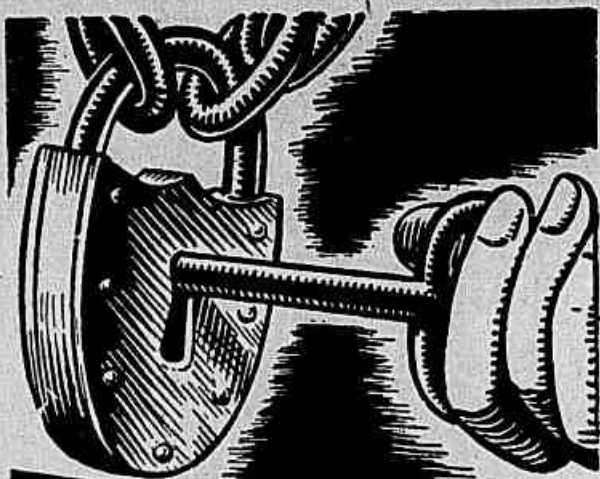
CONTINENTAL

Que Dôres De Cabeça!

As dores de cabeça e nevralgias acalmam-se e aliviam-se friccionando as fontes e a testa com Mentholatum. Sentirá logo uma agradável sensação de frescura e bem estar. Insista sempre no legítimo



MENTHOLATUM



LAXOLAGAR
GRANADO

COMBATE A
PRISÃO DE VENTRE
E NORMALISA AS
FUNÇÕES DO TUBO
DIGESTIVO



T. TARQUINO

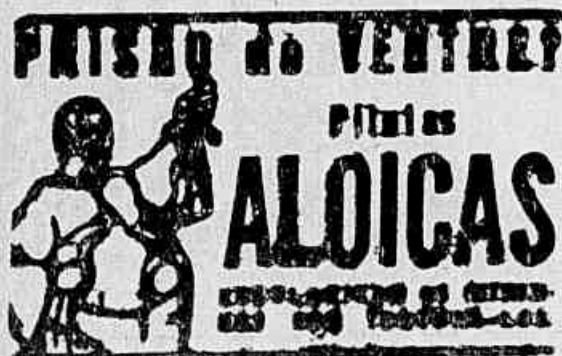
**CABELLOS
BRANCOS**

CASPA
Queda
dos
Cabellos

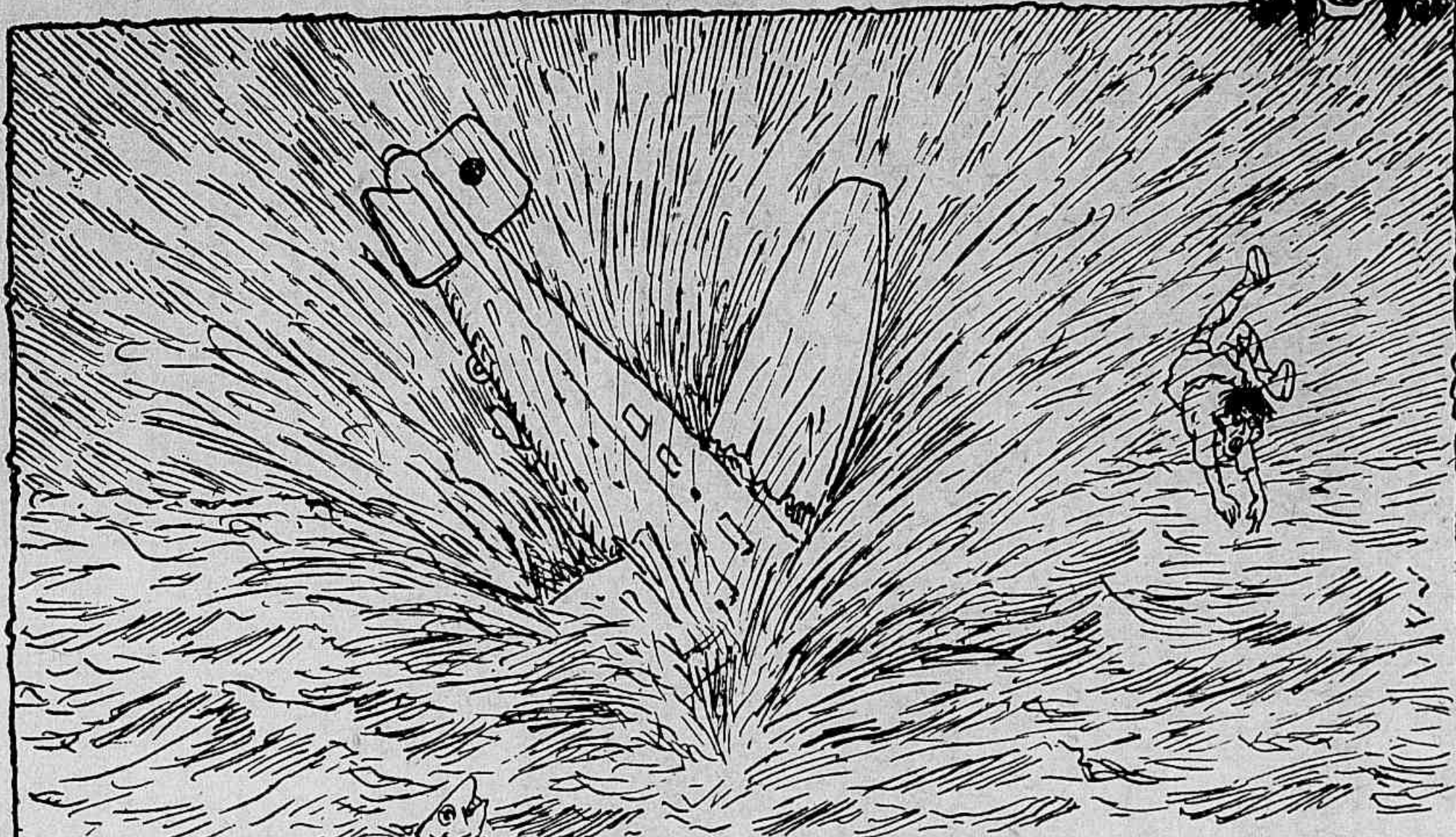
**JUVENTUDE
ALEXANDRE**

Ainda que o mergulhes no grande mar, teu pucaro só trará a água que nele cabe.

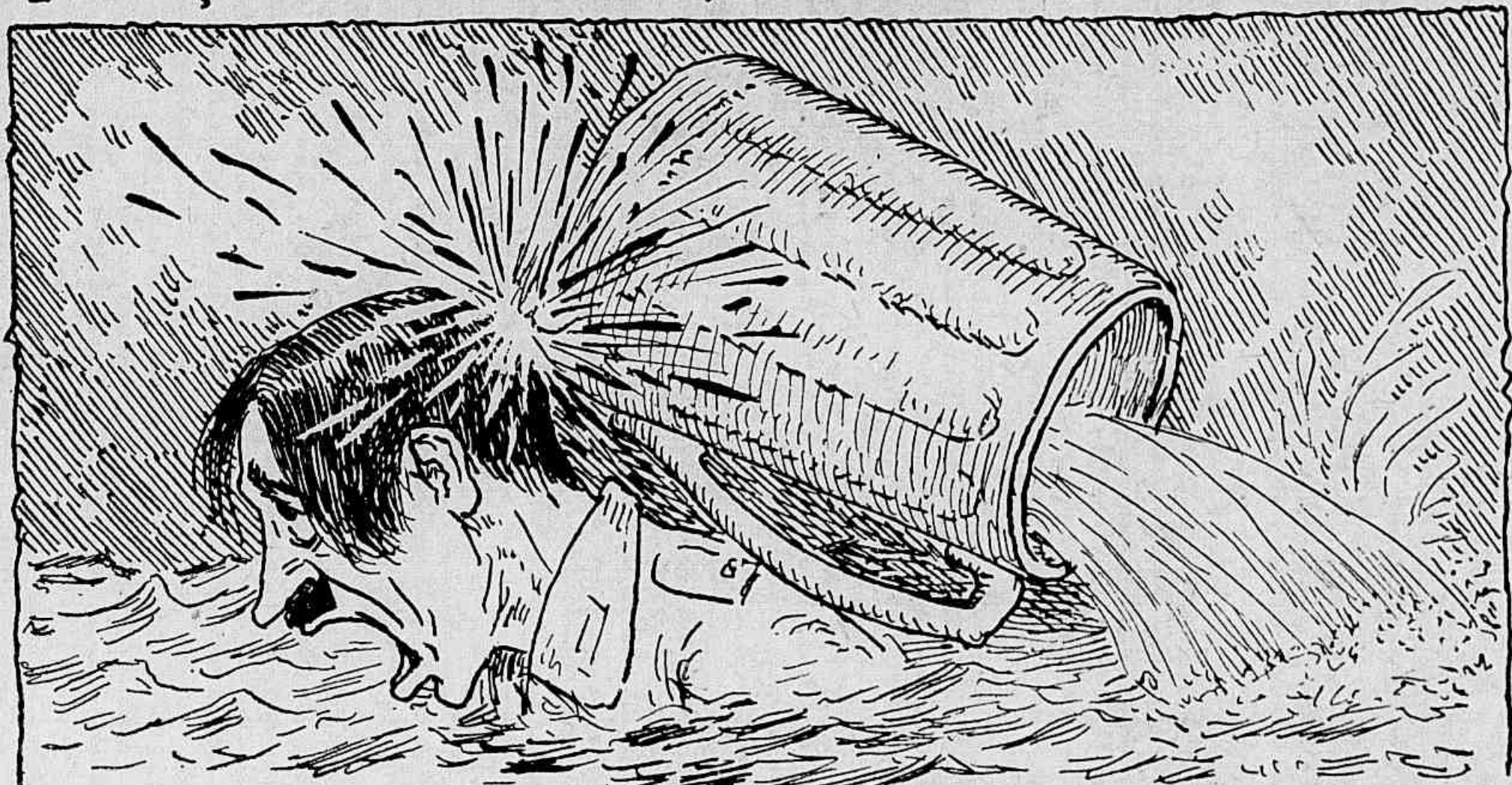
Proverbio Malabar



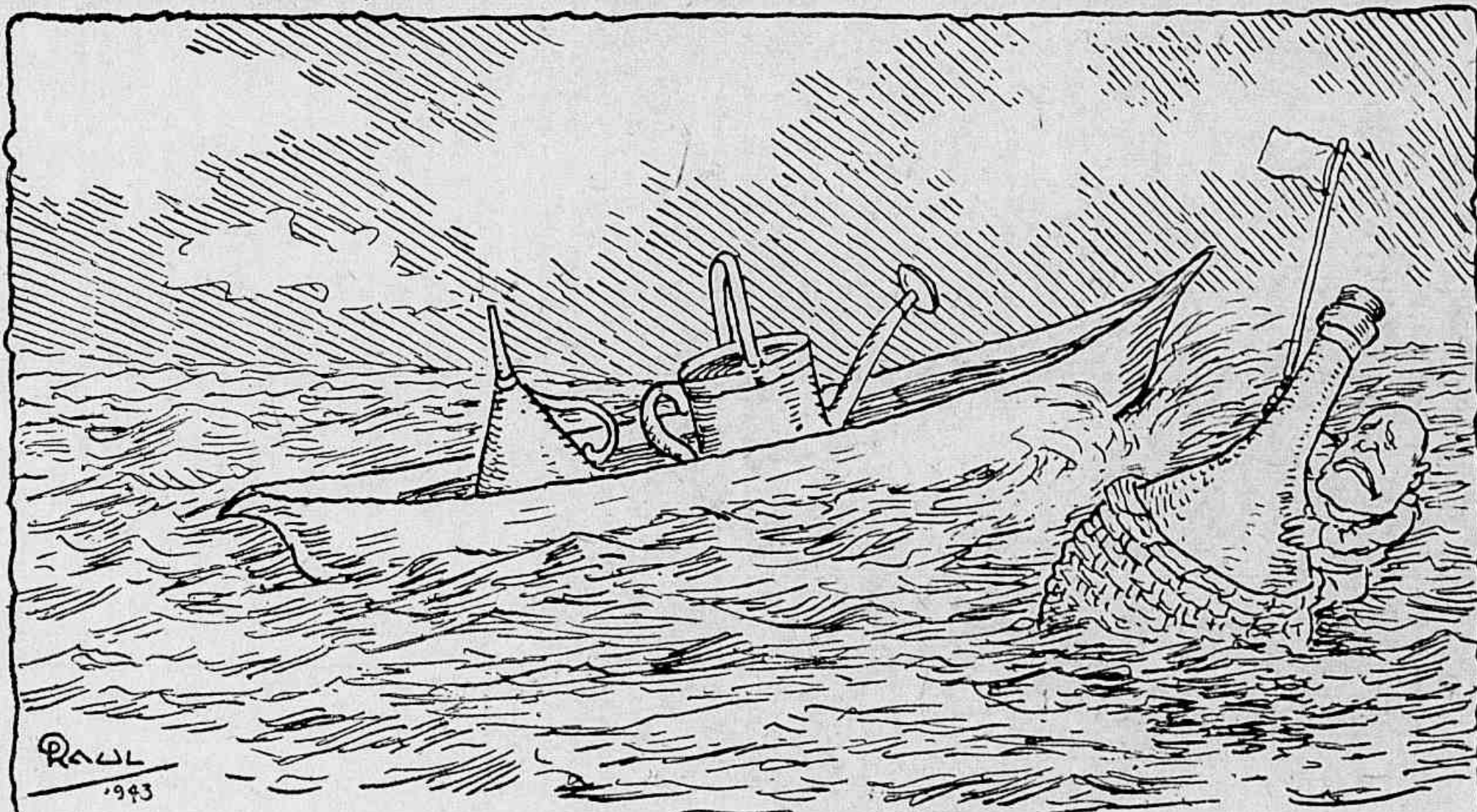
TELEGRAMAS



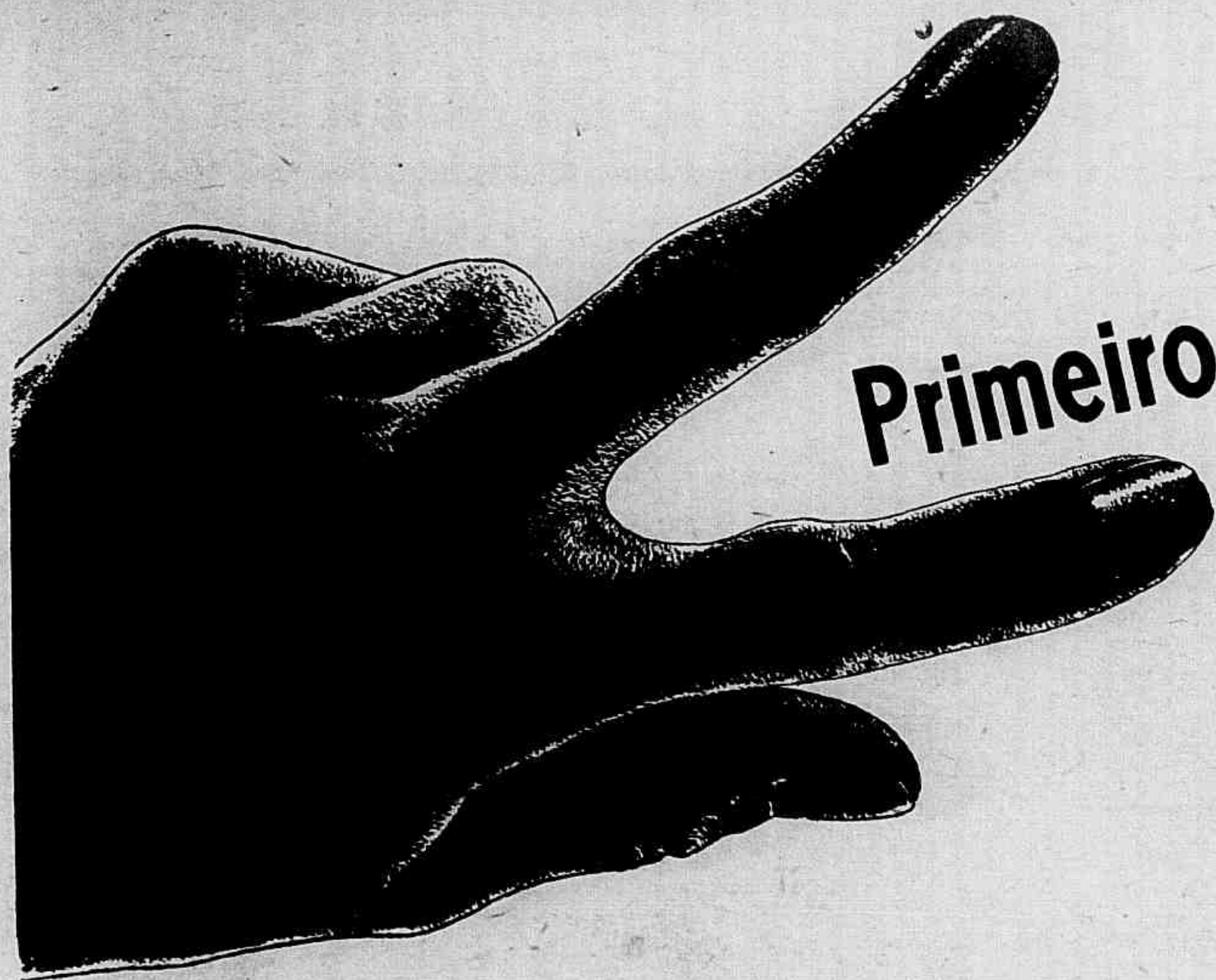
«Foi lançado ao mar o novo tipo de avião "Mihi Janacâma"»



«O velho canhão "Shukruth" abre mais uma nova brecha.»

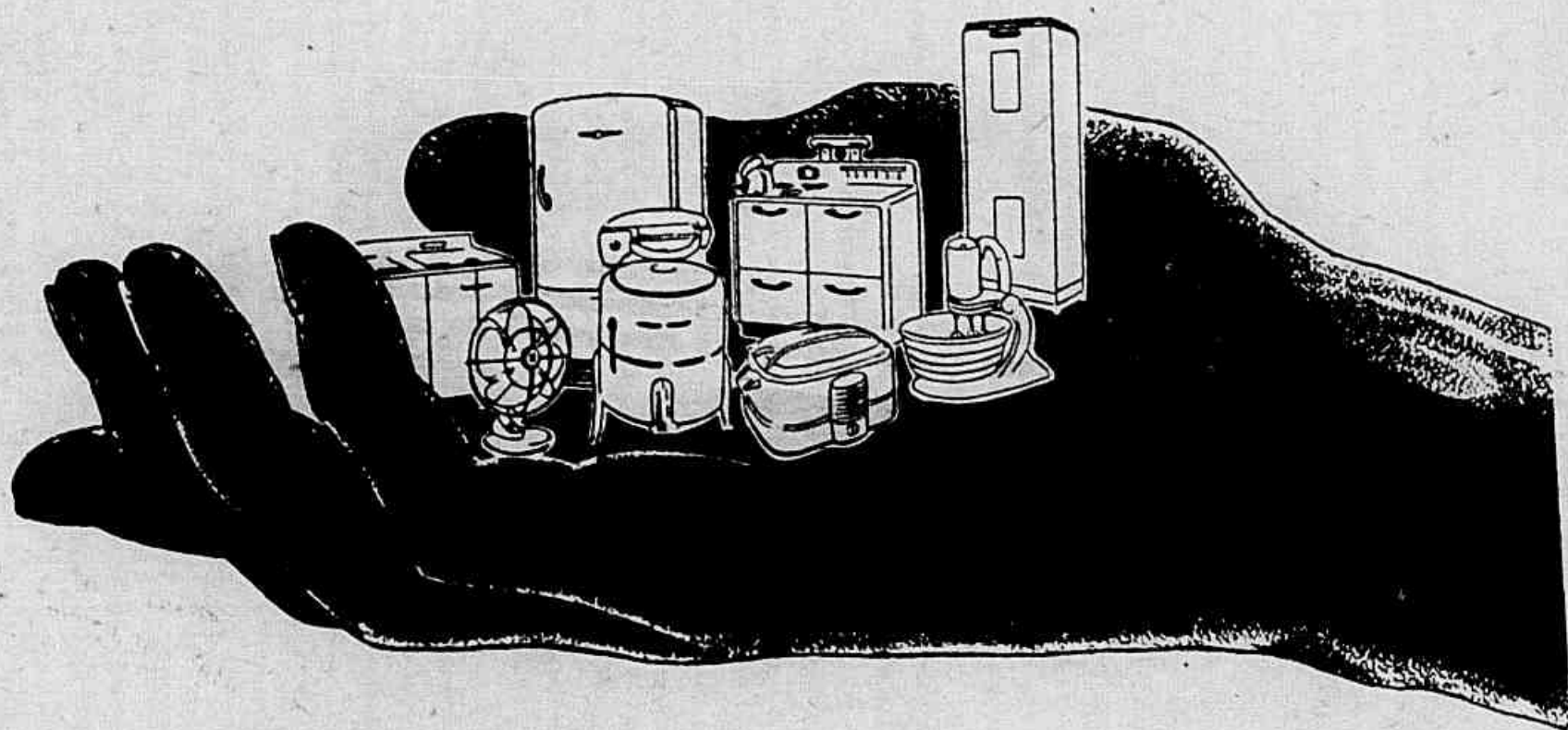


O super-couraçado "Lambédúce" entra em patrulha e com boia



Primeiro... Vencer a Guerra!

Devemos vencer a guerra. A tarefa é árdua e exige um esforço total. Hoje e enquanto fôr necessário, todos os recursos disponíveis da General Electric estão a serviço da Vitória. Vençamos esta guerra o mais rapidamente possível — e de forma completa!



Depois...

Quando a Vitória for alcançada, a General Electric voltará a criar e fabricar os aparelhos que tanto contribuem para o bem-estar de todos nós.



Nesse Interim

Procure conservar, da melhor maneira possível os aparelhos General Electric que possua em seu lar. Hoje são considerados verdadeiras preciosidades, pois, enquanto a guerra durar não serão fabricados novos.

GENERAL  **ELECTRIC**

MOVIMENTO LITERÁRIO

ATURÁ DE RITMOS, poesias de Alves de Menezes, ilustrações do autor. — Rio de Janeiro, 1943.

O Sr. Alves de Menezes começa por explicar o título do livro, o que certamente era necessário para boa parte dos leitores.

Aturá — balaio rústico
feito de cipós em tranças...
Meu coração — aturá
carregado de lembranças...

Mas esta quadrinha se limita a revelar a capa do volume; não define o conteúdo nem dele sequer dá idéia. São quadros e episódios da grande vida — amazônicas, olhados e interpretados por um poeta de temperamento suavíssimo. Os assuntos que a tantos outros homens de letras, novelistas cronistas, rimadores, teem inspirado páginas de assombro, de febre, de alucinante maravilha, a ele lhe sugeriram delicadezas e graças de idílio — e uma ou outra reflexão melancólica, não, porém, destituída de doçura. O poeta nos ensina de modo leve, sem deixar de ser expressivo, como são os frontispícios e os interiores de floresta; como o sol aquece e fecunda as imensidades verdejantes; os pássaros cantam e se amam; a "mãe d'água" se disfarça em embarcação para pedir socorro e vitimar os que lhe acodem; uma velha canoa vai morrendo ao abandono; as

rãs e as gias coaxam à beira dos peráus; o caboclo fiska — Tá preso, danado! — o lustroso, rabeante, célere pirarucú; a gente ribeirinha se agita, chama e acorre, quando vem chegando "o gaiola"... E certas árvores lhe merecem poesias à parte, só delas: assim a Sumaumeira, a "mãe da mata virgem", cuja fronde se alteia e parece velas "por sobre as outras frondes da floresta", assim o pérfido, ingrato Apuí, a quem o sr. Alves de Menezes faz, por baixo de sugestivo desenho, estes versos tão sugestivos:

Apuí,
Apuí,
que nos êrmos soturnos da floresta
mataste o urucuzeiro,
o urucuzeiro que te foi tão bom,
que te deu a mão,
que te deu a seiva,
que te deu a vida,
e que te balançou
na rede verde
das suas ramagens,
a cuja sombra perfumada e boa
cresceste
e floresceste,
ouvindo o canto lírico dos pássaros
e o bárbaro clamor das pocêmas selvagens!...

O urucuzeiro foi tão teu amigo
Apuí,
Apuí...

Essa copa triunfal que hoje ostentas ao sol,
tôda cheia de alegres passarinhos,
e onde o vento sacode os turibulos rústicos
dos ninhos,
incensando de sons
o espesso matagal,
tudo, enfim, que possues,
e que exhibes à luz
clara,
e quente,
e fecunda,
do sol tropical,
tudo,
Apuí,
deves ao urucuzeiro,
ao urucuzeiro que te foi tão bom,
ó Apuí sem alma!
ó Apuí traícoeiro!
Apuí!
E's um símbolo
Apuí!

Como tu,
quanta gente,
quanta gente,
há por aí...

PROSAS ESCOLHIDAS DE ANTERO DE QUENTAL, seleção e prefácio de Fidelino de Figueiredo — Rio de Janeiro, 1943.

O sr. Fidelino de Figueiredo oferece-nos nas trinta páginas deste prefácio, o seu Antero prosador. Por muito que conheçamos o autor do mais que célebre opúsculo *Bom senso e Bom gosto*; por muito que nos julguemos familiarizados com os seus artigos de revista, os seus ensaios, as suas conferências, não deixaremos de tirar proveito desta apresentação magistral. Alguma coisa, com efeito, nos escapara, ou incompletamente se nos revelara ou, já por desaso, já por precipitação da nossa parte, nos levava a deduções, conclusões defeituosas. Pensávamos ter assimilado até onde possível a intenção e o caráter, as idéias e a forma, emfim o autêntico valor da obra. Estávamos enganados e agora temos que o reconhecer. Porque veio o sr. Fidelino de Figueiredo e, graças a um poder de análise e de interpretação de que não dispúnhamos, nos aproxima daquela individualidade, nos mostra a razão íntima e original daquela filosofia, os fatores consecutivos e harmoniosos daquela capacidade de expressão.

Razoavelmente, não nos deveria tal fenômeno surpreender. Nada mais natural; e só por vaidade fui irreflexão o não previmos. E' que o sr. Fidelino de Figueiredo, crítico, mestre de crítica, não percorre um livro, não acompanha um autor, como qualquer de nós. Ha grande diferença entre as nossas faculdades, os nossos objetivos e os dum leitor daquela qualidade; nós lemos para aprender e os homens como ele para ensinar. O seu espírito não se contenta com o nosso mais ou menos largo quinhão de aproveitamento. Visam a totalidade. Querem, conforme a expressão de certos teóricos e no dizer dos sociólogos consagrados da Comédia Francesa, "a parte inteira". Depois, como vieram ao mundo para cumprir a mais generosa das missões, igualam a distribuição, dando-nos a saber o que apreenderam de mais ou nós de menos.

O sr. Fidelino de Figueiredo exerce, como inspiração e privilégio, a penetração da peça literária. Vai à substância, à essência das coisas do pensamento e da arte. Emprega a sua inteligência, a sua cultura, a sua experiência, o tino esforçadamente adquirido e a segurança, cada vez mais pronta, de acertar, formando com tais elementos uma espécie de lanterna para chegar ao fundo de todos os segredos. E eis o que mais uma vez conseguiu, para nos edificar quanto às obras em prosa de Antero de Quental, à sua origem, à sua realização, à sua beleza, ao seu alcance. "Se Antero foi um guia — diz-nos num parágrafo modelar — houve uma geração guiada. Não ha pastor sem rebanho. E houve também um público fiel a ampliar-lhe a voz em ecos e glosas, como o câro da tragédia antiga. E' esse conjunto-guia, geração moral, publico para a ressonância das idéias — que eu considero um perfeito espécime na história da cultura européia". Eis o conceito que o prefaciador desenvolve, seguindo fóra dos versos rigorosamente ditos, ou paralelamente a eles; a vida e as criações do altíssimo poeta português.

J. L.

*Um romance onde tudo é vida,
só vida!*

Um livro de palpitante realidade, de
leitura suave e interessante. Uma histó-
ria para tôdas as mulheres do mundo!

Éramos SEIS!

pela Sra. **Leandro Dupré**

2.ª EDIÇÃO — com originalíssimo
prefácio de MONTEIRO LOBATO

ÉRAMOS SEIS é um livro que comove
e entusiasma. Um livro que se lê
com sofreguidão, da primeira à última
página.

...é um desses dramas raros e sur-
dos que se desenrolam entre quatro
paredes humildes. Seis figuras humanas
transitam pelo romance, vivem as suas
obscuras tragédias sem desespero e se
perdem sem rumor.

...narrativa simples e movimentada,
às vezes salpicada de ironia, ou de
doce perversidade, a formar este ro-
mance esplêndido, que constitui prazer
e repouso para o espírito.

— "ÉRAMOS SEIS" é o livro brasileiro mais
discutido pela crítica nestes últimos tempos!

Volume em brochura, Cr\$ 16,00
EM TÔDAS AS LIVRARIAS

• A Sra. Leandro Dupré es-
treou há pouco mais de um
ano com "O ROMANCE DE
TERESA BERNARD", um livro
que a gente lê de um fôlego,
não só pela clareza e espon-
taneidade do estilo da autora,
como pelo movimento e colo-
rido do seu entrecho.

Teresa Bernard, sempre huma-
na e feminina, ri, chora e vive
nas páginas desse livro, como
a maioria das mulheres riem,
choram e vivem na vida real.

Volume com 400
páginas, em bro-
chura, 2.ª ed., Cr\$ 20,00

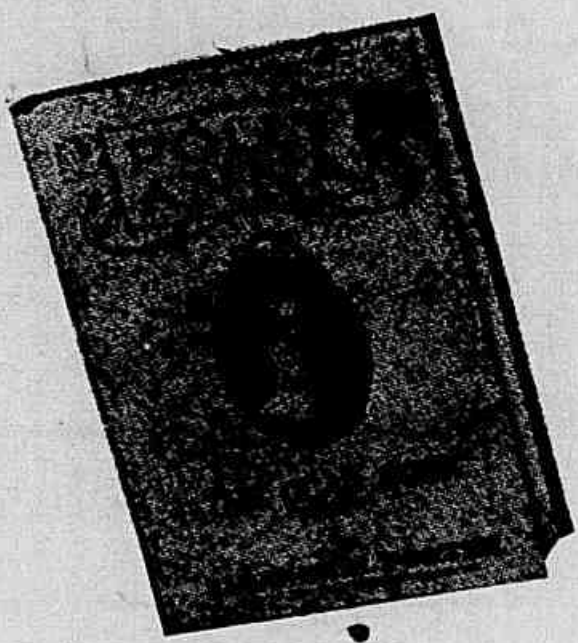


Edição da **COMPANHIA EDITORA NACIONAL**

Peça pelo Serviço de Reembolso Postal
Livraria Civilização Brasileira.
Rua 15 de Novembro, 144 — São Paulo
Rua do Ouvidor, 94 — Rio de Janeiro.

Livros que abalaram o mundo

De
BENNETT A. CERF



A razão pela qual todos aqueles correspondentes estrangeiros que encontramos no Clube da Cegonha em Nova York, ou no Mark Hopkins de São Francisco parecemos-nos um pouco caídos para o lado é que cada um deles carregou consigo o manuscrito de um novo livro no Egito, na Rússia ou no Oriente.

Quando o "Drottningholm" trouxe de volta nossos intrépidos jornalistas da Alemanha e da Itália, e quando o "Gripsholm" depositou sua quota do Japão, havia tantos editores e agentes no cáis empunhando contratos que uma lancha afundou no Hudson, ou acidentalmente ou graças à cooperação de um competidor.

Uma vés assinados, selados e entregues, os escritos dos correspondentes são arremessados às tipografias e publicados com grandes fanfarras. Da noite para o dia tornaram-se "best-sellers".

William White, filho do famoso editor da Gazeta Emporia, escreve a história dos admiráveis jovens americanos que dirigiam os barcos na luta inútil pelas Filipinas. Ele a intitulou "Homens para queimar". Cecil Brown que estava a bordo do "Repulse", quando foi afundado pelos japoneses, e que mais tarde foi expulso do rádio de Singapura, por ter irradiado a verdade sobre a cidadela condenada, escreve "De Suécia a Singapura". Howard Smith, um dos últimos reporters americanos e homens de rádio que deixaram a Alemanha, descreve o colapso gradual da economia nazista. Chama-a "O Último Trem de Berlim". São estes os livros que a América lê hoje. Eles e mais uma dúzia como eles demonstram o papel que os autores e editores desempenham nesta guerra. Estão dando ao público americano fatos, reais sem açúcar que foram muitas vezes censurados na Imprensa e proibidos no rádio. Sua larga circulação é uma garantia de que, após a vitória, o país saberá o que precisa quando for redigido o tratado de paz.

Pessoas que estavam em cueiros de 1914 a 1918 podem pensar que os "best-sellers" de hoje são a espécie de livros que sempre veio à luz quando a guerra submerge o mundo. No entanto uma expedição através das velhas coleções do "Semanário do Editor", o jornal comercial do mundo dos livros, prova que ocorreu uma revolução nos hábitos de leitura da nação.

Em 1913 o público americano que lia era inteiramente inconsciente da história que se gerava no dia a dia. Os gêneros de ficção superavam os demais na proporção de dez cópias para uma. E que ficção! Os livros de maior saída em 1913 eram "Laddie", por Gene Stratton Porter; "The Inside of The Cup" pelo americano Winston Churchill — que não deve ser confundido com o Primeiro Ministro — e "V. V.'s Eyes" por Henry Sydney Harrison. Cerca do fim do ano, apareceram alguns outros que puseram os anteriores no chinelo. Eram "Pollyanna", a história de uma "pequena alegre", na qual o público saboreava uma moralidade xaroposa.

Dois títulos de outros gêneros apenas ocupam lugar na lista de livros procurados daquele ano. Um chamava-se "Multidões", por Gerald Stnley Lee e o outro era "A Estrada da Amizade", por David Grayson. Ambos deixaram o mundo dos negócios mais ou menos como o haviam encontrado.

Isto não significa, compreendam-no, que livros de maior significação não estivessem ao alcance daqueles poucos que os requeriam. Si não havia oráculos jornalísticos ou técnicos radiofônicos para dizer ao mundo exatamente o que ia acontecer havia pelo menos alguns homens de visão que viam algo do que se preparava à sua frente. Quasi cem anos antes um oficial prussiano, de ascendência polaca, chamado Karl von Clausewitz escrevera um livro intitulado "Vom Kriege" — "Para a Guerra" — que enunciava a concepção da guerra total. O que von Clausewitz escreveu, Hitler o leu e aplicou.

Em 1897 o capitão americano Mahan escrevera "O Interesse da América no Poder Naval", "Presente e Futuro", onde predissera que a completação do Canal de Panamá implicaria que a "defesa americana" teria de incluir a proteção de pontos mais distantes, como as ilhas Hawaii e que o isolamento das questões mundiais não mais era possível. Em 1909 um homenzinho inacreditável chamado Homer Lea escrevera "O Valor da Ignorância", no qual profetizava um súbito ataque aos Estados Unidos pelo Japão. Lea, um corcunda que sofria de miopia, imaginava-se a si mesmo como "O Monge Marcial". Ignorado por seus concidadãos achou que a vida era mais suave na China, porém, mais tarde, numa curta visita ao Japão, espantou-se com a grandiosidade das visões imperialistas nipônicas. O livro de Lea contava como os japoneses primeiro tomariam as Filipinas, Hawaii e o Alaska, e depois invadiriam a própria costa do Pacífico. Os mapas estratégicos que desenhou em 1909 eram tão minuciosos que serviram de base a muitos planos militares norte-americanos em 1941. Trinta e dois mil exemplares do "Valor da Ignorância" foram vendidos. Infelizmente mais de trinta mil foram boicotados pelo Japão. A América, na realidade, só descobriu esse livro quando foi reeditado no ano passado. Lê-lo hoje é o mesmo que estudar a planta de um teatro que queimou ontem.

Só um número muito restrito de americanos ouvira falar desses livros especiais de Von Clausewitz, Mahan e Lea em 1913. Muito menos atenção ainda concederam a um volume significativo publicado naquele ano pelo junker, General Friedrich von Bernhardi, chamado "Alemanha e a Próxima Guerra". Este livro proclamava publicamente a teoria de que a guerra era necessária à vida e à virilidade de uma nação e indispensável a uma cultura.

Encarava francamente a possibilidade de uma guerra no futuro imediato entre a Inglaterra e a Alemanha. As palavras proféticas de Von Bernhardi impressionaram o redator de "A Nação", como "tolice biológica e econômica" e ao editor de um importante jornal de Boston como "uma peça de trovada acadêmica".

A simples verdade acerca do público americano de trinta anos atrás é que não possuía uma visão continental sobre o que se processava na Europa. A guerra rebentou em 1914, e em 1915 a máquina de propaganda inglesa, então incomparável, começou a dedicar seus esforços ao povo americano. Os títulos importados demonstraram um aumento de cerca de 500 em 1913. Sutilmente encorajado por Downing Street, Richard Harding Davis escreveu "Com os Aliados", e E. Alexander Powell produziu "Luta na Flandres". "As Trilhas de Glória" visavam ser a primeira pintura realista dos horrores da nova guerra. Todos estes livros juntos não igualavam a venda de um só livro épico de Gene Stratton Porter ou Harold Bell Wright. O negócio de livros estava em calmaria.

Em 1916 começou a surgir na consciência americana a idéia de que pudéssemos acabar envolvidos na guerra européia.

"Os Primeiros Cem Mil" de Ian Hay obtiveram enorme popularidade e o mesmo aconteceu a "Multidão de Kitchener" por James Norman Hall que

mais tarde colaborou em "Motim a Bordo". "Mr. Britling observa" de H. G. Wells, a história de uma família inglesa durante a guerra, atingiu o cimo das listas de sucessos. No entanto, de um modo geral, os títulos de ficção começavam, pela primeira vés, a ceder lugar a outros gêneros — tendência que nunca foi invertida. O aspirante a novelista dos últimos anos tem contra si o "Eu estava lá", pois o melhor conto de aventuras empalidece ante o fato atual.

A grande sensação em matéria de livro, em 1917, foi uma pintura da vida, nas trincheiras, intitulada "No Alto da Colina". Seu autor, o sagaz Arthur Guy Empey, chegou a Nova York no momento psicológico e começou a encher os salões de conferência de um canto a outro do país com suas poderosas descrições da vida na frente. Hollywood tomou essas histórias como evangelho mas os americanos que combatiam nas trincheiras aprenderam a considerá-lo com um riso irônico. Outro favorito do ano de 1917 foi "Meus Quatro Anos na Alemanha" do Embaixador Gerard, um livro trivial que no entanto solveu a dúvida sobre o que havia de errado no serviço diplomático americano. Reporters de escol como William Shairer e Frederico Oeschner conseguem comprimir informações melhores num só capítulo do que o embaixador no livro todo.

Em abril de 1918 apareceu o livro que se destinava a ser o maior sucesso de toda a Guerra. Tratava-se de "Dere Mable" por Eduardo Streeter e dele vendeu-se mais de meio milhão de exemplares em menos de dois anos. Para mim o que mais se aproxima de "Dere Mable" nesta guerra é "Veja isto, soldado Hargrove".

Outra gloria de 1918 foi "Os Quatro Cavaleiros do Apocalipse" de Blasco Ibanez, que fez de vários modos história novelesca. Suas perspectivas neste país eram estimadas tão improváveis que um agente vendeu os direitos americanos. Anos depois, quando já se haviam vendido centenas de milhares de exemplares e a versão cinematográfica havia criado um novo ídolo na pessoa de Rodolfo Valentino, Blasco Ibanez visitou os Estados Unidos e foi apresentado com um cheque de 10.000 dólares pelo afortunado editor. Para completar este esboço idílico deveríamos mostrar o autor nadando em gratidão. Ele clamou aos céus...

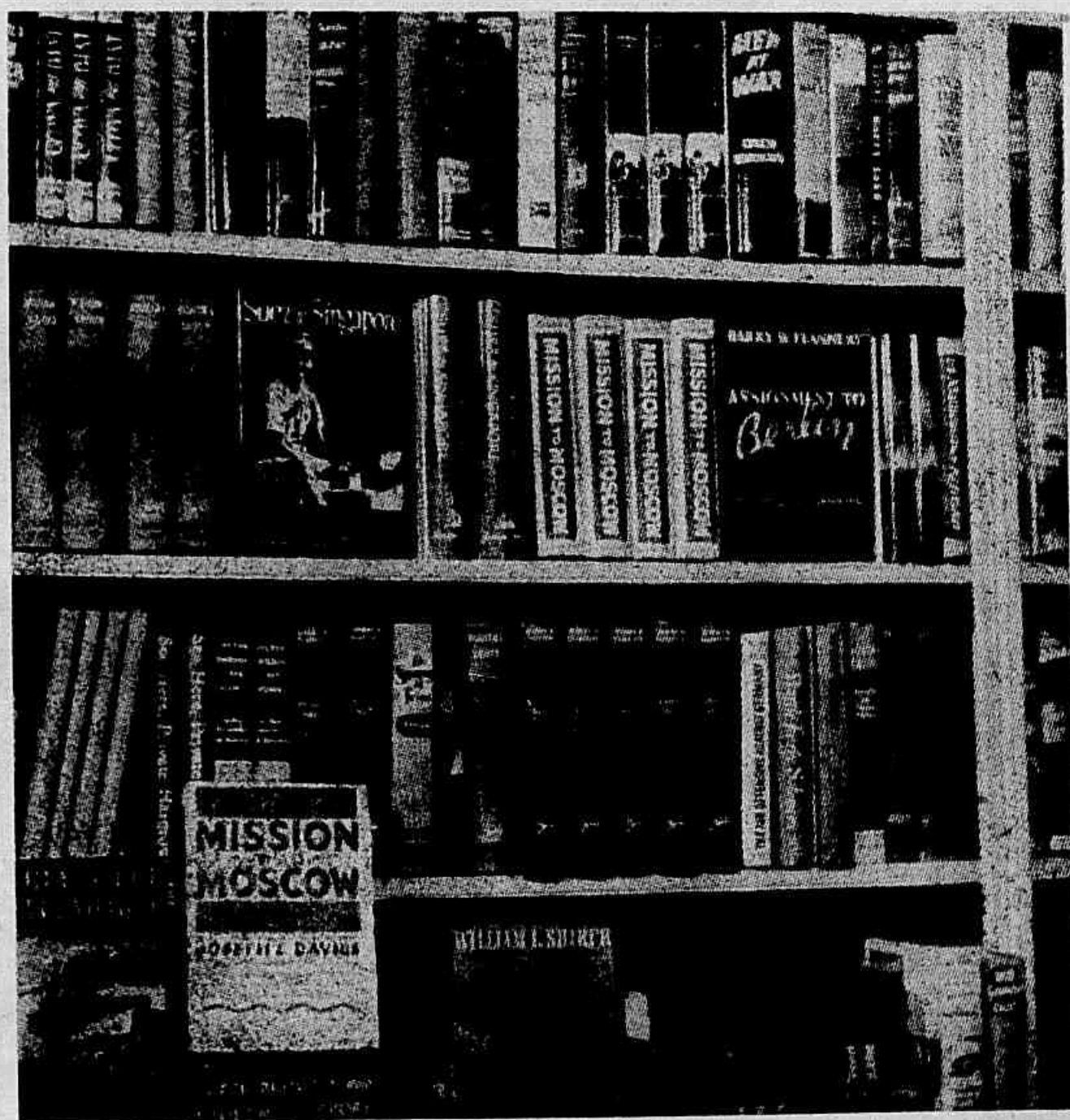
No fim de 1918 a guerra estava "ganha" e, enquanto estadistas internacionais meteram mãos à obra afim de garantir outra guerra à geração seguinte, o público americano fez o possível para depressa esquecer o passado.

Durante anos foi praxe que livro ou peça tocando o mais remotamente que fosse no assunto reapareceu foi em belas roupagens como "Nada de Novo na Frente Ocidental", "Quanto custa a glória" e "O Fim da Jornada". Duas coisas que a guerra conseguiu em prol da literatura nos Estados Unidos foi extinguir a supremacia dos Freckles e Polianas, bem como levantar o preço dos livros. A novela que dantes era vendida por \$ 1.08 subira para dois dólares e aí se mantivera. Quanto aos outros gêneros subiram de dois e meio a cinco dólares.

E' digno de nota que em 1919 enquanto as potências vitoriosas estavam prestes a formular o tratado de Versailes, um brilhante geógrafo inglês chamado Sir Halford J. Mackinder escreveu um livro chamado "A Realidade e o Ideal Democrático" que profetizava desastre si a comissão de paz ignorasse as realidades geográficas globais. Apontava que o aeroplano e outros métodos aperfeiçoados de transporte fariam as nações mais e mais interdependentes, e que o mundo agora consistia de fato em duas grandes metades — a chamada Ilha Européia, Asiática e Africana, e a ilha menor das Américas. Considerava a Austrália um entreposto das Américas e a Inglaterra um entreposto da Europa. Sua solução para a estratégia do conflito de hoje e a paz a seguir era: quem governa a Europa Oriental domina o centro do continente; quem governa o continente domina o mundo. Foi esta a primeira expressão em livro da nova teoria da geopolítica.

Um dos poucos homens que o leram e aproveitaram foi um alemão chamado Haushofer. Haushofer meditou sobre as teorias de Mackinder enquanto a impotente república alemã estava pouco a pouco caindo no esquecimento. Anos depois, transmitiu-as a Adolf Hitler que reimprimiu-as numa forma mais brutal no seu "Mein Kampf". Mackinder previu o surgimento de um partido de vingadores na Alemanha vencida, predisse o crescimento do poder aéreo e declarou várias véses que nenhuma paz seria digna desse nome

(Continúa na pag. 50)



O romancista de hoje é empurrado para o segundo plano, incapaz de competir com o "Eu estava lá" dos reporters cujos livros de aventuras reais monopolizaram as listas dos best-sellers.

DE SÃO PAULO



INSTITUTO ROENTGEN
Radioterapia superficial e profunda
DRS. ALVARO FORTES-FERNANDO AZZI.
Rua Barão de Itapetininga, 139
Salas 10, 11, 12 e 14 -- Tel. 4-0394
— SÃO PAULO —

"Cocktail" oferecido à Imprensa pela escritora Vanda Santana Saadi, diretora da Sociedade Brasileira de Expansão Comercial.

**Quando fôr
a São Paulo**
... não deixe V.S.
de incluir em seu
programa de pas-
seios ou digressões
uma visita aos
**Maiores
Estabelecimentos
de Modas do Brasil**
★
• Restaurante • Salão de Chá •
American Bar (4a. sobreloja)
CASA ANGLO BRASILEIRA Succursala da
MAPPIN STORES
PR. DIAMOS DE AZEVEDO - S. PAULO



O Sr. Farea Dahagne (falando no banquete que a colônia siria ofereceu à Imprensa de S. Paulo.



Em cima à direita:

Entrega de uniformes, bonés e sapatos a cerca de 200 jornaleros, promovida pelo Juizado de Menores de S. Paulo.

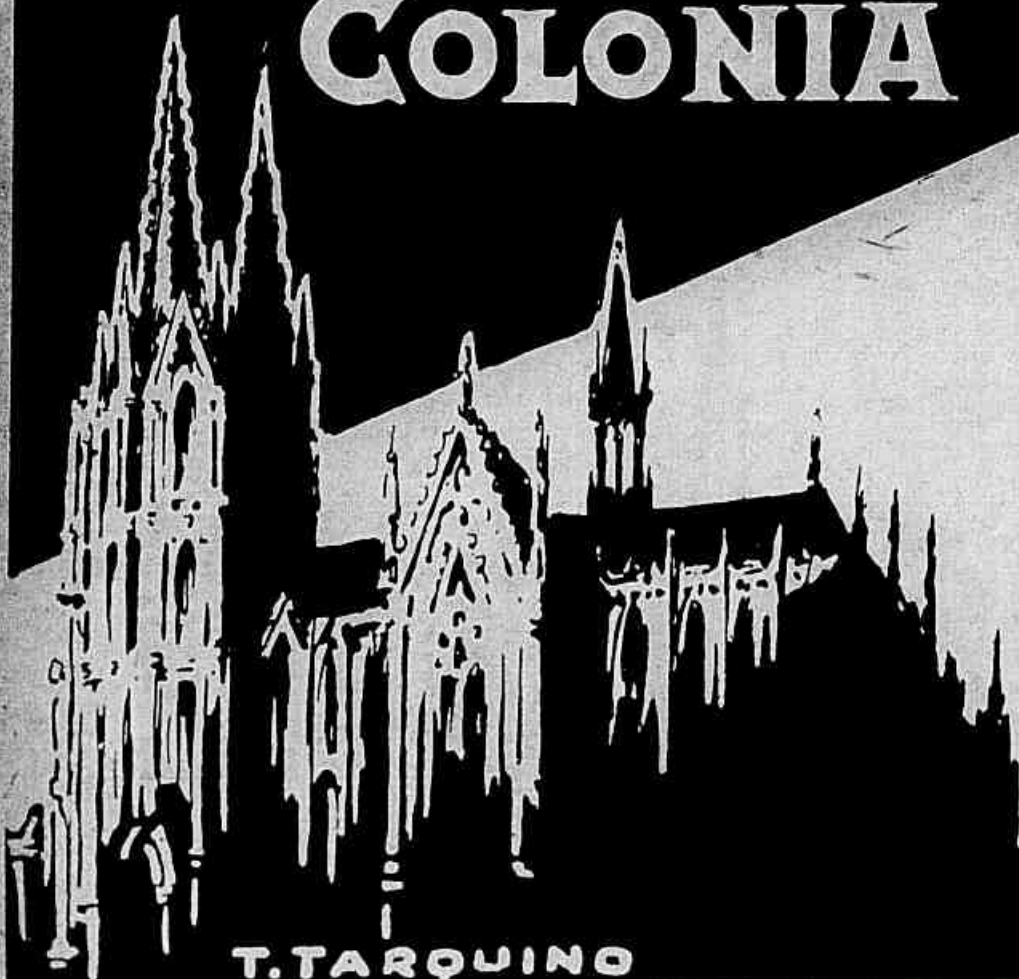


Aspecto apanhado por ocasião da Conferência do escritor Carlos Prina, sobre "Poetas Chilenos", no Centro de Estudos Americanos de S. Paulo, com o concurso do soprano Ida Baldi e do tenor Cesar Cayni.

AGUA DE COLONIA **Regina**

A RAINHA DAS AGUAS DE COLONIA

Tenha sempre á mão "REGINA", a agua de colonia tipica de perfume fragrante e ameno, refrigerante suave e calmante para os dias de calor.



T. TARQUINO

A' VENDA EM TODO O BRASIL

Em baixo à esquerda:

O tradicional "trote" do Centro Acadêmico XI de Agosto, promovido pelos estudantes de Direito, com a costumada alegria e algazarra dos outros anos.

Banquete oferecido às autoridades civis e militares de Santos.



Operários na praia.

A S/A. "LABOFARMA", a conceituada e conhecida firma brasileira de produtos farmacêuticos com sede em São Paulo, é sem dúvida uma das nossas organizações que mais tem se esforçado no campo de assistência social aos seus empregados e operários.

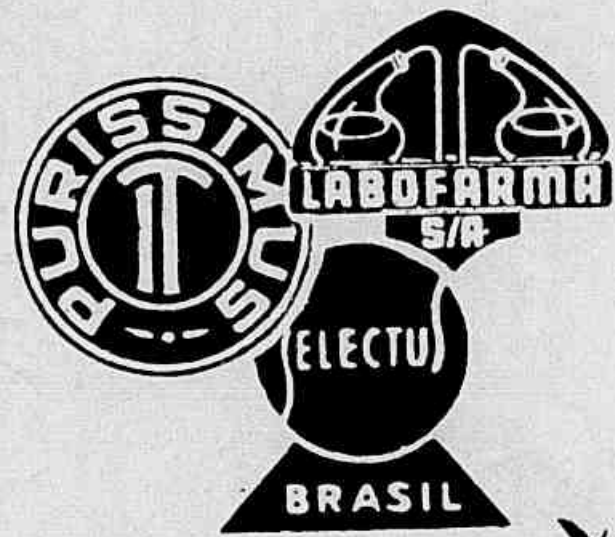
Entre as muitas dessas obras, destaca-se a de férias coletivas em Santos.

Para tanto, a benemérita firma paulista procurou cercar de todo conforto e bem estar o seu pessoal custeando toda e qualquer despesa com esse empreendimento, o qual deve servir de exemplo a todas as indústrias do Brasil.

Fixamos na página três aspectos da 1.ª turma da "Labofarma" na vizinha cidade santista:

Grupo geral — no salão do hotel, com a presença das autoridades santistas, diretores e operários da "Labofarma."



S.A. Labofarma

em férias coletivas

CHEZ--BEATRIX REYNAL

O Solar Maravilhoso do
Passado e da DistanciaReportagem de SARAH MARQUES
(Especial para a REVISTA DA SEMANA)

Béatrix Reynal — a dona do solar maravilhoso.

A casa começa muito longe. Muito antes. Quando, na praia serena, no céu de opala da tarde, a cabeça verde do pinheiro aparece, grave e triste. Depois, é o portão, emoldurado de azulejos, no muro alto: o leão de Arles, fiel e amigo como um cão de guarda. E o dístico em provençal: "Minha casa". Depois, é como nos contos. A gente entra, o portão se fecha e tudo fica longe. O tempo e o espaço desaparecem. Não é hoje. Não é aqui. É na Provença. Há muitos séculos. A casa de Béatrix Reynal veio de muito longe carregando o mistério das idades.

A FARANDULA DO PASSADO

Não é só ela que me recebe no salão. Ela para a gente, acolhedora e simples, com essa graça tão francesa de sua personalidade, a generosa alegria do seu sorriso. Sobre o vestido exótico de grandes flores claras, o colar chinês de jade e ouro ri um riso claro de campainhas distantes, quando ela anda, quando ela fala, movendo as mãos em gestos rápidos. Mas, não estamos sós. Outras vozes lentas e graves, vivas e alegres, quentes e místicas, enchem a sala. São os quadros autênticos nas molduras ricas: Monet, Zier, Lothe, Marie Laurencin, Marquet, Moreau, Friesz. Não estamos sós: Da meia luz do quadro, as figuras de "La loge", de Avy olham a lareira apagada. A brisa fria que vem do mar, levanta, numa onda de ouros, os cabelos claros de "Le Frisson" de Zier. É quase noite. Mas há sol naquele campo verde cheio de flores azues. E a neve cai sobre Montmartre na tela de Maurice Utrilo.

Danças de camponêses se agitam no jôgo floral das tapeçarias nas cadeiras. Onde estão, agora, as mãos que bordaram ponto a ponto, os estofos claros? Azas brancas riscam a paisagem suave do "gobelin" imenso. Uma pêndula bate, compassadamente. Através do mostrador vai e vem a efígie em ouro do Rei Sol. E as horas são diferentes, com uma voz claríssima no Boule que marcou, cantando, as horas encantadas de Versailles.

Sobre o piano, uma "bombonnière" de porcelana "rose-Sèvres", com a águia, as abelhas douradas, o N. imperial. Foi de Napoleão. Abro-a. A música salta, misteriosa e distante, não sei de onde. Passo os dedos lentamente na caixinha sonora... Parece-me encontrar, ali a marca de outros dedos, "daquela mão, pequena e firme que esmagou o mundo".

REGRESSO

Béatrix Reynal escreveu um dia:

"J'aurais dû rester au village
protégée par ses vieux ombrages,
tout simplement"

Não. Ela não deveria ter ficado. Talvez fosse melhor para ela. Mais calmo. Mais feliz. Mais simples. Mas não teria escrito os versos que escreveu. Não teria semeado tanta beleza por todos os caminhos por onde andou. Não teria construído pedacinho por pedacinho a "A sua Provença". A casa é o regresso de Béatrix, gloriosa e tão simples, é paisagem clara da infância.

No "hall", junto á escada, um vitral claríssimo canta em côres suaves e em linhas ingênuas, os versos gravados sobre ele:

"Marie a mis un ruban bleu
ce matin, dans ses beaux cheveux".

Na sala de jantar, as pratarias santuosas resplandecem á luz romântica do lustre monumental que parece uma flor esguia de longos pistilos, em que pesam pingentes de cristal, como gotas translúcidas de orvalho. As efígies dos reis de França coroam as peças da baixela sob o "gobelin" onde os cavaleiros se aprestam para a caça.

NO REINO DAS MARAVILHAS

Onde está Mireille que não vem deitar-se no grande leito esculpido? Talvez esteja guar-

Louras espigas, papoulas e margaridas bordam o azul ingênuo da lareira. Sobre as lâmpadas antigas e o relógio Luiz XV, "Le Frisson" de Zier é um poema claro de mocidade e primavera.



*Rembrandt
Rio*

dando as jóias que foram de outras princezas, nos pesados cofres de prata velha, de ouro e pedrarias. Devem ser dela os passos de sêda sobre o tapête do quarto de dormir. Não. Foi o vento que andou por aqui amassando os babados de gaze do vestido côr de rosa da moça que Reis Junior pintou. Os armários guardam os vestidos de gaze, de sêda e veludo. Rendas preciosas de Bruges, Veneza, Inglaterra, Mâlines, dormem nas gavetas. Quantas mãos de velhos, de crianças e de moças terão aberto, em outras terras, há muitos séculos, as cômodas trabalhadas como relicários? Nêste baú de couro, forrado de madeira preciosa, os mercadores trouxeram do Oriente jóias e sêdas para as "doggarezas". Na arca enorme estrelada de pontas de metal, devem ter dormido as vestes nupciais de uma princesa antiga. E é para as bodas do amor e da felicidade que aquela moça borda — há quantos anos? — presa na moldura da tela magnífica, à luz de um sol imorredouro.

AS SOMBRAS LUMINOSAS

Agora, estamos subindo para a biblioteca. Passamos pela "Velha Casa" da velha rua de Henry Martin. No "hall", uma cabeça romana nos saúda gravemente do alto do seu pedestal. Lâmpadas de todas as idades guardam o espírito imortal das chamas que se apagaram. Candelas de cobre polido e brilhante dos "mas" da Provença; candelabros de cristal precioso dos castelos feudais; lâmpadas de metal dos camponeses; castiçais esguios de oratórios. E a um canto, sobre o "caromandel" secular e magnífico, porcelanas preciosas de Sévres e Limoges. Subimos para a biblioteca.

Do teto pontagudo riscado de traves, um galo enorme, recortado em metal, parece voar sobre a mesa pejada de gravuras antigas.

— "Esse é o 'coq gaulois'". O que dará o grito vermelho da nova alvorada, expulsando as sombras espavoridas da guerra". Béatrix Reynal diz isso com a fé absoluta que tem na vitória da França, da França Eterna que todos nós amamos. E mostra, num gesto largo, a biblioteca.

Um livro inteiro seria pouco para descrever a biblioteca. Se os bibliófilos maníacos que percorrem os "bouquinistes" de "la rive Gauche" e frequentam "la vente Druot" soubessem o que existe na biblioteca de Béatrix — ah! meus senhores! — não haveria bloqueio que os impedisse de vir ao Rio. Os lampeões de cristal grosso, oscilantes no teto, veem, à noite, cousas estranhas. Arcadio abre a sombra clara da "Maternidade" de Brecheret a bíblia do século XV. As princezas de Perrault, bordadas na tapeçaria das cadeiras altas, vão retirar as suas irmãs das "Mil e Uma Noites", das gravuras a fogo de uma antiga edição. O mundo de Balzac folheia o Baudelaire precioso encadernado em bron-



Sobre a paisagem clara do Gobelin, o Boule Luiz XIV conta histórias de Versailles. Sobre o piano a caixinha de música ainda guarda a marca dos dedos de Napoleão Bonaparte.

ze pirogravado. E as aquarelas de Van Dongen reúnem à volta da lareira as silhuetas claras de Deauville. Criações de Picasso, Toulouse Lautrec, Fovjita, Manet Millet, Cézanne, Modigliani, Delacroix, Degas, de muitos outros, contam histórias olhando as horas que, lentamente, o pêndulo Luiz XV deixa cair sob a redoma curva de cristal. Um Rodin ouve, de antigos mármore latinos, histórias do tempo em que os homens eram deuses. E pressentindo um mistério invisível e sagrado, Batú, o cão fiel, se esgueira, silencioso, para o terraço e espera a madrugada nascer do mar.

O SACRIFICIO DE BEATRIX

Agora, chamam para o jantar. O vinho francês tem côr de sangue e gosto de sol. Teem um som antigo, as porcelanas de Limoges e os cristais de Baccarat. Os relógios batem horas, um a um, como crianças que se chamassem brincando de esconde-esconde, na casa tranquila.

A lareira está acêsa e as chamas cantam docemente. E' noite lá fóra. Uma estrela está brilhando através do vidro no céu pintado do vitral. Então, o passado foge. Volta o presente. Olhando as labarêdas que dansam, as brazas que se erguem em castelos vermelhos, que se desmoronam em vales de cinza, Béatrix Reynal se lembra da guerra e da França torturada de hoje. E', de novo a mulher gloriosa que a Poesia corôou; a mulher que empunhou uma bandeira e que não a deixará enquanto não a vir tremulando, em plena luz, livre e altiva, nos quatro cantos da

terra; a mulher que deixou a lira suave do amor, da ternura e da melancolia, pelos clarins dos batalhões em marcha, pelos tambores que choram a morte dos heróis. Béatrix Reynal tem servido á causa aliada com uma dedicação de todos os minutos. A casa outroira tranquila se enche de vozes e passos estranhos. As longas horas de "rêverie" e de íntima comunhão com a natureza cederam lugar ao trabalho intenso na imprensa, na sociedade, nos meios diplomáticos. Ela tem saudades de outrora:

— "Eu nunca mais pude olhar a lua. Ela está zangada comigo. As cousas do céu e da terra me olham de longe. Afastam-se de mim. Antigamente, o vento me trazia sempre uma mensagem. Boa ou má. Alegre ou triste. Hoje, ele fala uma linguagem estranha que eu não compreendo. Se a vida continuar assim, perderei a minha poesia, essa que jorrava do meu coração simplesmente como fonte brotando das pedras".

Béatrix Reynal continúa olhando as chamas que dansam. Ouvindo o vento que vem, úmido e frio do mar, sacudir os pingentes dos lustres românticos. Batú aparece e se estende ao pé da lareira florida de papoulas e margaridas. O vôo das aves no "gobelin" parece um vôo cansado buscando o ninho quando a tarde cai. E' bela a casa. E' grave e linda a hora. Uma grande sombra luminosa está presente: a França. A França. A França a que Béatrix Reynal, silenciosamente, sorrindo, fez o sacrifício supremo: o do seu coração que sabia cantar para embalar todas as dores.

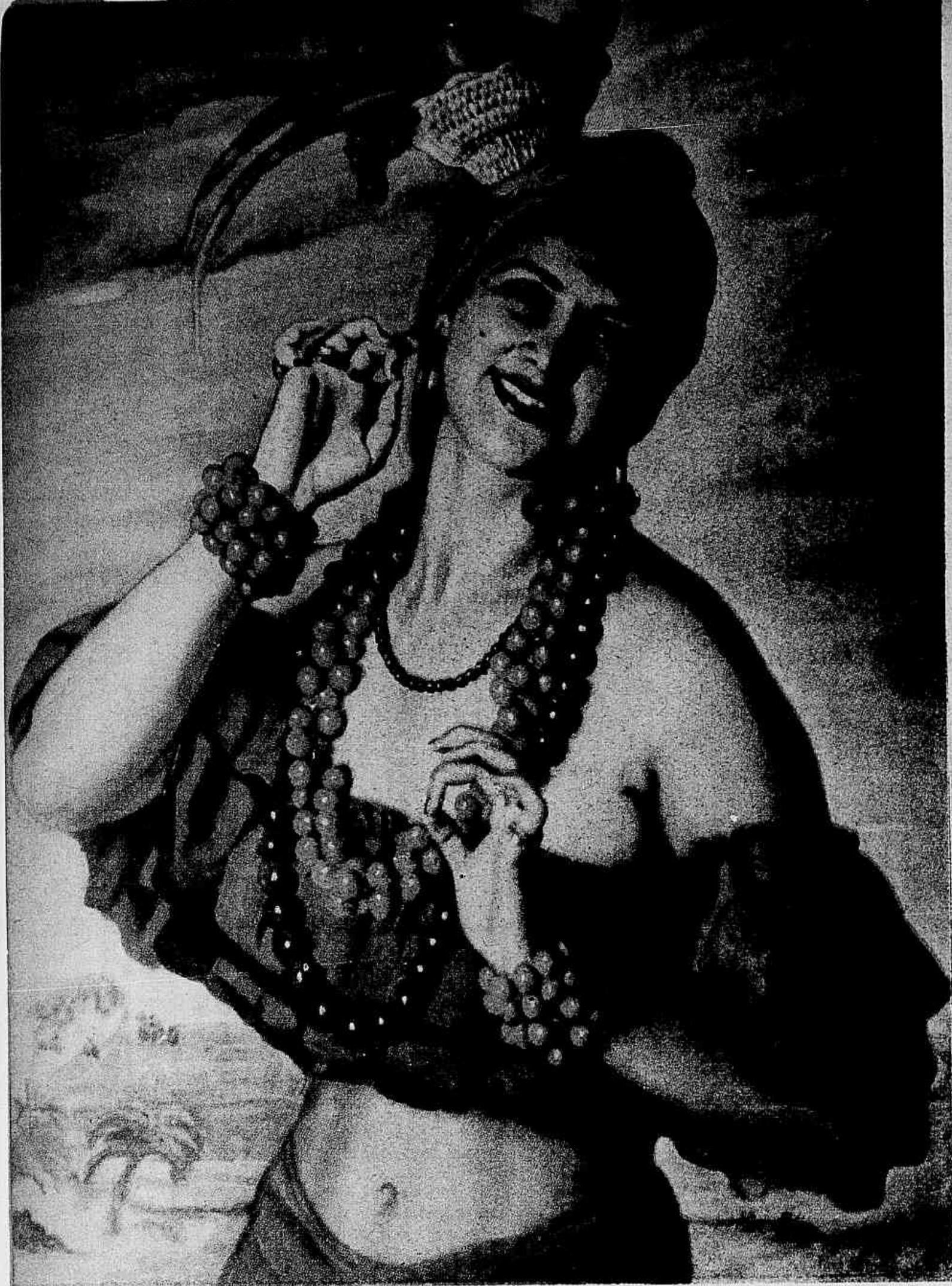


O gobelin da sala de jantar — "La chasse aux cerfs" — é uma página esmaecida de um longinquo mundo desaparecido.



Este é o quarto de vestir de Béatrix Reynal. Um candelabro romântico sobre a mesa, da junto a um mármore de Brecheret. A arca antiga sobre o Aubusson imenso guarda lembranças antigas do passado.

— PEDRO — ANTONIO



"Baiana" de Pedro Antonio, tela concorrente ao IX Salão Paulista de Belas Artes.



"PIERROT NEGRO".



"RETRATO".

Natural de Almeria, na Andaluzia, é considerado pela crítica de sua pátria um legítimo representante da pintura espanhola contemporânea, tendo-se firmado principalmente como evocador de figuras.

Dono duma palhêta riquíssima de colorido, a que não será talvez alheia certa influência de Zuloaga, Pedro Antonio tem exposto sempre com sucesso, em Miami, em 1933, em Buenos Aires, por duas vezes, em 1931 e 1933, e aqui no Rio em 1936.

Na impossibilidade de regressar á Espanha, que se debatia na mais sangrenta de suas campanhas internas ficou no Brasil e, como S. Paulo o acolheu de braços abertos, dando-lhe um clima européu e o reconhecimento de seu valor, acha-se ele perfeitamente radicado no meio paulista. Agora mesmo, realizou uma bela exposição na capital bandeirante, preparando-se para vir em breve ao Rio, com a sua palhêta e as suas télas vigorosas.

ESCRAGNOLLE DORIA

TEATROS DE AMADORES

Os brasileiros de antanho apreciaram a arte teatral nas suas fórmulas mais ou menos elevadas e até nas suas manifestações ingenuas a recrearem públicos infantis ou simplórios, portanto fáceis de contentar.

Em Pernambuco os chamados mamulengos constituíram bons divertimentos populares. Traziam a pequeno palco elevado varios bonecos com movimento e voz por ação de pessoas ocultas. O repertorio das companhias mudo-falantes constava principalmente de cenas bíblicas ou entremeses de ocasião, tudo em geral exibido durante festividades religiosas, recompensando o publico a dinheiro o prazer das representações.

Segundo Beaupaire Rohan, o dicionarista de vocabulos bem nossos, na Bahia os mamulengos ou bonecos tomavam o nome de Presepe. Conforme o Dr. João Alfredo de Freitas em outras provincias, assim no Ceará e no Piauí, os mamulengos denominavam-se Presepes de calungas de sombra por serem os titeres substituidos por sombras. Como os bonecos, movidos a engonços e cordéis, as sombras reproduziam paisagens do Genesis, uma alta, a da criação do mundo.

No Rio de Janeiro o teatro de bonecos tomou o nome de João Minhoca, aparecendo nos fins do Imperio no antigo *Politeama* da rua do Lavradio. Estreou, com uma peça curiosamente intitulada *Os Microbios de Nhá Tuca*, de certo o entrecho da farça assaz alheio ás doutrinas pasteurianas.

Ainda hoje, na Tijuca, na praça Saenz Pena, á sombra de arvores, um João minhoca por tardes dominicais boquiabre em admiração muita boca infantil, depois a dobrar risadas quando em cena aberta personagens se espancam sem maiores consequências. O amor á briga e á contusão vem da infancia para mal do homem no ponto horrivel das guerras.

Não fomos os unicos a apreciar a arte teatral rudimentar do calunga, titulo de fidalguia preta na Africa Ocidental Portuguesa, informam Capello e Ivens.

Os francezes gostam das *marionettes* de madeira ou de papelão. Sobre as de M. Signoret, exibidas na rua Vivienne escreveu Anatole France pagina interessante e lembrou que Goethe, ao presenciar a historia verdadeira do doutor Fausto representada por bonecos articulados concebeu o grande poema que limou até o fim de seus dias.

As *marionettes* de Signoret representavam peças de Aristofanes e Cervantes como as *marionettes* inglesas representavam a tragedia shakespeareana *Julio Cesar* no reinado de Isabel. Ha noticia do calunga popular, classico, da velha Turquia. Foi ele Caragueuz, o homem de olhos negros, com os seus colegas de madeira a divertir sucessivas gerações turcas.

Da arte teatral simplicissima, arcaica mas historica, passemos a outra fórmula da mesma arte e a outros personagens de palco, esses bem vivos, são, os do teatro de amadores, principio de atores de valor. Bem pensado o teatro de Itaboraí no qual João Caetano estreou em 1827 devia ser provincianamente um teatro senão de amadores muito para eles, na epoca o depois famoso ator um principiante e, pois um amator, sem desdouro de futura e perene gloria.

O Brasil inteiro teve os seus teatros de amadores em geral associados, não faltando até meninos a tentativas de representar realizadas onde, dentro de casa ou em quintais, pudessem armar palco. Confirmaram isto Artur e Aluisio Azevedo evocando cenas de sua adolescencia no Maranhão.

Não nos propomos, embóra dispondo de alguns elementos para tanto, a historiar a origem e o desenvolvimento do nosso teatro de amadores, nosso e de mundo afóra.

Nutrimos apenas o proposito de lembrar alguns teatros de amadores mais de relevo no Rio de Janeiro em tempos proximos da época atual de tão poucos teatros cariocas, e de tantas dificuldades para atores, o palco, prejudicado pela multiplicação dos cinemas.

Um dos teatros de amadores mais antigos e persistentes no Rio de outrora foi o do *Club Riachuelense*. Instalou-se a 11 de Junho de 1875 na estação do Riachuelo, em frente á estação do mesmo nome pertencente á Estrada de Ferro D. Pedro II, ora Central do Brasil.

Edificando teatro, de pedra fundamental a 15 de Agosto de 1875, a diretoria do *Club Riachuelense* entregou ao Dr. Aarão Reis a conclusão do edificio. A 2 de Dezembro de 1887 o teatro abria-se para inauguração e logo para levar á cena *Otelo* de Shakespeare.

Em 1882 os frequentadores do teatro suburbano concorreram, a 30 de Outubro, a uma récita beneficente de produto se destinava a alforriar o escravo Narciso, porteiro e guarda do *Club*.

De vez em quando o teatro do Riachuelo era alugado a outras sociedades de amadores. A associação mantenedora do teatro contou duas épocas, a primeira finda em 1893, a segunda iniciada em 1900. Poz então o *Club* em cena peças de responsabilidade no desempenho, por exemplo o *Rean* de Aléxandre Dumas e a *Morgadilha de Val Flor* de Pinheiro Chagas alem de comedias nacionais tal o *Direito por Linhas Tortas* de França Junior ou traduções de peças do teatro francês, assim *O Fiscal dos Wagons Leitos* de Bisson.

Ao cerrar portas de vez o teatro do Riachuelo, o edificio teve destino diverso do primitivo, deu sede á escola primaria *Ramiz Galvão*, bem antes do Teatro Apolo da rua do Lavradio transformar-se em escola *Celestino Silva*, nome do empresario possuidor do imovel por ele doado á Prefeitura Municipal.

Outro teatro primou na seleção de peças e interpretes amadores. Foi o do *Elite Club* mantido por associação recreativa sob a presidencia do Sr. João Baptista Vianna Drummond. A associação construiu teatro campestre na rua Mariz e Barros. Teve fase de grande prosperidade e brilho reunindo as suas récitas os mais escolhidos espectadores em agradaveis noites de recreio.

A montagem das peças do *Elite* eram cuidadas e os seus amadores, alguns dos quais podiam hombrar com verdadeiros atores, caprichavam na indumentaria a expensas proprias.

Entre outras peças os frequentadores numerosos do *Elite Club*, socios ou convidados, ouviram o *Kean*, *O Grande Industrial* de Ohnet, *Sua Excelencia* de Gervasio Lobato, *Assassina* de Edmond About e no genero ligeiro comedias como *As Bodas de Boijoli* de Durie e o *São João na Roça*, de Ernesto de Souza, autor de tanta veia de comediografo.

A vida do *Elite Club* ficou assinalada na historia do teatro de amadores no Rio de Janeiro, historia a formar capitulo de historia maior, a do Teatro Nacional tão caro a Artur Azevedo. Aquela historia reúne muitos nomes, alguns celebres, e já foi tentada por Lafayette Silva ao biografar extensamente João Caetano e ao escrever a *Historia do Teatro Brasileiro*.

A' guiza do *Elite Club* outro teatro campestre atrahio atenção de compacta assistencia seleta. Foi o *Club da Gavea* funcionando neste arrabalde boscarejo, na rua da Boa Vista, antes estrada da Gavea, hoje rua Marquês de São Vicente.

O *Club da Gavea* muito deveu em organização e animação a antigo e distinto morador da Gavea, o conselheiro Antonio José do Amaral, lente da Escola Militar

da Praia Vermelha por tanto tempo disciplinada pelo tenente-general Polydoro Jordão.

Pelo palco campestre do *Club da Gavea* passaram amadores de talento abalando-se á interpretação de *Amigo das Mulheres*, do psicologo sarcastico Dumas Filho, e á representação do *Chapéu de Palha de Italia* de Labiche. Este com suas comedias bem gaulezas povoou de risos tantas salas de espetaculos do mundo, o qual já sendo um teatro gratuito gosta sobremaneira do outro onde se paga ao bilheteiro.

Bom teatro de amadores foi o do *Club Fluminense* no Campo de S. Cristovão, no lado dos edificios de vulto do Campo, a Escola Gonçalves Dias, o *Club de São Cristovão*, e, em posição mais elevada, o Internato do Colegio de Pedro II a dominar o vasto logradouro inteiro.

O *Club Fluminense* servio bem o bairro onde instalado, o clube por muito tempo presidido pelo major Carlos Frederico de Oliveira. As récitas do Fluminense eram mensais e variadas concorrendo para o aperfeiçoamento de amadores, ora interpretes de peças ligeiras ora de outras demandando mais responsabilidade cenica. Tal *A Senhora Ministra*, de Schwalback, tal no genero comico *Um Amigo das Arabias* de Eduardo Garrido.

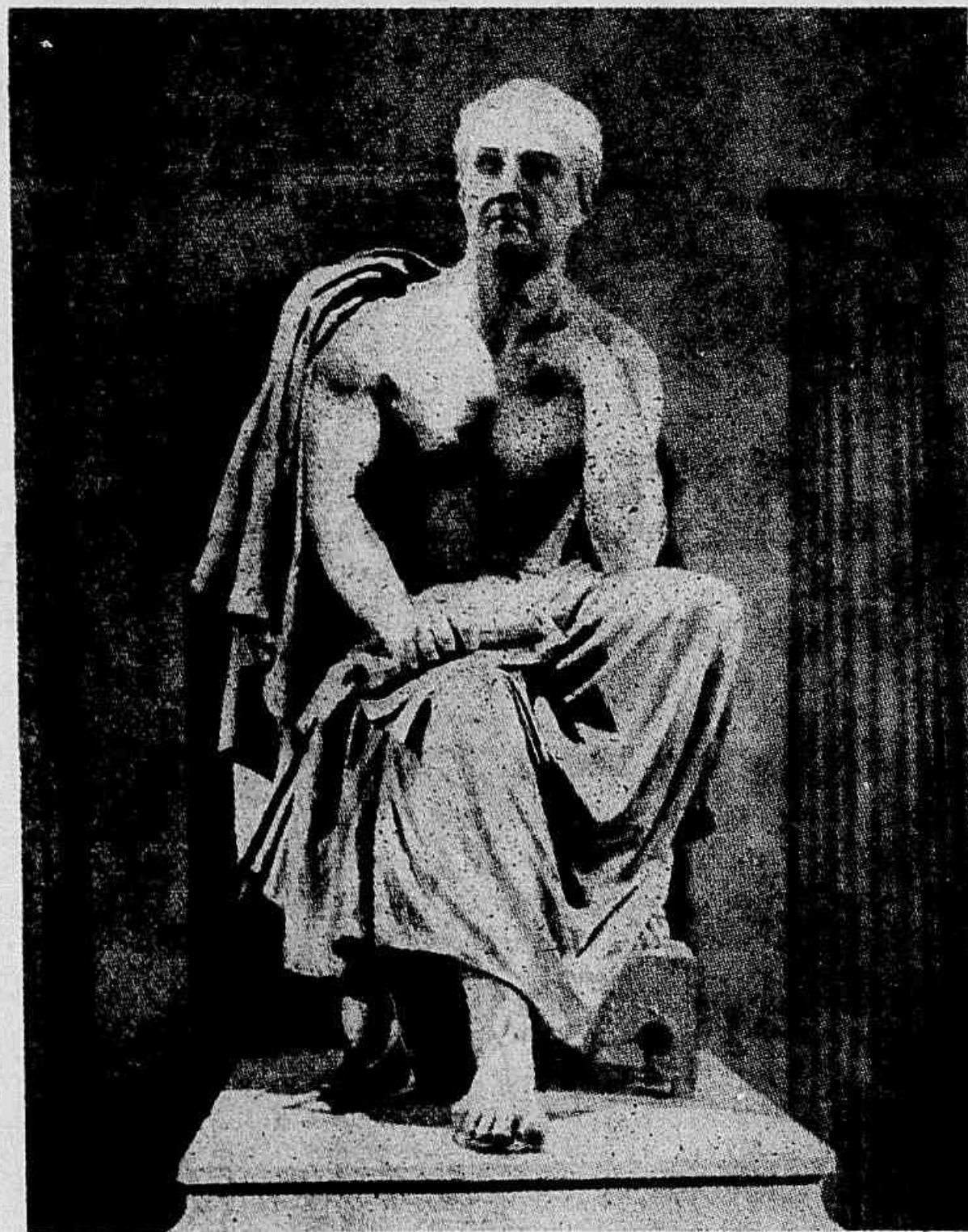
A zona suburbana tambem concorreu para o progresso do teatro de amadores, no Meyer o *Gremio Dramatico* representando *O Suplicio de Uma Mulher*, drama de Dumas Filho, tradução de Machado de Assis.

Os pequenos teatros de amadores poupavam aos habitantes de suburbios o incomodo de ouvir boas peças no centro da cidade e seus teatros, no fim do Imperio dez.

Emquanto o *Gremio Jupyra* punha em tablado *A Almanjarra* de Artur Azevedo e *Irmão das Almas* de Martins Penna, o *Guarany Club* dava a conhecer o *Tipo Brasileiro* de França Junior e *A Vespera de Reis* que por Xisto Bahia tanta nomeada deu a Artur Azevedo.

De vez em quando as representações dos teatros de amadores tinham a coadjuvação de artistas profissionais, Helena Cavallier, Estefania Louro, Maria da Piedade, Maria Grillo e outros.

Era isto exeção, os amadores de cada teatro da especie fiados nas proprias for-



FRANCISCO JOSE' TALMA
Paris (1763 - 1826)

Estatua de Talma, por David d'Angers, na entrada da Comedia Francêsa.

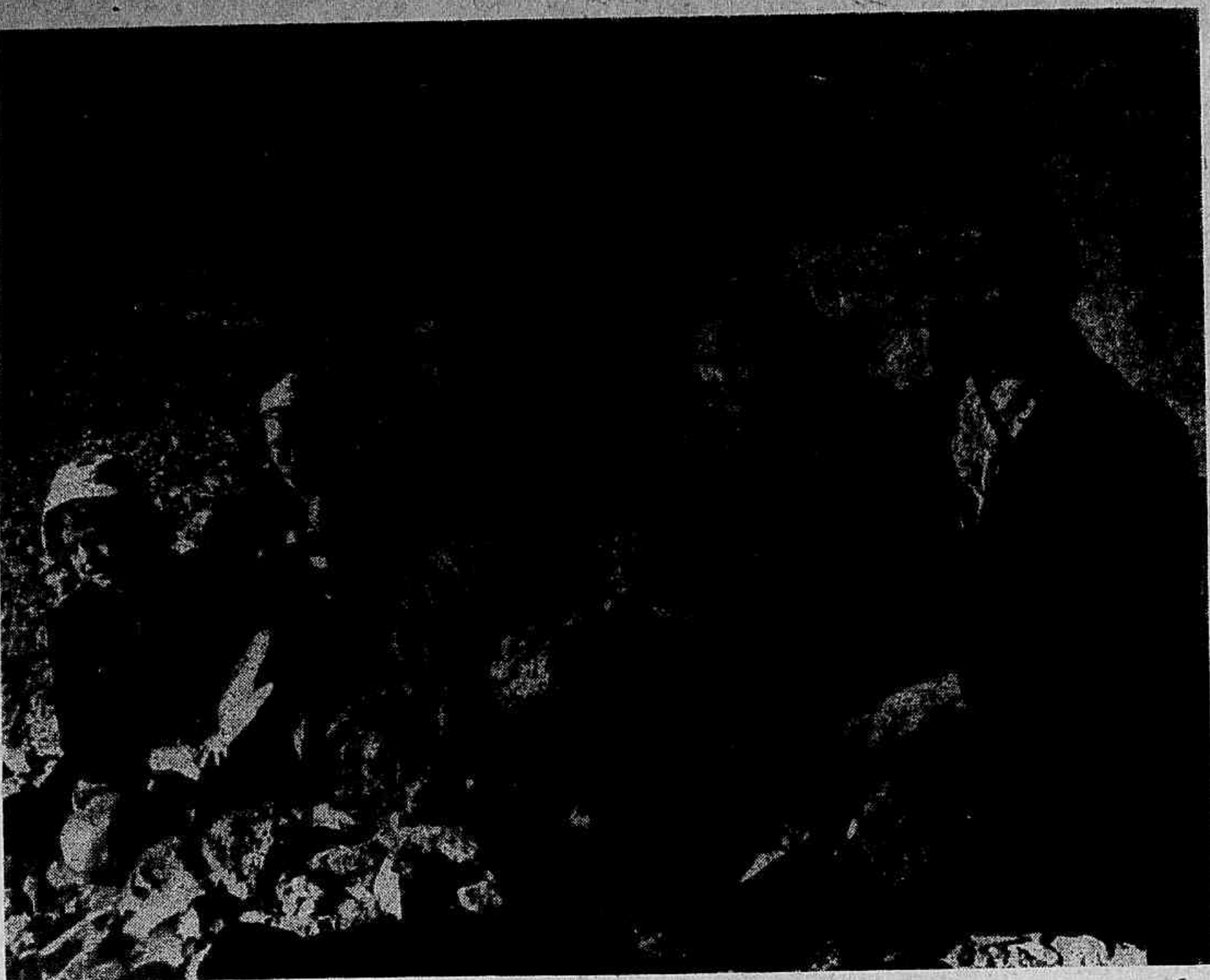
ças, no apuro dos ensaios e na competencia dos ensaiadores de valiosa colaboração obscura.

Aos teatros de amadores não faltava parte musical no principio e fim de espetaculos, tambem nos intervalos. Alguns daqueles teatros admitiam numeros de piano e intermedios em seus programas quasi sempre mais dramaticos do que de genero comico.

Sociedades recreativas conservavam corpo cenico constante, assim o então Real Club Ginastico Português, de sede na então rua do Hospicio, de-ois Buenos Aires o *Club* mantendo hoje teatro em outro local bandas da Avenida Rio Branco.

No Rio de Janeiro transato não houve quasi bairro sem teatro de amadores, Botafogo, Vila Isabel, São Cristovão, Catumbi, para só citar quatro opostos.

Até hoje, na rua do Proposito, na Saúde, em edificio proprio, a Sociedade Dramatica Particular Filhos de Talma fundada, a 20 de Junho de 1879, sustenta sem desfalecer a tradição carioca do teatro de amadores. A mencionada Sociedade tomou por patrono o celeberrimo tragico francês merecedor da protetora estima de Napoleão. Este, em 1808, ao entrevistar-se espetaculosamente com Alexandre I da Russia, em Erfurt, associou ator dileto ao sucesso historico ao dizer-lhe: Talma, vou te fazer representar diante de uma platêa de reis. Talma protagonizou numa peça adrede escolhida por Napoleão, *A Morte de Cesar*. Cesar era Ele Napoleão, os conjurados de Roma eram Eles os reis da platêa, conforme observação alheia. E entre nós Gonçalves de Magalhães declarou, em versos, sonhar João Caetano com os vãos de Talma.



COMO UMA POLONEZA SEPARAÇÃO



Alegando os olhos com a visão da terra prometida: os Kowalskis atravessam o Cáucaso, penetrando no Irã. Quando a guerra assolou a Polônia, tiveram de abandonar seus lares. Desde então têm lutado contra todos os horrores que afligem os refugiados. Todavia, nunca perderam a esperança; um dia voltarão para casa. Hoje todos experimentam uma nova esperança. Acabam de completar uma nova etapa na sua odisséia.

A rapariga que não se intimida nunca. Da Polônia para a Rússia. Da Rússia para o Irã. A senhorita Kowalski apanha sua trouxa e toca para diante.

Em certa tarde do verão deste ano, uma família de camponios poloneses, os Kowalskis, contemplaram a Persia das colinas da Transcaucásia e conheceram que estavam novamente entre os seus. Eram o fragmento de uma migração de proporções bíblicas que começou em 1939, quando os nazistas abriram caminho para o coração da Polónia.

Os Kowalskis viviam perto de Trumblowa, no Sudeste da Polónia. A medida que a guerra se aproximava, sua aldeia enchia-se de foragidos vindos do Oeste. O exército vermelho atravessou então a fronteira polonesa afim de manter os alemães afastados de suas terras. A aldeia dos Kowalskis foi ocupada. Os russos fizeram do Sudeste da Polónia uma zona militar e, após 17 de Setembro de 1939, dois milhões de Poloneses, inclusive prisioneiros de guerra, foram enviados para o interior da Rússia. Foi assim que começou a longa jornada dos Kowalskis com outros membros de sua aldeia através da Rússia Ocidental rumo a Samara e depois, através do Cáucaso, rumo à Pérsia. Seus compatriotas, entre os quais havia 300 a 400 mil judeus, ficaram disseminados por toda a União Soviética, — na Bashkiria, Kazakhanstan, Yacutia e Turkménistan, bem como na Rússia Européia. Muitos deles não podiam suportar os rigores do inverno russo. Por outro lado, entre os que tinham a sorte de habitar o Sul europeu, muitos viviam em grupos e tinham aprendido a dirigir um trator.

Os Kowalskis, ao contrário das famílias que os azares da guerra haviam separado, procuraram manter-se unidos, trabalharam numa fazenda, receberam seus salários e ansiaram, como todos os Poloneses, por voltar a seu país e unir-se a seus concidadãos.

A julho de 1941 o Governo Polonês concluiu um Tratado de Amizade e Colaboração com a Rússia que veio alentar as esperanças dos poloneses que aí se encontravam. Significava que os poloneses poderiam voltar a ser soldados, a lutar, ao lado de seus aliados pela causa das Nações Unidas. Significava que suas mulheres podiam cooperar, bem como os civis mais velhos, no esforço de guerra e que poderiam viver sob o clima mais moderado da África Oriental ou do Iran. Significava mais ainda: que os Kowal-

skis e seus companheiros de peregrinação poderiam viver sob um Governo Polonês combatente, trabalhando como homens livres ao lado dos russos para destruir o nazismo.

Os Kowalskis aguardavam com paciência a nova reviravolta do destino. Sabiam que primeiro tinham de vir a vez dos soldados. Um exército de 100.000 homens aí estava, porém seu caminho inçava-se de dificuldades. No caso dos prisioneiros de guerra havia a distancia entre os diversos campos de concentração, o racionamento dos transportes e dos alimentos, que tinham de ser superados antes que os homens pudessem ser reunidos nalguns pontos centrais da Rússia Meridional. Muitos deles tiveram de cobrir centenas de milhas a pé, porque todo o trans-

porte na Rússia é requisitado para o campo de batalha. A maioria chegou aos campos exausta, porém cheia de ardor e combatividade.

No Iran as tropas polonesas pasmaram maravilhadas ante a nova paisagem e as tropas em kaki que lhes davam as boas vindas. Em Pahlevi, no mar Cáspio, encontraram acomodações adequadas, banho e alimentos. A estes dons da Providencia somaram-se as tamaras e, então, o soldado polonês sentiu cheia a taça da boa sorte... Abandonaram aqui seus trajes locais e trocaram-nos por calças e "shorts" kaki. Surpreenderam-se de encontrar nas lojas de Pahlevi agulhas, facas, navalhas e relógios. Os persas proveram-nos com edificios vastos e modernos e deixaram-nos usar o parque local e a piscina.



Um concerto em honra aos recémchegados: a Polónia vive de novo no anfiteatro do Irã. Tocam músicas polonesas. Atrises e atores poloneses representam as peças que aprenderam no teatro de Varsóvia. Toda a audiência se emociona, pois está revivendo a visão da terra natal.

FAMÍLIA VENCEU A E A GUERRA



A dança dos montanheses traz à memória as evocações da Polónia. Os trajes nacionais, os cantos e as danças de seu país natal. Repetidos agora numa terra estranha. Uma lembrança que voltará um dia à terra que todos amam.



A mais comovente fotografia de nosso tempo: os recém-vindos são festejados no seu campo, com uma alegria delirante.

Assim resolvia-se o problema militar. Havia outros, porém. Que se devia fazer com as mulheres espalhadas no continente russo? E os orfãos? E os extraviados? Decidiu-se que também os civis deviam ir para o Iran. A notícia correu como um rastilho entre os poloneses e em breve estes começavam a formigar nos campos da Rússia meridional. Os Kowalskis estavam entre eles. Empacotaram os haveres, disseram adeus aos russos, seus companheiros de trabalho e partiram rumo ao centro mais próximo. Dez mil civis, homens, mulheres e crianças tinham sido inspirados pela mesma idéia.

Só a fé os mantinha nessa penosa jornada. Dado o sinal, partiram. Quasi nada conheciam do Iran, objetivo de sua marcha. Pouco sabiam da estrada, embora lhes dissessem que passava entre montanhas escarpadas. Marcharam, porém, por uma razão — era um passo a mais no caminho da Polónia.

Os primeiros a chegar no Iran eram em tão grande número que criou-se um problema de acomodações, comida e medicamentos. Tudo isso teve de ser improvisado, primeiro em Pahlevi, depois em Tehseran. Ergueram-se barracas nos limites da cidade. Muitos dormiam no chão, á falta de leitos, ocupados pelos doentes. Os Kowalskis não se incomodaram. Havia trabalho, cozinhas, lavanderias e padarias, requisitaram seus braços. Oitenta máquinas de coser foram enviadas da Rússia e cem mulheres puseram-se a fazer roupas para a comunidade. Abriam-se escolas. Surgiram carpintarias e sapatarias. Da noite para o dia publicavam-se notícias em polonês. Fundaram-se cafés, onde alguns artistas que haviam fugido de Varsóvia durante o cerco deram espetáculos.

Para os Kowalskis, porém, a coisa não ficou aqui. Enquanto a mãe e os filhos mais moços, afixaram-se na Africa Oriental, a filha mais velha uniformisou-se, com 1500 outras moças polonêsas, trabalhando na A. T. S. O chefe da família e o filho mais moço tornaram-se soldados-membros do quinto exército em número que integra as Nações Unidas. Eventualmente serão incorporados no exército britânico do Oriente Médio, onde a Brigada dos Carpátos, sob o comando do General K. panski, já se cobriu de glórias.

Os polonêses combatentes partiram do Iran para a Palestina afim de completar seu treinamento. O General Zajac veio da Escócia especialmente para comandar este Exército Polonês do Oriente. O mais curioso, entretanto, do novo exército polonês são os meninos de oito a dezesete anos, em número de 1500 que chegaram, na maioria, sem seus pais e foram adotados pelos mais velhos. Usam todos "shorts" kaki, capacêtes de cortiça, parecem muito ocupados e insistem em saudar meio mundo a qualquer ocasião. Muitos frequentam escolas, enquan-

to outros estão sendo treinados para sinaleiros, mecânicos, condutores e mesmo aviadores. São a esperança de sua pátria, pois não serão muitos os meninos que ficarão na Polónia quando partirem os carrascos nazistas.

Para todos os Kowalskis este é apenas mais um passo na sua longa jornada, mas acreditam firmemente que o próximo será o último. Voltarão, então, a seus lares e continuarão a trabalhar tendo diante dos olhos a vastidão verde dos seus amados campos da Polónia.



A força do sentimento que desafia o tempo e a distância: uma família, separada na Polónia em 1939, e reunida de novo no campo do Irã. Durante o grande exodo pelas montanhas, a família se esfacela, os filhos se perdem, confundidos com outras crianças desconhecidas. No dia da chegada ao campo, há uma busca frenética entre os velhos amigos já acampados, á procura dos entes queridos.

Um grande artista pernambucano

MANOEL BANDEIRA,
o desenhista, por Ma-
noel Bandeira, o poeta

O encanto do Recife não aparece á primeira vista. O Recife não é uma cidade oferecida e só se entrega depois de longa intimidade.

Se não fôsse muito exquísito comparar cidades com mulheres, eu diria que o Recife tem o físico e a graça arisca e seca, reservada e difícil de certas mulheres magras, morenas e tímidas. Porque, não reparam que ha cidades que são o contrário disso? Cidades gordas, namoradeiras, gosadoras? O Rio, por exemplo, Belém do Pará, São Luiz do Maranhão são cidades gordas. A Bahia é gordíssima. São Paulo é enxuta. Mas Fortaleza e o Recife são magras.

Essa magreza é sensível em tudo no Recife. A vida comercial da cidade estendeu-se a comprido da Avenida Marquez de Olinda até o fim da rua da Imperatriz. Os sobrados são magros e ma-

gros todos os detalhes arquitetônicos. Mesmo nas velhas casas solarengas do bairro da Madalena ha não sei que de seco, de sóbrio, de abstinente, — de magro em suma.

— Quasi todas as igrejas do Recife, as características pelo menos, são magras. São Pedro dos Clerigos é a igreja mais magra do Brasil.

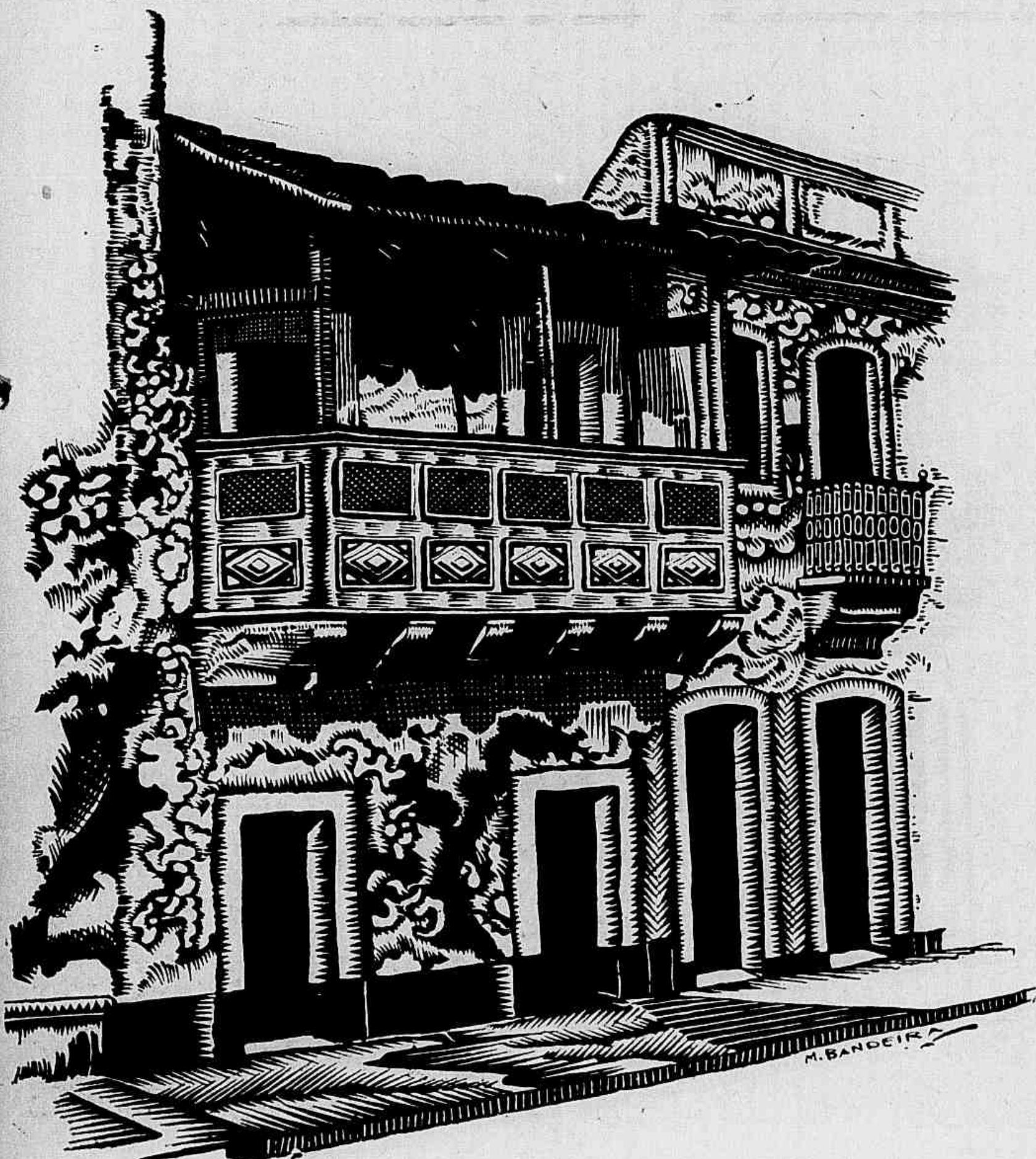
A idéia que se faz de um pernambucano é de indivíduo magro. A arma de sua predileção é a faca de ponta — arma também magra.

O próprio nome — Recife — é palavra magríssima, como de resto o mesmo acidente natural por ela nomeado.

Essa magreza, aliás, não prejudica em nada a cidade. Não é magreza de doença ou de miséria, sinão de regime, ou melhor, de constituição. Assuntando bem, parece-me que nessa magreza calada e desenfada é que reside o encanto essencial e característico do Recife.



Arco de Santo Antonio.



Velha casa de Olinda — sobradinho trisecular da rua do Amparo, de estilo mourisco - desenho de Manoel Bandeira - 1933.

Essa cidade magra tinha necessidade de dar um artista magro capaz de refletir em sua arte aquela graça característica das suas linhas. Deu-o de fato na pessoa de Manoel Bandeira.

Ha muita gente que toma como meus os desenhos do meu xará. Quem me dêra que fôsem! Eu não hesitaria um minuto em trocar por meia dúzia de desenhos do xará toda a versalhada sentimental que fiz, em suma, porque não pude nunca fazer outra coisa.

Manoel Bandeira desenha a bico de pena e faz aquarelas. Mas é sobretudo no desenho a pena que reside a sua maior força. Alí é que ele é magro como as igrejas da sua cidade. O seu traço é forte, áspero, duro. Todavia em toda essa força a poesia reponta sempre e uma certa ternura bem cariciosa. Poesia e ternura fortes — eis as características dos desenhos melhores de Manoel Bandeira. E fôram essas qualidades que o tornaram o intérprete por excelência dos velhos aspectos da arquitetura colonial, — velhas ruas, velhas casas, velhas pedras. O Recife da Linguêta, Olinda, Iguarassú, São Salvador, Ouro Preto, Mariana, Sabará, São João d'El-Rei assistem na arte do desenhista pernambucano com o mesmo misterioso sortilégio da realidade. Ele faz compreender — sem intenção, aliás, porque não ha nenhuma literatura nesse artista bem confinado na sua técnica — o que ha de passado venerável nessa arquitetura deliciosa não é coisa que se deve repetir, imitar. Quem sente profundamente o colonial não pôde sofrer o neo-colonial.

Bandeira formou-se no Recife, creio que sem mestre nenhum. Vi os seus primeiros desenhos na saudosa "Revista do Norte", dirigida, composta e impressa por José Maria de Albuquerque. Quando o "Diário de Pernambuco" encarregou Gilberto Freire de organizar a edição comemorativa do seu centenário, Bandeira foi convidado para ilustrá-la. Veiu depois a edição do "O Jor-

nal" consagrada a Pernambuco, a colaboração efetiva na "A Província" do Recife e finalmente a sua obra mais importante — a ilustração de todo o número do "O Jornal" dedicado ao Estado de Minas. Para executá-la Bandeira passou dois meses em Ouro Preto, trabalhando com tal ardor que os olhos se lhe fatigaram e adoeceram. Os desenhos de Minas mostram o artista na plena posse de todos os recursos da pena e do nankim. Nenhuma incerteza mais. Uma segurança implacável na oposição dos brancos e dos negros, sensível especialmente na Nossa Senhora do Carmo de Sabará, na capelinha do Padre Faria, no renque de casinhas e nos burricos da rua Barão do Auro Branco.

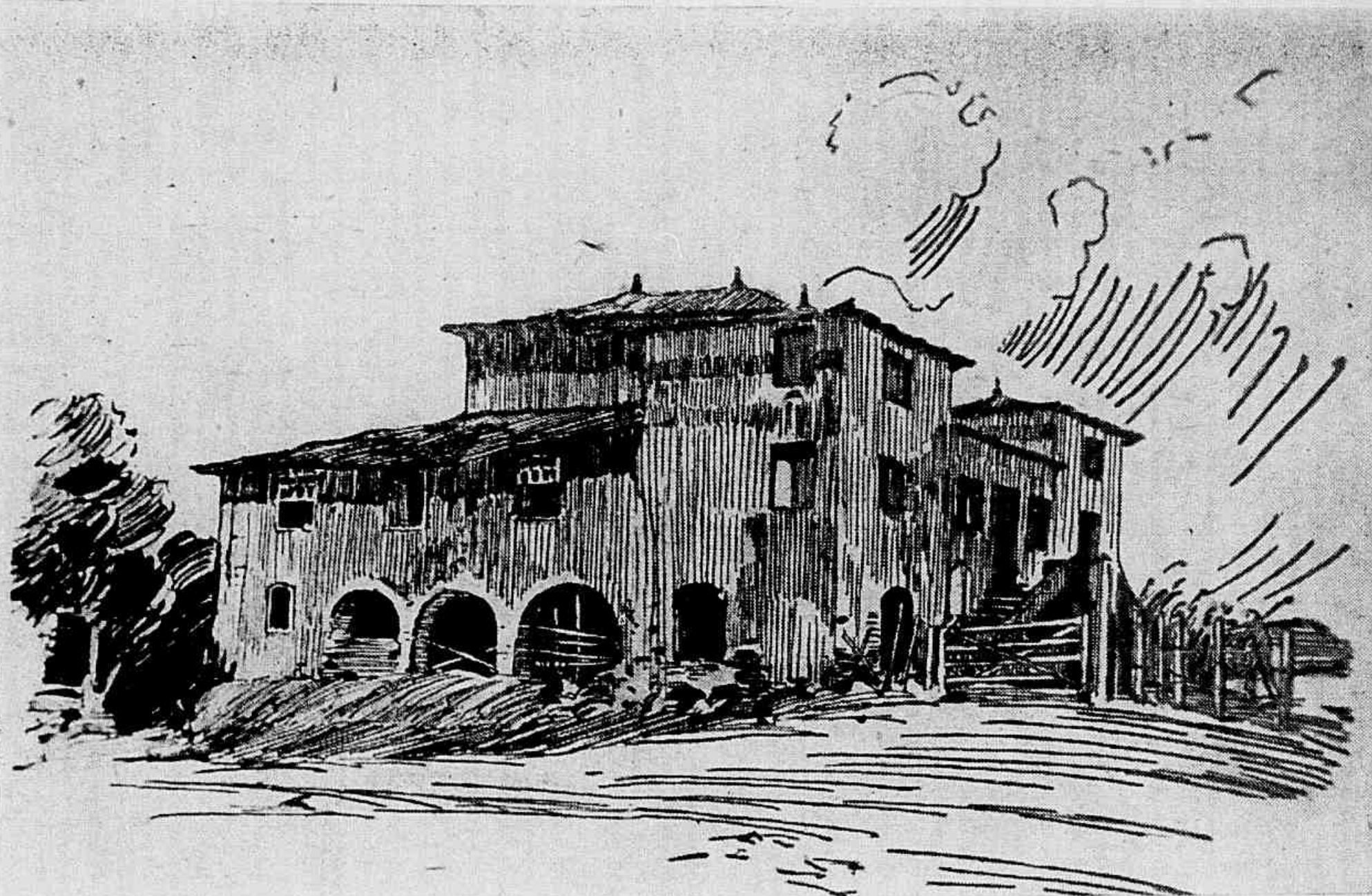
E' de realçar como Bandeira apanhou bem o caráter de cada uma das velhas cidades mineiras. O aspecto severo, áspero e melancólico da antiga Vila Rica, as ruínas ingênuas de Sabará, onde as casas de porta e janela parecem sorrir contentes de se sentirem tão velhinhas, a grandeza processional da encosta do Santuário de Congonhas do Campo, tudo Bandeira fixou com surpreendente fidelidade.

Magistrais são também as reproduções de detalhes das esculturas do Aleijadinho: as pias de São Francisco e Carmo de Ouro Preto, os púlpitos, os corâmentos dos portais, etc. Ao todo 51 desenhos magníficos que testemunham a grandeza artística em que floresceu o

"rush" do ouro vista através a força ingênua e sóbria de um grande artista da nossa atualidade.

E' pena que os trabalhos de Manoel Bandeira permaneçam sequestrados em coleções particulares ou nas reproduções, nem sempre fiéis, de edições jornalísticas esgotadas. Não existe entre nós

nem público nem editores para uma obra dessas. Seria caso de se promover a expensas do governo federal ou do Estado de Pernambuco uma edição dos melhores desenhos de Manoel Bandeira. Ela representaria um dos mais altos e finos padrões da nossa cultura.



Casa grande do engenho do Megape



Igreja de São Francisco



Igreja de S. Pedro dos Clérigos

Agórá muitos usam DENTADURA POSTIÇA com perfeita comodidade

Coma, fale, ria ou cante, sem medo de que sua dentadura postiza se desprenda ou caia da boca. **FIXODENT** conserva as dentaduras postizas mais firmes e torna-as mais cômodas na boca. Este pó de sabor agradável não deixa na boca nenhuma sensação pegajosa. Não provoca náuseas. É alcalino (não ácido). Compre **FIXODENT** hoje mesmo, em qualquer farmácia ou depósito dentário.

Distribuidora para todo o Brasil:
ODONTOLOGIA AMERICANA
Av. Rio Branco, 114, 1.º - Rio

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e asperezas e a tendência para o pimentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante".

Experimente-o.

BIGODE
DE SENHORAS E VERRUGAS
ELIMINAÇÃO GARANTIDA SEM CICATRIZES
ESPEC. GUILHERME KLOTZ
SÃO PAULO - 1471 Av. Brig. Luiz Antonio
TRATAMENTOS CIENTÍFICOS DA CUTIS
Poco enviarei prospectos:
NOME:
ENDEREÇO:

ANUÁRIO DO OBSERVATORIO

Recebemos o número correspondente ao ano LIX do "Anuario" publicado pelo Observatorio Nacional do Rio de Janeiro, edição da Imprensa Nacional, pelo Ministerio de Educação.

O volume em apreço veio acompanhado de um suplemento e de uma "Táboa das Marés" para 1943.

Senhoras
Capsulas
MENAGOL
PARA A FALTA DA MENSTRUACÃO

BOA DO ESTOMAGO?
AZIA - MÁ DIGESTÃO
DÍSPEPSIA - ÚLCERAS
Papais
BANKETS

FIGURAS E FATOS



S. Excia. Tomás Manoel Elio, Ministro das Relações Exteriores da Bolívia, que se encontra já ha alguns dias entre nós, em palestra com o Ministro Osvaldo Aranha.



Quando da inauguração do campo de aviação da Fábrica Nacional de Motores, o ministro João Alberto batiza um dos três aviões doados àquele aeroclube.



O sr. Salgado Filho, Ministro da Aeronáutica, num flagrante fotográfico quando de sua visita à cantina do Combatente.



O sr. Apolonio Sales, Ministro da Agricultura, em visita ao novo Posto de Subsistência do Saps, em Santa Cruz.

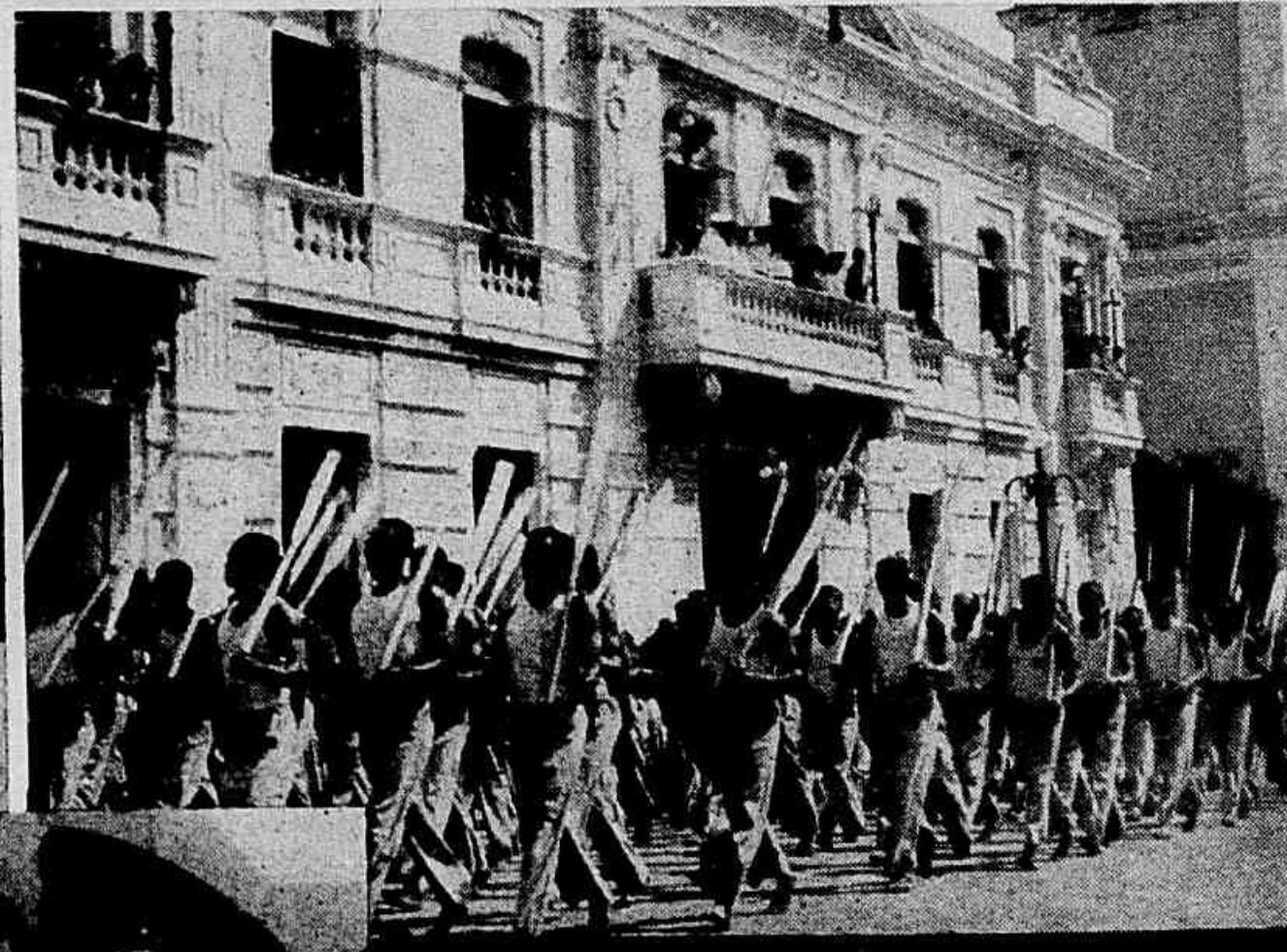


Os marinheiros americanos homenageiam a cantora brasileira Bidú Sayão oferecendo-lhe um pequeno banquete, após a realização do concerto da soprano patricia no auditório do Centro de Instrução Naval de Gref Lakes.



Aspecto fotográfico da partida do Interventor de Sergipe, o Cel. Maynard Gomes, no Aeroporto Santos Dumont.

O MINISTRO DA GUERRA NA PARAÍBA



Fragmentos da visita do ministro da Guerra a João Pessoa — Em cima: Quando o ministro Gaspar Dutra se dirigia ao Palácio da Redenção, por entre alas de escolares e três aspectos da magnífica parada militar. No centro: o ministro da Guerra abraçando o interventor Ruy Carneiro, quando do seu desembarque. Em baixo: quando o Governo e as Forças Armadas da Paraíba homenageavam o militar ilustre.

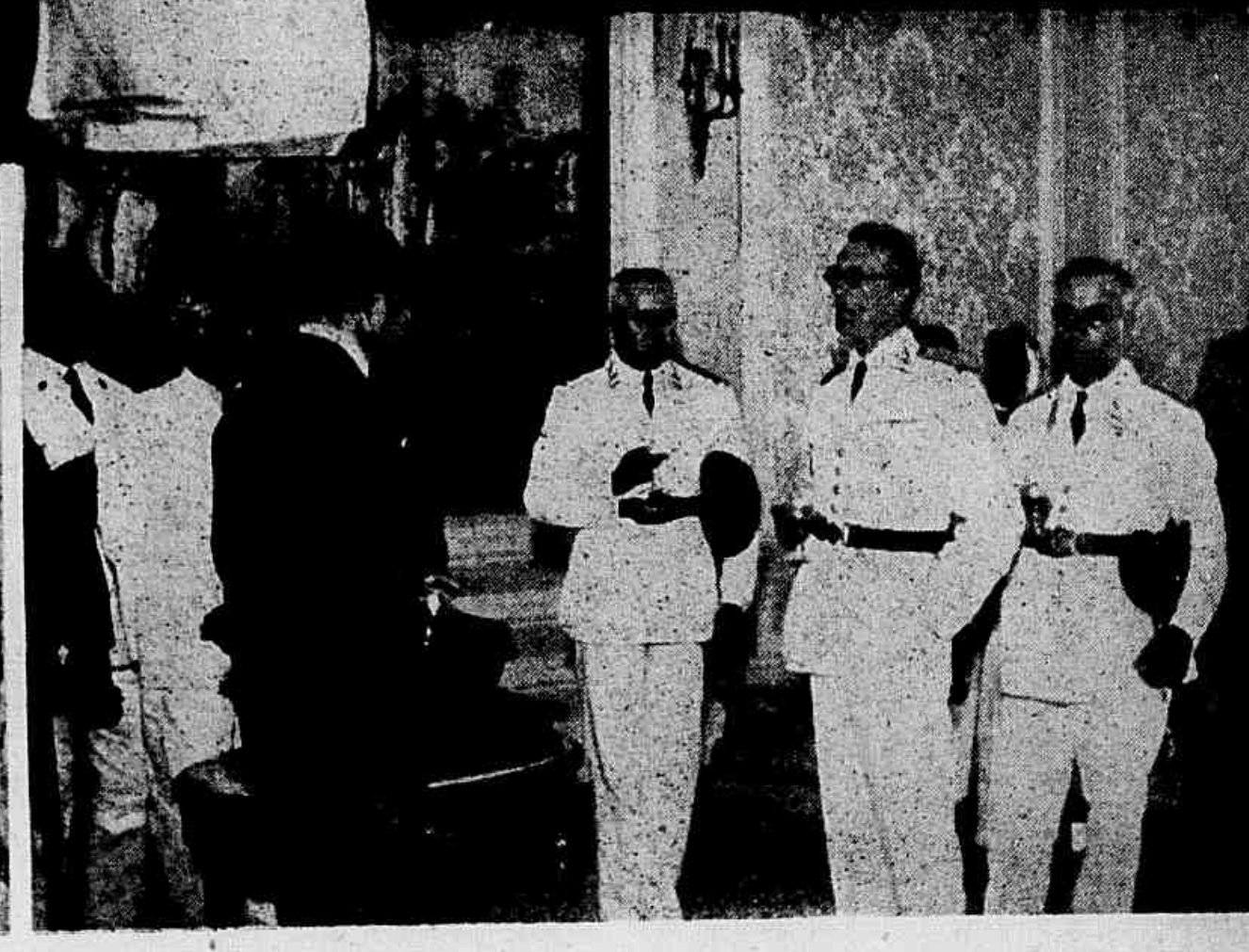
Continuando seu programa de visitas ao Nordeste, s. excia. o general Eurico Gaspar Dutra esteve dia 13 p.p. em João Pessoa.

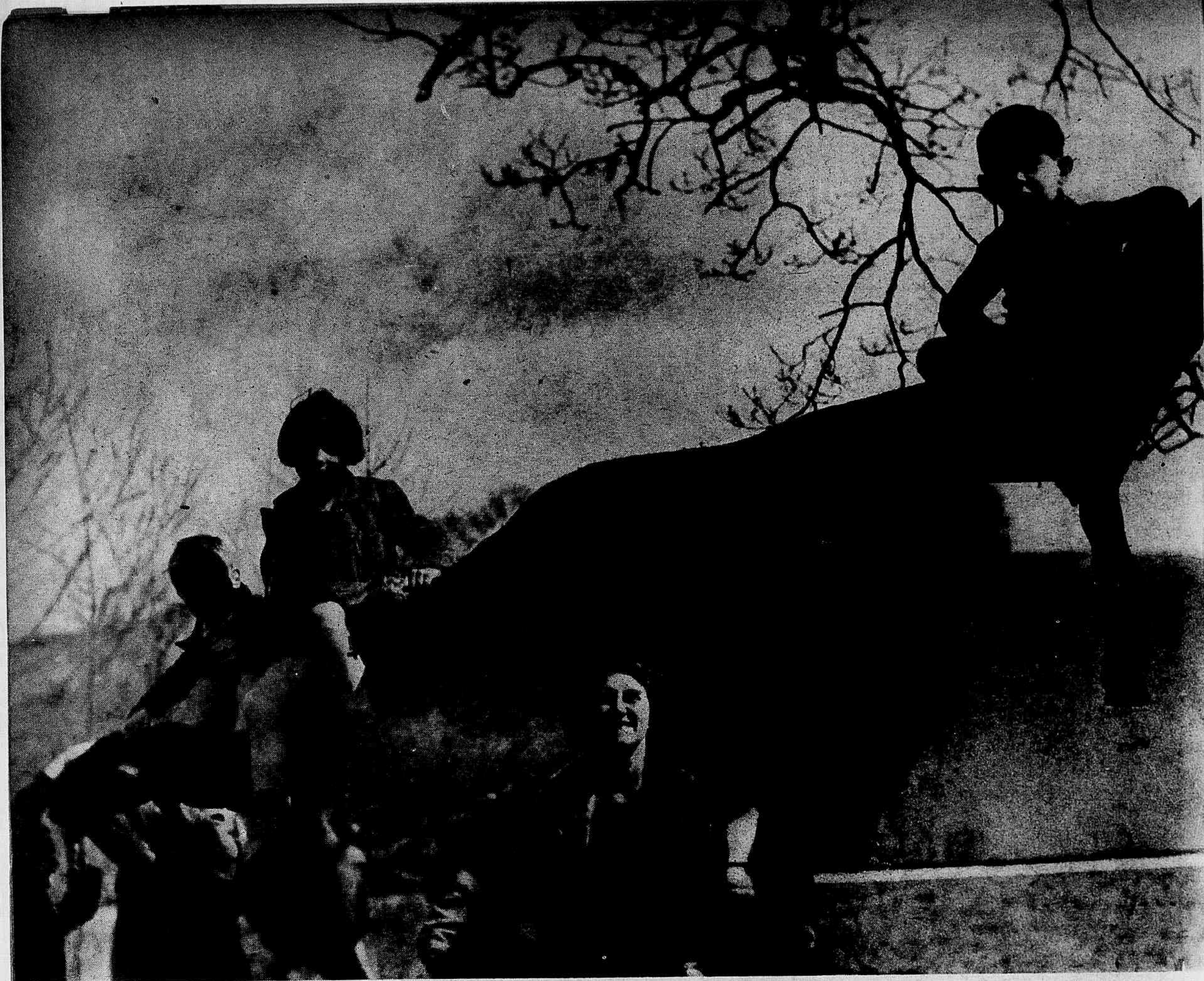
Esperado no Aeródromo da Imbiribeira pelo interventor Ruy Carneiro, acompanhado de altas patentes das forças armadas e das mais significativas autoridades civis, s. excia. dirigiu-se, depois, para o Palácio da Redenção por entre fileiras de soldados perfilados e alas de escolares que o aclamavam vivamente.



Da sacada do Palácio da Redenção o titular da Guerra assiste a um grande desfile constituído de todos os escolares da capital paraibana e de destacamentos militares, sob o comando do major João Gomes Monteiro: N. P. O. R./15.º R. I., um batalhão do 15.º R. I., uma companhia da Força Pública do Estado, um batalhão de guerrilheiros "Vidal de Negreiros", o II/8.º R. A. M. e uma companhia do Corpo de Bombeiros.

Terminada a parada e ao som, ainda, da aclamação vibrante da mocidade, o ministro da Guerra recebe cumprimentos da oficialidade daquele Estado, altos funcionários estaduais e figuras de relevo da sociedade paraibana. Nesse momento s. excia. o interventor Ruy Carneiro levanta a taça brindando o visitante ilustre e falando do entusiasmo com que a Paraíba, berço de bravos, está coooperando para a defesa nacional e para a vitória do Brasil!





AS CRIANÇAS VARÃO O M

UM poeta grego já comparou o perpassar das gerações a folhas que se relem e são arrastadas pelo vento. Toda a angústia transparece nessa imagem pessimista que traduz o ciclo da vida.

Não sabemos, porém, se o vate da Hélade matou essa e outras maravilhosas fotografias que nos chegam da Inglaterra, com a mesma morte que envolve seu futuro. Não nos trazem os aspectos da vitória. E, no entanto, refletem uma das mais dolorosas situações da guerra: as crianças que o governo teve de preservar do perigo frequente das bombas.

Os estadistas ingleses compreenderam que não é apenas a infância que se perde, mas sim forjando o homem do futuro. Voltaram-se para a criança e a ampara-la.

Pobre infância essa que viu seu mundo de sonho e alegria despedaçado e assistiu a cenas de horror indescritíveis por entre as chamas da destruição de tudo que julgava estavel a sua volta!

Para salva-la, enviaram-na á tranquilidade bucólica do campo ou o silvo da bomba. Ali volta a encontrar seus mitos e sonhos. Sob o céu nevoento da Inglaterra, pelos prados verdejantes, a paz, que, para ela, deve constituir a razão ultima da vida e dos caros sonhos.



ANÇAS SAL- O MUNDO

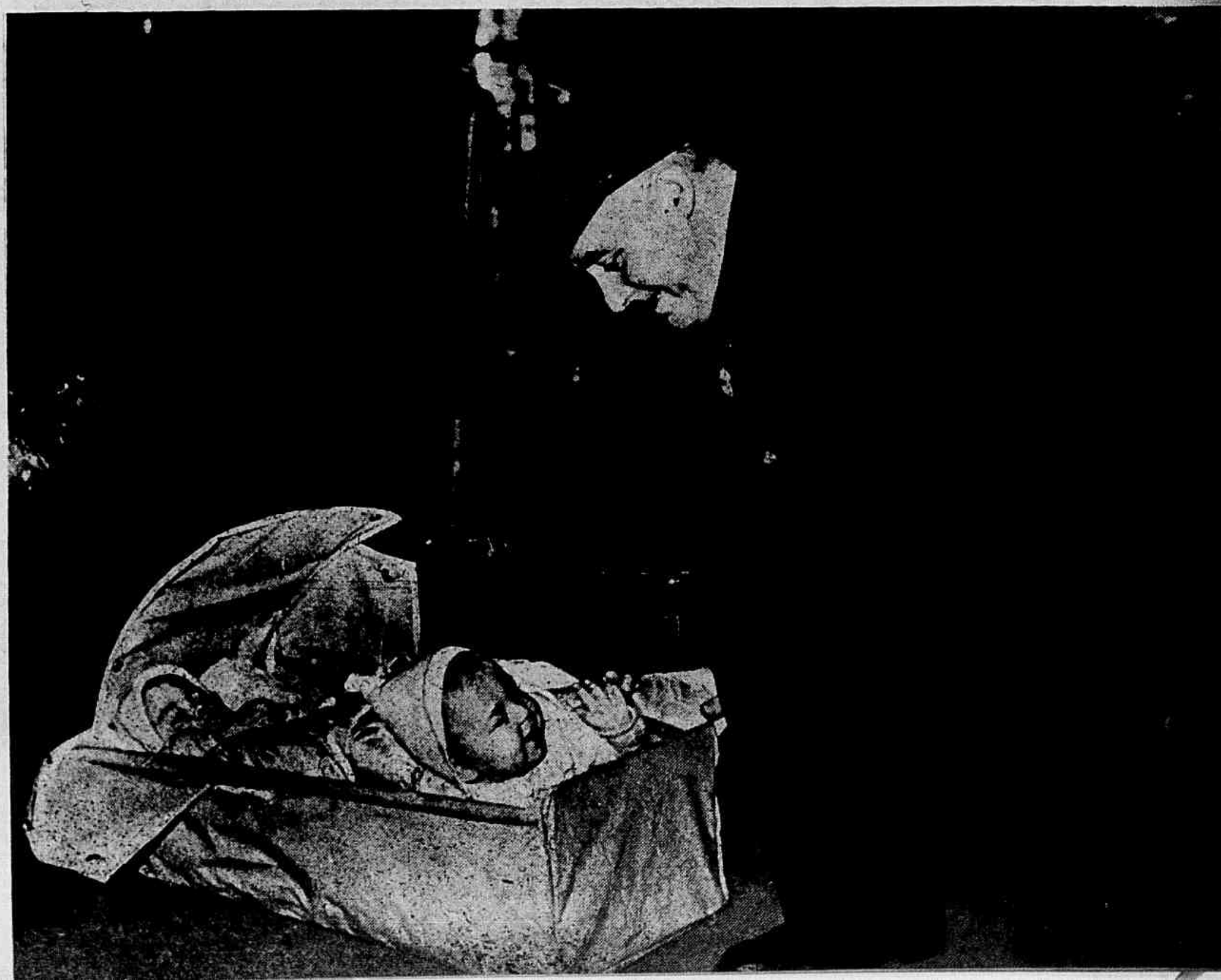
das gerações sobre a terra ás folhas de uma arvore que vicejam, am-
Toda a am... inquietação latente sob o frio mármore do helenismo
ue traduz... io da vida.

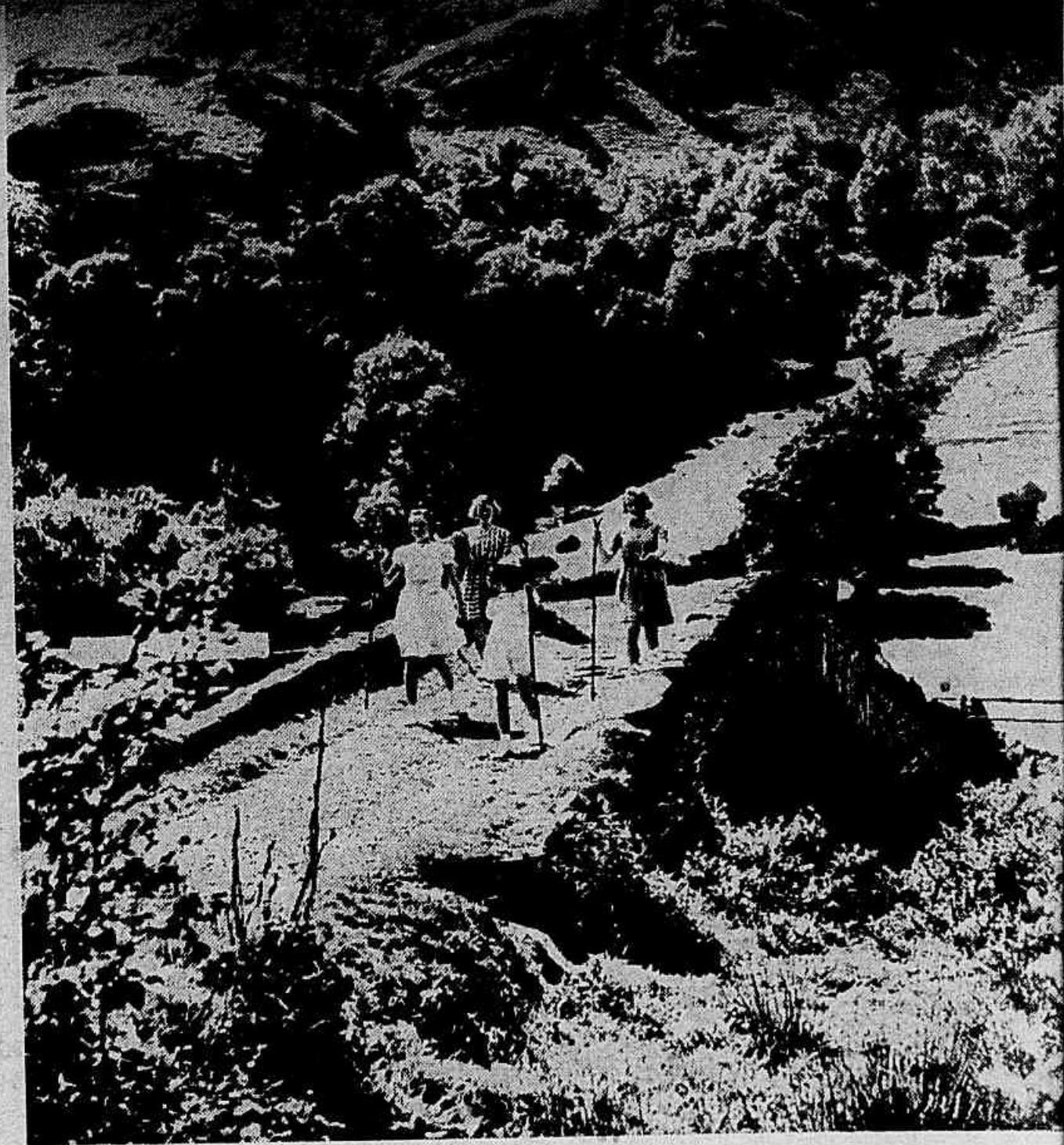
Hélade ma... essa comparação si pudesse, hoje, contemplar estas
glaterra, a mesma Inglaterra empenhada numa luta de vida e
os aspect... que já nos acostumamos desse combate heroico pela
dolorosas... da guerra. Mostram-nos o destino das crianças lon-
go frequen... os bombardeios.

ão é apen... ndindo canhões ou metralhadoras que vencerão a guerra,
n-se para... ancia os olhos esperançosos. Cuidaram de protegê-la

sonho e le... espedaçado pelas mortíferas bombas inimigas; que
e as chama... incêndios e o ruir dos edificios; infancia que viu a des-

bucólica d... mpos onde não corta seus ouvidos o grito da sirene
us mitos q... as, as personagens dos maravilhosos contos de fadas.
verdejante... condados ingleses, volta a descobrir a felicidade e a
na da vida... os carinhos e dedicadas procuram fazer com que seus





instantes sejam plenos de alegria e encantamento. Quem sabe porem o resaiço de tristeza que será, na 'alma do homem feliz de amanhã, a sombra da criança de hoje que, em meio dos folgueços, recorda o lar e os entes queridos?

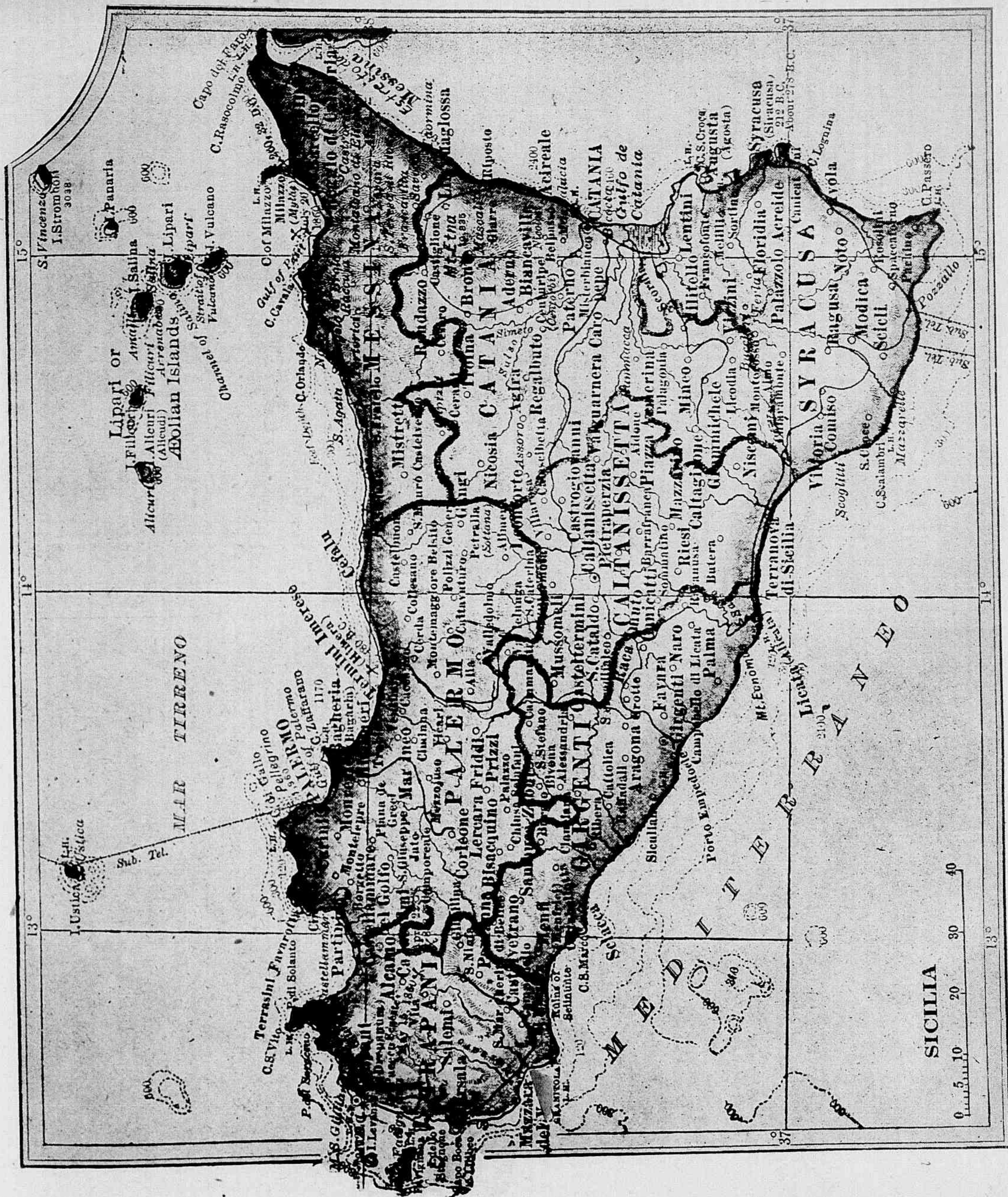
Das fotografias que estampamos desprende-se uma confortadora lição de solidariedade humana. E' comovente esse espetáculo da geração atormentada de hoje dando a

mão á que lhe sucederá, na vaga esperança de que traga a redenção de seus erros e o resgate de suas penas.

Crianças que vão á escola aprender o que é o universo e crianças que oram pelo que deve ser o universo; crianças que brincam, que estendem os braços para o céu numa súplica... Que peso imenso paira sobre essa fragilidade!

Não serão apenas folhas que o vento arrasta, mas frutos preciosos da arvore da vida, onde se encerra a semente do amanhã.





SICÍLIA

Tudo nos parece indicar que a batalha da Europa terá sua primeira fase decisiva na Sicília. A ofensiva aliada no Mediterrâneo visava o sul da península italiana, que dista apenas 90 milhas da costa tunisiana e pouco mais de três quilômetros da Itália.

Não será a primeira vez que a Sicília se verá a braços com a invasão e a guerra. Sua história, nesse ponto, tem sido bastante acidentada. Em 25,738 qms.2 de extensão. E, depois da Lombardia, a parte mais populosa da Itália, contando mais de 4 milhões de habitantes. Desde a antiguidade suas terras são famosas pela fertilidade, tendo sido chamada o celeiro de Roma. A base de sua riqueza é a agricultura, o cultivo do trigo, a cevada, o milho, o linho, o tabaco e o algodão. Seus vinhos são famosos. Como na Espanha, os árabes introduziram na ilha diversos cultivos exóticos, transformando-a, em seu tempo, num verdadeiro jardim semelhante à Andaluzia. Suas próprias indústrias são derivadas da agricultura.

Sua história sempre foi agitada. A posição que ocupa no Mediterrâneo, a feracidade de seu sócio sempre fizeram com que se voltasse para ela os olhos cobiçosos dos conquistadores. Todos os povos mediterrâneos misturaram seu sangue à terra fértil da Sicília, desde os fenícios e gregos que nela estabeleceram suas colônias cerca de 1000 A. C. até os povos da moderna Europa que a ocuparam momentaneamente. Passou pelas mãos dos mais diversos dominadores: gregos, romanos, cartagineses, vândalos, ostrogodos, bizantinos, árabes, normandos, franceses, espanhóis e austríacos até que as tropas de Garibaldi incorporaram-na definitivamente ao Reino da Itália. A Sicília tem desempenhado papel importante na história da civilização, desde a época em que constituiu o berço da cultura helênica na Península até o momento em que aquele singular soberano que foi Frederico II criou a seu redor uma corte de letrados e artistas cuja audácia de pensamento parecia preceder o movimento renascentista.

Em 1860 Garibaldi escolheu-a para ponto de partida da marcha triunfal que suas hostes realizariam em prol da liberdade italiana. A Sicília viverá sem dúvida agora um dos momentos cruciais de sua movimentada história. Esperamos que não se mostre inferior ao papel que o destino lhe reservou de ser o primeiro ponto do continente a receber e auxiliar o primum embate aliado contra a dominação nazista, que oprime a Europa e humilha a nação italiana.

“...Há um século, nascia um herói!”

Presente, passado e futuro são três pontos de uma linha única, ligados por lágrimas e sonhos, sorrisos e anseios, que dão a própria vida, a existência mesmo. Da vida do indivíduo podemos alçar a vista e generalizar para a existência do grupo, da sociedade, da nação. E se no movimento ondulatório provocado pelo sólido ao tocar a água parada, concêntrico e regular, que se estende até o limite do líquido e depois volta sobre si mesmo, denominarmos cada círculo paralelo, história de um país, teremos nesse movimento que se expande e se reflete, para depois tornar a se expandir, o que é de conhecimento comum: a História se repete.

Ocorrem-nos essas cogitações porque, pretendendo escrever sobre um fato ocorrido há quase um século, constatamos que eram mesmas as circunstâncias, iguais as situações.

Estávamos em 1865. Então, como hoje, éramos um povo pacífico e trabalhador. Então, como hoje, a nossa soberania foi alvejada, o nosso brio de nação independente atingido. O Estado reage, o exército cerra fileiras. Todos, sem distinção de castas, auxiliam a Pátria. Este acode com ouro, aquele com trabalho e aquele outro com a vida.

E' assim que em 2 de Maio de 1865 o governador da Província do Ceará, Conselheiro Lafayette, recebe a seguinte carta:

“Ilmo e Exmo Sr. Quando de todos os lados do Império se oferecem os mais sublimes exemplos de abnegação e patriotismo, quando os brasileiros unidos em um só pensamento se disputam a primazia de oferecer os seus serviços à Pátria ultrajada, quando donativos opulentos teem celebrado milhares de patriotas ilustres, cujos nomes a imprensa quotidiana, aponta com admiração e respeito, a abaixo assinada, professora pública da cidade do Crato, vem também por sua vez, cumprir o grato dever de depor no altar da Pátria a sua humilde oferta.

“Viuva, desfavorecida de bens de fortuna, cercada de uma numerosa família, não lhe sendo possível concorrer de outro modo para a nobre e santa causa

em que se acha o país empenhado, vem oferecer a V. Ex., como voluntário da Pátria, seu único filho varão, Carolino Bolivar de Araripe Sucupira, o qual se alistará oportunamente perante a comissão patriótica dessa cidade.



Carolino Bolivar de Araripe Sucupira.

“Si fazendo essa pequena oferta a abaixo assinada se humilha ante a consideração de seu nenhum valor, se outras mais vantajosas e opulentas veem eclipsá-la, contrastando com a singeleza desta, todavia a abaixo assinada se ensoberbece quando considera que a oferta, é verdade, é menor de que desejava, porem maior do que caiba em suas forças porquanto deu, por assim dizer, todo o que possuia: deu o que tinha de mais caro neste mundo.

“Entretanto, protesta desde já a V. Ex., que, fazendo este penoso sacrifício, nenhuma outra recompensa ambiciona que não seja a de ver por seu filho correspondidas as suas esperanças de mãe, de um modo que, lisonjeando seu orgulho, não desminta a fama e celebridade do soldado brasileiro.

“A abaixo assinada espera que V. Ex. se dignará aceitar a sua pequena oferta, cujo único valor consiste na intenção que a ditou. Deus guarde a V. Ex., — Crato, 2 de Maio de 1865.”

...e Carolino Bolivar de Araripe Sucupira galga o vestibulo do Panteon da Pátria!

Quanta luta e sacrificio, suor e sangue e, sobretudo, bravura e heroismo foi preciso para, de simples soldado quando se alistára, Sucupira ter voltado com o título honorífico de Comandante, os galões dourados de Major e as numerosas condecorações que lhe brilharam no peito — conquistadas simultaneamente com os palmos do terreno tomado ao inimigo, os canhões silenciados, as fortalezas assaltadas, as cidades conquistadas, feitos muitos e notáveis que trouxeram honra para o soldado e glória para a Pátria!

Nascido em 2 de Julho de 1843, comemora-se, agora, o centenário desse bravo. Os brasileiros não olvidaram, como não olvidarão jamais, esse soldado notável; a nação inteira lhe rende, hoje, seu tributo de agradecimento e admiração e a História, relatando fatos, principia a narrar:

“...há um século, nascia um herói!”



O MÊS DE MARIA NO MEIER. —“Flagrantes do encerramento do mês de Maria na Matriz de Nossa Senhora Aparecida do Meier, em Cachambi, que transcorreu brilhantemente. Cento e vinte anjos e trezentas jovens vestidas de branco assistiram á coroação da Santíssima Virgem por uma aspirante da Pia União.

São João Casamenteiro

Continuação da página 7

“Diz qu’ê’ gosto dum rapaz
Vestido de azul-ferrête...”

E logo o marcante:

— Passa e volta...

Quando a sentiu nos braços, os olhos d’ele chispavam áscuas de lume. Apertou-a bem de encontro ao peito largo. E a rirem de contentes deram as voltas dobradas, num rodopio...

O povoleu, de fóra, sorria de entendido. E lá do fundo, o velhote, pai de menina Zefinha,

ao percebê-los a segredar, berrou fora de si, alegrote e folgazão:

— Eh cachopa! — Que desta feita é que vai a franga rica...

...E levou a borracha à bôca, e engulipou duas goladas têsas do tinto.

ALMIRANTE JACEGUAI

A Academia Brasileira de Letras realizou, no sábado 19 do corrente, uma brilhante reunião para comemorar o centenário do nascimento do Almirante Jaceguai, eminente figura da Marinha Nacional e membro daquele sodalício.

A sessão foi presidida pelo embaixador Macedo Soares e teve a presença, entre outras personalidades de relevo, do ministro da Marinha, almirante Aristides Guilhem, do ministro do Exterior da Bolívia, dr. Tomás Elio, do embaixador de Portugal, dr. Martinho Nobre de Melo, altas patentes da Armada, escritores e jornalistas.

Sobre a vida e obra do almirante Jaceguai, pronunciou brilhante conferência o escritor e acadêmico, sr. Barbosa Lima Sobrinho, atual ocupante da cadeira onde teve assento o ilustre marinheiro.

A CONFERÊNCIA DO SR. BARBOSA LIMA SOBRINHO

Damos a seguir um resumo da conferência do sr. Barbosa Lima Sobrinho: De início declarou o conferencista ser necessário mergulhar na existência de Jaceguai para deslindar no emaranhado dos episódios e das paixões, os fios que permitirão a compreensão da sua alma e da sua atitude em face da vida. Somente assim se conseguirá evitar certos juízos menos verdadeiros que emprestaram à personalidade do bravo marinheiro contornos que não correspondem de forma alguma à realidade. Artur Silveira da Mota, assim se chamava o futuro Barão de Jaceguai, era filho do dr. José Inácio Silveira da Mota, advogado e jurista eminente, de marcante projeção como político no segundo império. Ingressando aos 15 anos de idade na Academia de Marinha revelou-se desde o começo um aluno brilhante, premiado com excelentes notas em todas as matérias do curso. Com menos de 20 anos de idade e mal saído da escola, cujo curso concluiu em 1862, ocupa a cadeira de hidrografia da Academia Nacional, impressionando pela excelência do programa organizado não só o Ministro da Marinha como o próprio Imperador. Promovido a 1.º tenente Silveira da Mota embarca para o Rio da Prata, à procura do seu destino, que havia de ser um destino guerreiro. Impaciente por tomar parte em operações navais sérias obtem servir na canhoneira "Mearim" indicada para a esquadra do bloqueio. Suas esperanças são, porém, frustradas, pois como ele próprio escreveu em seu Diário: "a canhoneira "Mearim" está condenada aos serviços pacíficos". No entanto, já os fios do destino haviam sido tecidos pelos acontecimentos. Recebendo a missão de levar correspondência de confiança ao almirante Tamandaré, um simples episódio, revelador do seu entusiasmo patriótico, ocorrido a bordo do navio que o transportava de Buenos Aires para Montevideo, impôs o jovem oficial à admiração de Tamandaré que o convidou para exercer o lugar de secretário e ajudante de ordens. O novo secretário ainda não completara 22 anos de idade e ia ocupar, por seus próprios méritos, um dos postos de mais destaque na armada, ao lado de Tamandaré, como pessoa de sua inteira confiança. "Assim, nessas novas funções, assiste ao sítio e rendição dos paraguaios em Uruguaiana, a 18 de setembro de 1865. Faz parte da comissão hidrográfica que procede ao reconhecimento do Alto Paraná, desde Três Bocas até Itati, enfrentando tenaz resistência do forte Itapirú. Recebe a missão de transmitir ordens do comando aos navios da esquadra, transportando-se de um lado para outro a bordo de escaleres, sob a fuzilaria do inimigo, mesmo em ocasiões arriscadíssimas, como no momento dos ataques aos fortes de Curuzú e Curupaití. Bravura e serenidade foram suas companheiras fiéis nessas funções perigosas." Apesar de tudo Silveira da Mota não se sentia satisfeito, pois não podia tomar parte mais ativa na guerra. "O posto de secretário de Tamandaré lhe dera destaque mas não lhe trouxera a glória refulgente com que sonhava. Mas a oportunidade não podia tardar a quem a perseguia com o ardor de um coração moço e o entusiasmo de um patriotismo desvelado."

Depois da retirada de Tamandaré do comando da esquadra Silveira da Mota entra em contacto com Caxias, que conhecera no cerco de Uruguaiana, para pleitear o comando de um navio, posto que lhe permitisse dar a medida da sua capacidade guerreira. Caxias, que não pôde atendê-lo no momento, deu-lhe, no entanto, prova de excepcional confiança ao confiar-lhe importante missão reservada na Corte, qual fosse a de informar o Ministério e Imperador do andamento da guerra. Não poderia haver melhor elogio às qualidades de reserva, prudência, discrição, critério e inteligência do jovem oficial de 23 anos. Como recompensa à sua ação Silveira da Mota é investido do comando do encouraçado "Barroso" no dia 23 de maio de 1867. A primeira ação de que participa no seu novo posto é a passagem de Curupaití, depois do que foi a esquadra fundear à vista de Humaitá. "Se em Riachuelo a figura principal foi Barroso à vista de Humaitá, quem mais se destaca é Artur Silveira da Mota. Coube-lhe a glória de comandar o encouraçado, que, antes de todos os outros, surgiu diante da fortaleza paraguaia. Foi o primeiro que se atirou sobre as correntes mergulhadas no rio, o primeiro que enfrentou o fogo inimigo e o tremendo bombardeio concentrado de sua artilharia, o primeiro, ainda, a vencer o passo considerado intransponível. Se há, pois, no feito de Humaitá, uma figura dominante, é, de certo, a do oficial que, com firmeza, bravura e inteligência, dirigiu o encouraçado "Barroso" e teve a honra de ser o primeiro a enfrentar e vencer os obstáculos da passagem." O louvor oficial não esteve, então, em correspondência com o feito heróico. Na própria ordem do dia, relativa à jornada de 19 de fevereiro, não se menciona o nome de Silveira da Mota, o qual atribuiu essa falta à animosidade que Inhauma lhe votava de há muito. O julgamento da opinião pública não se fez esperar, porém. Se o chefe da divisão que irrompera em Humaitá recebera o título de Barão da Passagem, Silveira da Mota obteve de Barão da Frente, numa carta de nobreza que vinha de outra magestade, a das letras, por intermédio de um poeta, José Bonifácio, o Moço, que assim o consagrou num poema intitulado "Primus inter pares".

Depois da guerra, onde alcançara o posto de capitão de mar e guerra, realiza no comando da corveta "Niterói" uma viagem de instrução de guardas-marinha. Mais tarde fiscaliza a construção de navios de guerra encomendados aos estaleiros britânicos pelo governo do Brasil. A 2 de dezem-

bro de 1878 é promovido a Chefe de Divisão e no ano seguinte, na corveta "Vital de Oliveira", chefia uma expedição ao Extremo Oriente e realiza, com seus companheiros, a primeira viagem de circumnavegação efetuada por um navio de guerra brasileiro. Poucos anos depois, a 3 de março de 1883, é nomeado Chefe da Esquadra. Aos 41 anos comandava uma esquadra de evolução composta de 4 couraçados, 4 cruzadores e 8 torpedeiros. Precisamente no mesmo dia em que era investido neste novo comando recebia do Imperador o título de Barão de Jaceguai. Em 1887 pede e obtem reforma, gesto que surpreendeu profundamente a quantos lhe conheciam a vigorosa vocação militar. Rui Barbosa explicaria que foram as prevenções do Ministério Cotegepe contra o abolicionismo que levaram Jaceguai a pedir reforma. Mas mesmo assim não se afasta da profissão. Diretor da Biblioteca e Museu da Marinha continua a estudar os problemas navais e não escreve nem trata de outros assuntos. No dia 10 de outubro de 1900 um decreto mnda revertê-lo à atividade com a patente de Vice-Almirante. Exerce, então, as funções de diretor da Escola Naval com renovado interesse pelos assuntos da profissão em que é de fato um mestre. Em 1911 o estado de saúde obriga-o, desta vez sem esperança de reversão, a solicitar reforma. A sua vida como que se arrasta e a 6 de junho de 1914, duas semanas depois de haver completado 72 anos, desaparece. Jaceguai morreu desacompanhado, escreveu Oliveira Lima. Morreu desacompanhado, esquecido, o herói de quem Joaquim Nabuco dizia que, se tivesse sido inglês, não poderia transitar por Piccadilly, sem que os seus compatriotas se descobrissem à sua passagem, na recordação do grande feito que o assinalara para sempre, diante da barranca bravia de Humaitá.

Fechado entre a austeridade e a rapidez, entre o sentido do comando e a obsessão da disciplina, faltou-lhe algo para fazer amigos como Tamandaré ou Saldanha da Gama. A incompreensão levou Jaceguai a uma espécie de reexame de sua vida, o que o fez escrever as suas memórias. "Por isso não encontramos devaneios nos seus livros, nem preocupações especulativas. Pode-se dizer que todas as suas páginas são atos. Quando discute peculiaridades de canhões raídos, o que deseja é que a marinha seja armada com os canhões de Armstrong e não com os Whitworth. Suas teses a respeito de arsenais de marinha, do ensino naval, da lei de promoções, constituem uma espécie de programa do Ministro da Marinha, que ele não conseguiu ser. Até mesmo os capítulos relativos à guerra do Paraguai não se destinam a exposições de sucessos passados; tomam ares de parecer de um oficial, no conselho que vai traçar a orientação das batalhas e definir a missão das unidades de combate."

Concluindo o seu estudo o sr. Barbosa Lima Sobrinho afirma que o Jaceguai que surge à luz tranquila deste centenário é o marinheiro no vigor dos seus vinte e poucos anos, como num dos seus retratos de 1868, "a barba cheia, o cabelo crespo, olhos fuzilantes de energia, braços cruzados sobre o peito, numa atitude de decisão inabalável. O brilho do olhar é tão forte, nesse retrato antigo, que de certo só o alimentavam paixões austeras, o patriotismo, a glória, o sacrifício, a bravura." Referindo-se ao episódio de Humaitá, Jaceguai escreveria mais tarde: "O comandante do "Barroso" não teve certamente, em toda sua vida, momento mais feliz do que aquele em que, abraçado pelos seus dedicados amigos Echebarne e Antonio Joaquim, foi objeto de aclamações de seus oficiais e marinheiros."

O sr. Barbosa Lima Sobrinho sintetiza o seu juízo crítico afirmando que: "Essas aclamações não cessaram. Parece que tudo que ocorreu nessa noite dramática se fez para a eternidade. E' imperecível, na memória dos brasileiros, esse encouraçado "Barroso", com o seu comandante, seus oficiais e tripulantes. E' também imperecível o clamor dos aplausos que os saudaram, na madrugada de 19 de fevereiro de 1868. Não obstante a passagem do tempo, continua a viver diante de nós a cena épica, prodigiosa de beleza cívica e de inspiração patriótica, realçando, para todo o sempre, a glória de um grande marinheiro, a glória da esquadra do Brasil."

AGRADECE O MINISTRO DA MARINHA

Agradecendo a homenagem da Academia ao Almirante Jaceguai, falou o ministro Aristides Guilhem, que proferia eloquente discurso, tecendo francos elogios aos membros daquele cenáculo, e em brilhantes palavras enaltecendo as orações do Embaixador Macedo Soares e do Sr. Barbosa Lima Sobrinho, que o haviam precedido na tribuna.

O Almirante Aristides Guilhem discorreu ainda sobre a obra do homenageado, citando as elogiosas críticas feitas a Jaceguai por membros da Academia Brasileira de Letras.

Terminando o seu aplaudido discurso, declarou o ilustre titular:

"Morto o marinheiro ilustre, preencheu-lhe a vaga o grande poeta e escritor Goulart de Andrade. Com a sua faculdade de admirar, esse ilustre acadêmico fez um elogio inesquecível de Jaceguai, esse "Barão assinalado", que cumpriu "a missão de ser forte dentro da fé" e que nós da Marinha temos com expressão legítima de inteligência, cultura e valor guerreiro. A Goulart de Andrade sucedeu o sr. Barbosa Lima Sobrinho, o acadêmico que acaba de encantar o auditório, dando-nos momentos felizes porque nós outros, marinheiros, dentro dos muros desta casa consagrada à beleza intelectual e aos milagres da vida interior, estamos sentindo que há alguma coisa da Marinha de Guerra, da sua história de sacrifícios pela nossa pátria e dos feitos dos seus homens. O almirante Barão de Jaceguai teve o mérito e a fortuna de representar a Marinha nesta instituição de expoentes da nossa cultura. Fê-lo com tanta propriedade e brilho que os marinheiros de hoje o relembram e cultuam agradecidos. Aos ilustres membros da Academia Brasileira, agradeço sensibilizado, em nome da Marinha de Guerra, a participação que lhe proporcionou nesta homenagem à sua egrégia figura. Creia o nobre sucessor de Jaceguai sr. acadêmico Barbosa Lima Sobrinho, que o seu belo discurso, dedicado ao almirante, foi ouvido com todo o recolhimento cívico e há-de ecoar na Armada, como ecoem os sons das trombetas do triunfo".



Barbosa Lima Sobrinho.

O DESMORONAMENTO

Conto de **Leoncio Correia**

CLEMENTE FLORES deu um tranco violento á portinhola do automovel, ganhou, de um salto, a calçada, penetrou no corredor e, como um cisne pisando a grama tenra ao deixar o lago em que deslisára, sacudiu-se todo, rigorosamente. Encostou á soleira da porta o guarda chuva, de cuja biqueira a agua escorria em fio lento e continuo e penetrou a sala de jantar. Sobre os braços de veneravel cadeira, testemunha da passagem de duas gerações, pendurou o paletó. Depois enfiado num pijama de seda, sentou-se frente á janela. Contemplava, com tranqullo olhar o morro que ficava ao fundo da casa, e de cujo cocuruto desciam, como batlhões em fuga ou em ataque, ligeira, e acobreadas nuvens. A agua da chuva — da chuva grossa, de tempestade, — gorgolejava pelas telhas, e, da casa vizinha, espadanava, golfava, borbotando em chórros, das bocas de dois dragões, ameaçadoramente acantonados entre os rebordos dos cantos da cumieira.

A tarde recolhia melancolica e chorosa. Flores relvrou com voluptuosidade e delicia numa confortavel *chaise-longue*, e não havia ainda se acomodado de todo e já a campainha elétrica dava sinal de estranho á porta. Ele mesmo foi abri-la. Era o mensageiro, o rapido. Certo, trazia-lhe doce recado, pois sorria, iluminado de alegria e de gloria, á leitura da pequenina carta, toda subtilmente perfumada no seu suave tom róseo, e toda enegrecida de minusculas, nervosas letras.

“Meu bijú, dizia, como em supplica, a olorosa missiva: vem amanhã, ás sete da manhã, tomar café pela mesma chicara em que o sorvo. Que gostosa surpresa, não? Ele embarca para São Paulo, a negocios. Sempre atarefado. E nós, no nosso sagrado silencio, sempre e cada vez mais discretos e mais amantes, não é assim? Vem! Esperam-te os meus amorosos braços para te cingir com ternura, e a minha bôca sequiosa, para te devorar de apaixonados beijos. Tua escrava, orgulhosa da sua escravidão, M”.

Clemente sorria e conjecturava. Era a primeira vez que, pela ausencia do dono, iria elle gosar, sem sobressaltos, serenamente, repousadamente, aquele corpo de marmore de Carrara e rosas da Assiria...

Trincou, sensualmente, o bico de um havana, acendeu-o, e na discreta meia treva que lhe enchia o gabinete, atirou o corpo sobre uma cadeira de balanço, arqueou os braços, enlaçou as mãos no alto do encosto, por trás da nuca e, sobre esse parco travesseiro repousou a cabeça pensativa, semi-cerrou os olhos, e deixou, deliciosamente, redondar-se o sonho em que sua alma se embalava...

Já a chuva escasseava e, na altura, uma remota e vaga claridade se espalhava, tentando a lua, com hesitação romper os grilhões de lentas nuvens, que impediam o seu vetustissimo, mas sempre renovado namoro com o mar...

A um forte tilintar de campainha, Clemente estremunhou, espreguiçou-se com volupia, e, tateando cautamente, a palpar a treva, tocou o lirio que do alto pendia por uma haste invertida, e logo um jorro luminoso se espalhou pelo ambiente.

Alvim, atarracado, com uma cara de leão de escarradeira, voltava sempre a vastidão do pensamento para a bacalhoad e para o verbasco — que lhe eram da vida delicia maxima e preocupação constante — ousava periodicas incursões pela poesia, no regalo das soberbas digestões.

— Daria uma perna ao diabo se adivinhasse o livro que carrégo: os “Bandeirantes”, de Batista Cepelos, com um prefacio de Bilac. Talvez não conheças o poeta...

Clemente Flores dignamente afirmou não ter tido jamais passeado o olhar sobre as produções desse vate. E arrebatou-lhe o livro, para lê-lo mais tarde, como confissão, com devoção e amor.

E abancaram. Encetando a cavaqueira literaria, a que Clemente emprestava a irrecusavel autoridade de autor de um soneto que publicara com o sugestivo titulo de “*Coração de ferro*”, disqueteavam quase sempre sobre os mesmos temas, invocando os mesmos nomes.

Alvim embiocava num religioso silencio e Clemente, com abundancia de gestos, pontificava: Camões transporta-me ao glorioso ciclo das navegações lusitanas por uma ponte de ouro, e eu o leio como um sacerdote austero lê o missal frente ao altar: com reverencia e respeito. Flaubert, Leconte, Heredia são pintores de paisagens harmoniosas, sem tonalidades agressivas. Não se os lê sem assombro. E compreendo-lo, adivinha-los, senti-los, é uma graça nem a todos concedida. O Dante leio sem pressas... E, se tento apressar-me, logo o bárbaro refreia-me o entusiasmo. Tenho de voltar á pagina lida para descobrir e apreender a beleza vasta entre os marmores dos tercetos como entre a folhagem verde o rubi gritante de uma amora silvestre... Shakspeare força-me a meditar; empurra-me para dentro de mim mesmo. Envolve-me na minha propria alma, como a lua ou como a treva enchem o céu. E para lhe calcular a estatura, que medida humana não logra alcançar, olho o céu e olho o mar, e a eles o comparo. Antero é um horizonte enevado... O sol, que por traz dessas névoas arde e palpita, não desce aos vales: fixa-se nos píncaros, dourando-os. Eça é uma pomba com garras de tigre. Arrúlha e dilacera. Lembra, também, a aurora na apoteóse do seu esplendor, e o crepusculo na suavidade da sua melancolia. Baudelaire é um poeta perturbador. O perfume das “*Flores do Mal*” embriaga-me...

— Esqueceste o papá...

— O deus exilado? O divino monstro das “*Contemplações*”? Esse, leva-me por aí, aos trombolhões. Péga-me pela mão ou pela gola do casaco ou pelos cabelos, e me vai arrastando numa vertigem, pelas grótas e pelos vales, faz-me saltar abismos, mergulhar nos antros, ascender aos cimos e, depois, leva-me, arquejante e aterrado, num vôo ou numa alucinação, muito para acima das nuvens, á planície azul, a assistir a ronda dos astros, terminando por apontar, formidando e profético, um mundo de pacificação absoluta, de luz sem pausas, na qual paira o espirito de Deus...

— Mestre do nosso grande Castro Alves.

— Mestre de todo aquele que sabiamente e realmente pensa.

— Mestre de poucos discipulos dignos de lhe beijar o vestigio dos passos...

Castro Alves perde-se-ia com elle, se mais longa permanencia tivesse na terra, por essas alturas e essas amplitões de que falas. Seria para o gigante da “*Lenda dos seculos*” o que é, para Camões, o padre José Agostinho de Macedo...

— Cala-te, herético! Os “*Lusiadas*” e o “*Oriente*”, O corvo arremedando a

aguia! Blasfemo! filisteu! Pois não sabes, hirsuto hereje, que o condor não vive nos charcos, nem o vértice da montanha é pouso de sapo?

Alvim suave em bagas, Camarinha. Sentia que o outro o desancava com rijo pulso, impiedosamente, como um guerreiro agil e forte atravessa, com rebrilhante espada o adversario imbéle. Cobrou animo, ergueu-se á face do contendor, com veemencia e convicção, atirou esta alarmante sentença:

— Mas o cantor dos escravos é o maior poeta brasileiro! E’ o poeta da raça!

— Ai vem com outra, o mécol! Quem te pingou essa caraminhóla no bestuto?

A esse *bestunto*, atirado assim sem cerimonia e com irreverencia, Alvim sentiu o amor proprio espicaçado:

— E’ bem certo o rifão: em terra de sapo, todos andam de cócoras...

— Abespinhaste-te, pombinha? Não te faças irritadiço. Controversias literarias não são um simples jogo floral; passam por élas rugidos de leão...

— E orneios de azémola...

— Bravo! bravo! com que pericia te fotografas! E, rindo: Passa-me os fósforos... E o admiravel Gonçalves Dias? E Cruz e Souza? E Augusto dos Anjos? e Hermes Fontes? e Luiz Carlos? e Raul de Leoni? e Ronald de Carvalho? e Felipe de Oliveira? e Augusto de Lima? e Humberto de Campos? e Goulart de Andrade? e Martins Fontes? Não os sentes no coração e na alma? Que augusta procissão de sombras luminosas!

— Mas, cá pr’a mim, ainda não encontrei quadro que a este iguale:

De Tébas nas colunas derrocadas

As cegonhas espiam debruçadas

O horizonte sem fim...

Onde branqueia a caravana errante

E o camêlo monótono, arquejante,

Que desce do Efrain...

Disse a sextilha com alma e com uma tal e tão perfeita acentuação de tons, que o outro murmurou como em extasis:

— Em verdade, é maravilhoso!

E com tão risonha tranquillidade prosseguia no que Alvim classificou, com irrecusavel sapiencia, de *tele-a-tele* espiritual, que o mais arguto vasalejador de almas não lhe surpreenderia a emoção intima — tão alvorotada, entretanto, como a de uma casta noiva no venturoso dia de seu noivado.

Clemente Flores tinha, com relação ás aventuras de amor, doutrina firmada. Repugnava ao seu réto espírito o trazer cá pr’a fóra segredos de alcova e nome de mulher conquistada. Certa vez, na Colombo, abarracado em torno de uma mesa, riam escandalosamente vários rapazes, á leitura que de uma carta fazia um tipo de *dandy* barato — o Mucio, o espalhafatoso official de gabinete do ministro da Justiça, e na qual, em pessima caligrafia e em sério conflito com a gramatica, uma romantica muchacha relatava o delicioso sonho que com elle sonhara a noite inteira. Chamado para a ródá, déla se acercou, conservando-se de pé, Mucio, com grande gaudio da assistencia, recomegára a leitura da gentil missiva. Não havia chegado, porém, ao segundo periodo, quando, esmurando o marmore da mesa e fazendo tremer cópos e garrafas de que éla se ouriçava, berrou, admiravel de indignação e de nobreza:

— Canalias! Não bastava a essa pobre rapariga a fraqueza de se deixar seduzir por um imbecil; era preciso que o seu nome fosse atirado, como um osso á rua, para ser roído, com gana, por uma sórdida cainçalha! Miseraveis!

Ha seis mezes assediava Marleine. Jamais lhe surpreendera desejo incontido de colloquio intimo. Jamais o envolvera num olhar atrevido, que valesse por um compromisso. E, agora, subitamente, inesperadamente, aquele bilhete que era um convite para a delicia de um divino pecado. A mulher! a mulher! o eterno e indecifrável enigma! Que quereria dizer aquela desenvoltura, rematando meio ano de supremo disfarce? Rebentaram as comportas do dique, e as aguas se espraíram em cachões, tumultuosas e livres... Apenas... Sim!... apenas, ás vezes, e bem raras vezes, suas mãos se demoraram gostosamente, num contato delicioso... As mãos têm alma, e, assim, ao se cerrarem demoradamente, as dela e as dele, eram como duas almas entrelaçadas, murmurando, mudamente, palavras de amor... Clemente, o ó har vago, errando por todos os angulos do quarto, sorria, satisfeito e orgulhoso. O sôno fazia-lhe ronda discreta, á distancia. A’s seis da manhã retiniu o despertador. Dia claro. E começou a se afeitar com requintes de faceirice.

O sol polvilhava de ouro a terra piedosa e bôa. Clemente Flores nada via — sublime cego! — além déla, de Marleine, o busto escultural surgindo, palpitante, de entre as rendas da alva camisa de linho, branco como o marmore de Carrara, cheio-rosado como as rosas dos rosais da Assiria...

— Tlin! Tlin!

— Alô! Alô! Quem fala?

— O senhor Clemente Flores está?

— Safo hoje muito cedo...

A’s dez horas nova pergunta:

— O senhor Clemente Flores está?

— Safo hoje muito cedo...

Marleine mórde os labios, impaciente.

A’s quatorze horas, a mesma voz, ansiosa e angustiada:

— O senhor Clemente Flores foi almoçar?

— Não senhora...

Que imprevisto encanto o teria desviado do caminho?

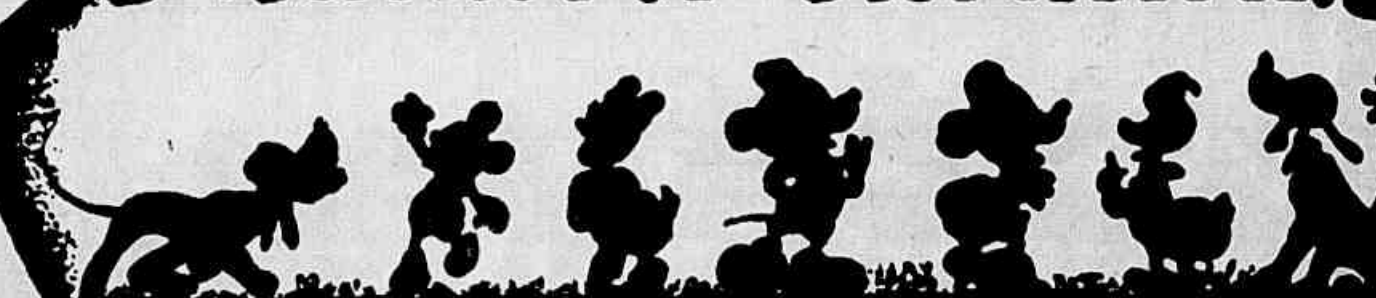
— Ora! E derrubando o beicinho côr de rosa, deu de ombros com desdem e mal disfarçado despeito.

A tarde, ao abrir um jornal, deu, estarecida e livida, com a noticia do trágico desastre que vitimára Clemente Flores. E na sua dôr, que era intensa e acerba, clamava:

— Cheio de mim por certo; tão do meu vulto iluminando, que cegára para o resto do mundo. Só a mim vendo, só a mim ten-o no fun-o do olhar... Tão cego, rela dourada e deliciosa manhã de hoje, que nem viu, para é e corren-lo, abrindo os braços fatais, a mor e, a sorrir entre os rouquios do auto nove, na lica disarada de um estranho mons rol E colhi-o! e es-agado! e ausen e ar-sem re! Não! não quem o matou, fui eu — eu, que o ceguei de amor, para perde-lo e prantea-lo! Assassina! assassina! assassina! E, alucinada, descabelando-se, encheu toda a sala de gritos lancinantes, de frenéticos ais, até que, exausta, fria, inerte, tombou pesadamente sobre o tapete — esse mesmo tapete que todo de orgulho se enchia á caricia dos seus pés macios, minusculos, chineses...

TODOS OS DOMINGOS
programas
especiais para
CRIANÇAS

Matinéés Infantis!



a partir de 9 hs.

CINEAC

IMPRESA ANIMADA • Pan Filme D.F.B.

COMÉDIAS • VIAGENS • SINFONIAS COLORIDAS • EDUCATIVOS • DESENHOS • VARIEDADES

NOTICIÁRIO ELEGANTE



A crônica social registrou o enlace matrimonial da senhorita Jandyrá de Oliveira Barata, filha do Coronel Magalhães Barata, Interventor Federal no Estado do Pará, e da senhora Georgina de Oliveira Barata, com o sr. Levy de Campos Moura, funcionário da Cia. Siderúrgica Nacional, filho do Sr. Julio Moura, jornalista e secretário da Seção de Segurança do Ministério da Viação, e da sra. Rosalina de Campos Moura, já falecida. Foram padrinhos dos nubentes, na cerimônia religiosa, o sr. José Ribas e sra. Edelvira Campos, da parte do noivo, e o casal Loureiro Sobrinho - Vera Loureiro, da parte da noiva. No ato civil foram testemunhas, pela noiva, o casal Paulo Chermont de Araujo - Jacyrá Barata de Araujo e pelo noivo, o Professor Pericles Martins e Professora Isabel Campos.



Senhora Carmen Camucé Schieck, filha do coronel Suetônio Camucé e de d. Julieta Ferraz Camucé, já falecida, e esposa do dr. Hugo Walter Schieck, tendo ao colo seu filho, o interessante menino Hugo Walter.

NOTAS DIPLOMATICAS

Chegou ao Rio, dia 23, em viagem de férias, o dr. Osvaldo Correia, ministro do Brasil junto do governo da República Dominicana, acompanhado de sua esposa.

ANIVERSARIOS

Dia 26 — Senhores: — General Meira de Vasconcellos, Capitão de Mar e Guerra, honorário, Dr. Virgílio Antungino de Carvalho.

Dia 28 — Senhoras: — D. Dina Marcondes do Amaral, esposa do capitão de corveta Dr. Julio Marcondes do Amaral.

Senhores: — Conde de Paranaguá; Dr. Paulo Maranhão.

Dia 29 — Senhoras: — D. Odete Pereira Nunes, esposa do sr. Carlos Pereira Nunes. Senhores: — Desembargador Oldemar Pacheco. Capitão Celestino Costa. Dr. Paulo de Souza Garcia.

Dia 30 — Senhores: — Desembargador Henrique José Couto. Dr. Nogueira Penido.

Dia 1 — Senhores: — Professor Dr. Juvenil da Rocha Vaz. Dr. João Alfredo Pereira Rego, redator do *O Globo*. Dr. Rogerio Coelho, secretário do Conselho Nacional de Serviço Social.

DR. EPITACIO PESSOA. — Transcorreu no dia 22 do corrente o aniversário natalício do Sr. Dr. Epitacio Pessoa, jovem advogado patricio, figura destacada nos nossos meios sociais e elemento de marcado relêvo entre a nova geração de homens públicos do país.

Afastando-se do Rio, o aniversariante com a exma. família fugiu às manifestações que amigos e admiradores desejavam tributar a S. S., senhora e filho.

VIAJANTES

Acompanhado de sua senhora, regressou da Europa o dr. Araujo Jorge, ex-embaixador do Brasil em Portugal.

Do Uruguai, via Panair, regressou, dia 22, o prof. Edgard de Almeida, da Universidade do Brasil, que fôra àquele país vizinho a convite do ministro da Educação.

A convite do governo estadunidense o dr. Men Xavier da Silveira seguiu para a América do Norte, onde fará uma série de conferências sobre glândulas de secreção interna, sua especialidade.



Realizou-se a 6 Maio, na Matriz de S. Francisco Xavier, celebrando o padre Olivero Kraemer, o enlace da senhorita Alceste Santos Jansen de Faria, com o ar. João Pacola Primo. Foram padrinhos: dr. Geraldo de L. Rodrigues e d. Edith V. do Amaral; dr. Ulisses Jansen de Faria e senhora e o senhor Nino Correia de Sá e senhora.

Dia 20 regressou, pela Leopoldina Railway, ao seu Estado o sr. interventor Jones dos Santos Beves.

Chegou, dia 20, a esta capital o general Angelo Mendes de Moraes, comandante da Guarnição de Fernando de Noronha.

O Jockey Club mundano



MAIS uma vez o Jockey Club Brasileiro ofereceu aos frequentadores do Hipódromo da Gávea, um espetáculo rico em sensações, com a realização de mais uma tarde turfística.

Agora que o calor se foi, maior encanto encontram as nossas elegantes em assistir o desenrolar das sensacionais carreiras e passear desocupadamente pela *pelouse* do belo hipódromo, nos intervalos dos páreos.

As fotos que ilustram estas páginas foram feitas pela REVISTA DA SEMANA no Hipódromo da Gávea, durante a tarde turfística de domingo.





O noivo dá entrada no templo, conduzido pela sua progenitora, sra. Lucia de Mendonça Clark.

Enlace

REGINA MARIA de MIRANDA JORDÃO

JAMES de MENDONÇA CLARK

TEEVE o cunho de um acontecimento de alta expressão social, o enlace matrimonial da srta. Regina Maria de Miranda Jordão com o dr. James de Mendonça Clark, realizado no dia 15 do corrente, na capela do Colégio Santo Ignacio. Os noivos, que pertencem a duas das mais ilustres famílias brasileiras, receberam significativas homenagens da numerosa assistência que enchia o tradicional templo da rua S. Clemente, composta das



A noiva é levada ao altar pelo braço do seu pai, o dr. Edmundo de Miranda Jordão.



A direita — Flagrante do ato da aposição das alianças.

A esquerda — Os pais dos noivos, dr. Edmundo de Miranda Jordão, presidente do Instituto da Ordem dos Advogados Brasileiros, e o professor dr. Oscar Castello Branco Clark, ilustre clínico patricio.



Em baixo — Os padrinhos da cerimonia religiosa, embaixador Frederico de Castello Branco Clark, viuva dr. Daniel de Mendonça, senhora e sr. dr. Raul Gomes de Mattos. Ao centro do grupo, a senhora dr. José de Mendonça, avó materna do noivo.

figuras mais representativas da sociedade carioca, da diplomacia, do mundo oficial, das letras e das artes, da magistratura e do jornalismo, que cercaram o jovem par e os seus progenitores das maiores manifestações de regosijo e afeto. Oficiou a cerimonia, seguida de missa em ação de graças, D. Placido de Oliveira, do Mosteiro de S. Bento. Serviram de padrinhos, por parte da noiva, a senhora e sr. dr. Raul Gomes de Mattos, e por parte do noivo, o embaixador Frederico de Castello Branco Clark e viuva dr. Daniel de Mendonça.

A solenidade civil, realizada na residencia dos pais da noiva à tarde do dia 14, foi testemunhada, por parte da noiva, pelo sr. José de Miranda Jordão, sra. Elvira Jordão Mayall e senhora e sr. Richard P. Momsen, e por parte do noivo, pela senhora e sr. dr. José de Mendonça e senhora e sr. José de Mendonça Clark.

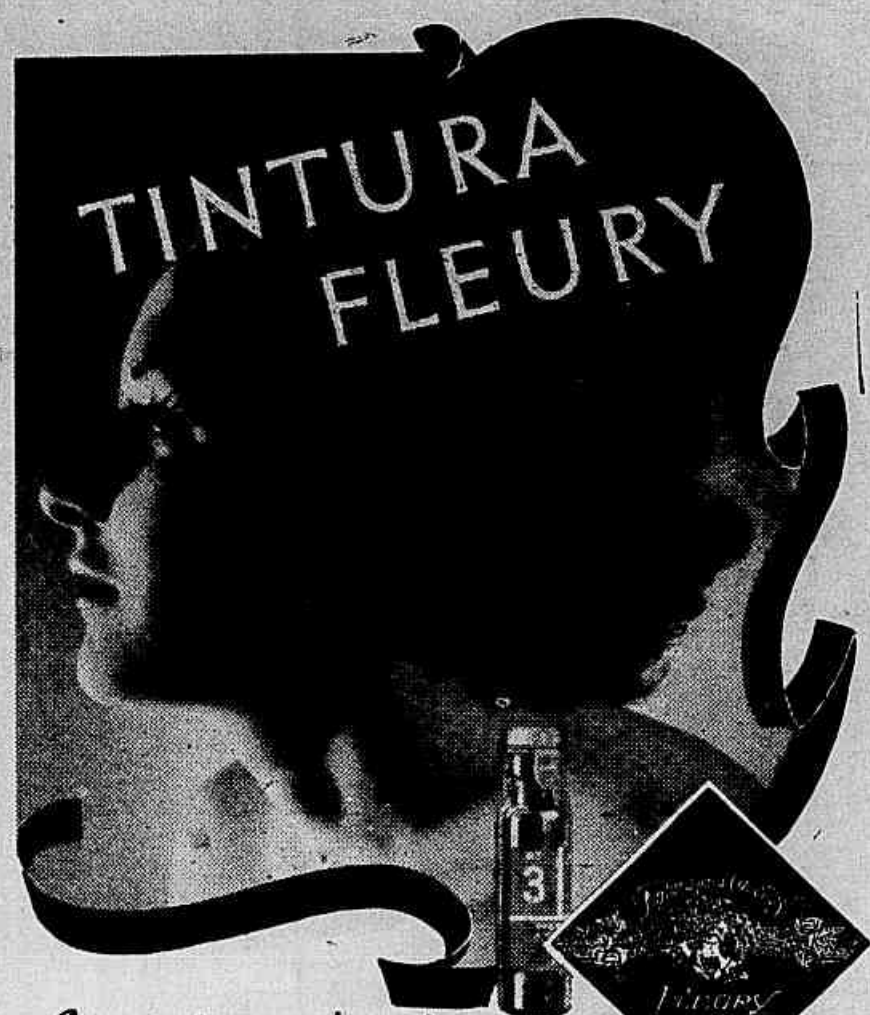
A noiva é filha do dr. Edmundo de Miranda Jordão e da sra. Christina Almeida de Miranda Jordão, e o noivo é filho do professor dr. Oscar Castello Branco Clark e da sra. Lucia de Mendonça Clark.

Esta página regista os principais aspectos da solenidade religiosa realizada na Igreja de Santo Ignacio, deixando ver o brilhantismo do acontecimento mundano que foi o enlace Miranda Jordão — Mendonça Clark.



EVOCACÃO JOANINA

"Toma tirana
Tirana que eu vi, que eu vi,
Meu amor nos braços de outro
Não sei como não morri..."



O verdadeiro restaurador
da juventude para o seu cabelo!

EM 18 TONALIDADES DIFERENTES RESTITUE
A CÔR NATURAL EM POUCOS MINUTOS

APLICAÇÃO FACILÍMA: Peça ao nosso serviço técnico todas as informações e solicite o
interessante folheto A ARTE DE PINTAR CABELOS, que distribuímos gratis.

CONSULTAS APLICACÕES VENDAS
Rua Sete de Setembro, 40 sobr. Rio de Janeiro RS
HOME RUA
CIDADE ESTADO



Oh! o Brasil do passado! O Brasil dos desafios e do céu coalhadinho dos
balões... Sob o luar, a alegria da guriçada casava-se ao ruído das achas que
estalavam na mensagem rubra do fogo ao menino João... E as sinhazinhas
— que encantadora a fragilidade das sinhazinhas! — imploravam à mãe preta
na noite mais fria do ano:

"Escute, Bá, quer botar a sorte?

"Uái, xentes! Ocês sô qué fazê isso pru mode do doutôzinho, num é?

"Quem foi que falou nisso, Bá?"

E sorriam, escandalizadas...

Oh! o Brasil do passado! Molequinhos se deliciando com aipim e melado. O
chorinho na Casa Grande e o ritmo dos atabaques no terreiro... Mas tudo isso
desapareceu nas crônicas sociais do nosso tempo. A bota do progresso, extin-
guindo as últimas fogueiras expulsou, do céu, os derradeiros fogos de artifi-



RUGOL
O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE

cio. As garotas de hoje decidem seus destinos: não precisam de sorte. E comemo-
ram o S. João nas festas dos grandes clubes, dansando foxes, flirtando e tomando
aperitivos. Será um bem? Será um mal? De qualquer maneira revivem, pelo
menos na indumentária, os velhos tempos.

Eis porque, oferecemos alguns modelos colhidos em fontes autênticas do ro-
mantismo senhorial.

S. R.

Bate-marco de Guerra

Legendas de
SONIA REGINA

Desenhos de
LUIZ GOULART

Com sugestões de ternura
Pesquisando outro meandro,
O Amor faz mais travessura
Disfarçado de escafandro.

Em que é que a Lulú
se parece com o pólvora,
sabe?

— Sei. É que o pólvora
suga o sangue da presa
até a última gota e a
Lulú suga a fortuna do
comendador até o último
níquel.

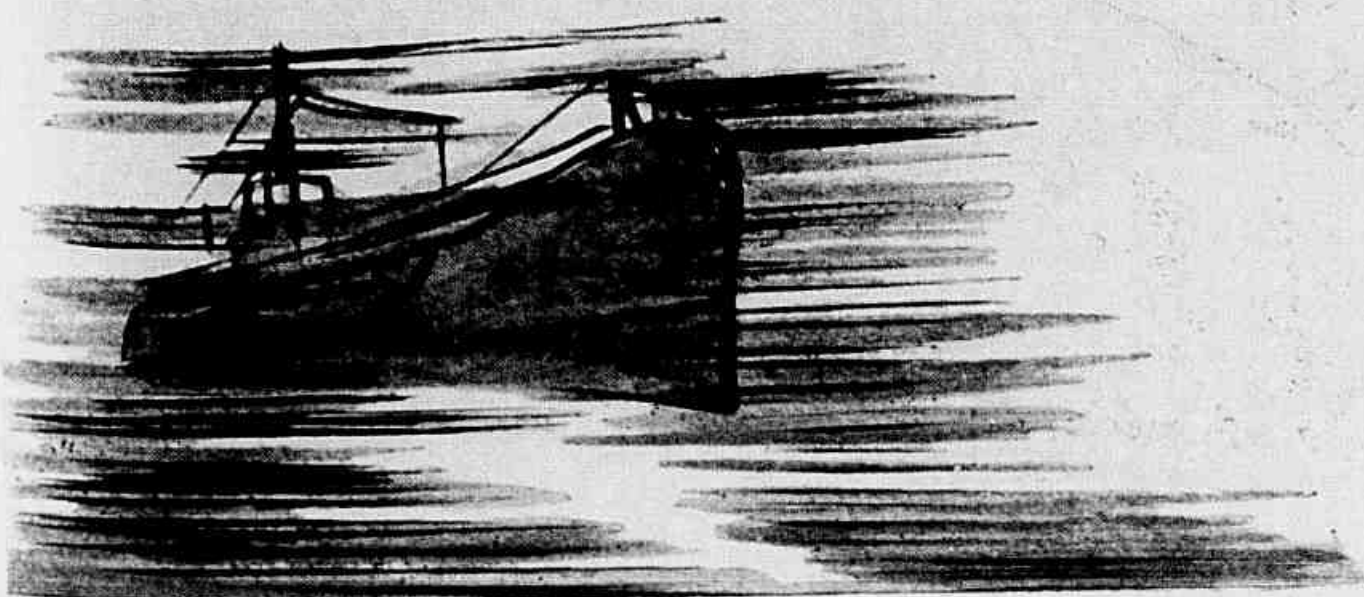
— Uma só das curvas daquela morena
é mais perigosa que todas as curvas da es-
trada da Birmania com japonês e tudo,
não acha?

— E'. Mas sou precisamente o noivo
dela e dizem que meu sócio aniquila mais
do que uma carga de T. N. T. lançada
de uma "fortaleza voadora". Sabia?

— Parece que o subma-
ri- no não volta á superfície...
Não há esperanças de salvar a
tripulação...

— Não diga! Então o Juca
morrerá enlatado como sardi-
nha e eu terei de arranjar ou-
tro noivo. Que tristeza! Os ho-
mens agora são tão escassos...

Espertinha, e tendo em vista,
Ter de tudo, provisões,
Procura esta escafandrista
Um "dourado" com milhões...





ESTÉTICA E CONFÔRTO

Si o arquiteto, ao traçar o projeto de um prédio residencial, deve ter em mente, como máxima preocupação, o bem estar e comodidade dos futuros habitantes da casa a construir, também o decorador de interiores não pode se preocupar exageradamente com os efeitos ornamentais dos móveis, em prejuízo da claridade e da amplitude do aposento, elementos indispensáveis para que um ambiente seja agradável. Neste *sun-room* temos um exemplo de aproveitamento máximo de espaço e de luz, sem que a sábia distribuição dos móveis tenha prejudicado a estética da ornamentação.

MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES
OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

ASA
MARCA

UNES
REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGORA SOMENTE

65 · RUA DA CARIOCA · 67

NAO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS

O auxilio dos escoteiros britânicos à Pátria

Por F. Haydn Dimmock — Copyright B. N. S. especial para a REVISTA DA SEMANA

Londres — Ha vinte e cinco anos o falecido Lord Baden-Powell fundou a famosa Associação de Escoteiros, uma organização de jovens que se destina a animar o desenvolvimento físico e mental e a ensinar aos seus membros a serem cidadãos úteis, respeitadores das leis e confiantes em si próprios.

Ao irromper a guerra atual o adestramento recebido por esses jovens tornava-os excessivamente adequados para o desempenho de nu-

um bravo escoteiro John Bethell, de 16 anos e que esteve de serviço durante todos os ataques contra esta cidade. Devido ao seu trabalho tão eficiente desde que ingressou para o serviço de Mensageiros, o escoteiro Bethell foi nomeado Mensageiro de primeira classe, o que significa que devia acompanhar o Inspetor Chefe em todos os incidentes, correndo mais riscos do que o usual.



Dois jovens escoteiros auxiliando a juntar papel velho que será transformado em papelão para caixas.

mérosos encargos não combatentes, mas não obstante essenciais ao esforço belico. A sua contribuição tem sido, de fato, magnífica, e mais de 60.000 escoteiros britânicos foram distinguidos com a Medalha de Serviço Nacional.

Vamos contar, por exemplo, a história de



Um escoteiro mostrando a um guarda territorial como aproveitar a vantagem oferecida pelos recursos naturais, quando em manobras.

Certa noite houve um ataque particularmente violento. John apresentou-se ao posto imediatamente depois de dado o alarme. Choviam as bombas quando saiu para a rua com os companheiros e pouco além davam com um "incidente": uma bomba demolira parcialmente algumas casas. Talvez houvesse vítimas sob os escombros — era o que o Inspetor necessitava averiguar. John poderia ter esperado em segurança comparativa, deixando que o chefe executasse a tarefa sozinho, mas recusou-se a ficar atrás.

Foram de um ponto para outro, auxiliando no serviço de socorros, combatendo contra as bombas incendiárias. Era um trabalho arduo e extraordinariamente enervante, que os dois mesmo assim levaram avante com grande animo. Já o haviam quase terminado quando ocorreram várias explosões nas proximidades. Estavam então de regresso ao posto.

John compreendeu que se achavam em perigo de serem vitimados pelos destroços que caíam. "Será melhor procurarmos um abrigo" gritou, e um segundo depois, justamente quando entravam no subterrâneo, desabava um pedaço de parede sobre o local exato onde tinham estado.

Esperaram o tempo suficiente para que o perigo se afastasse, saindo em seguida à procura de um novo "incidente". Subitamente o escoteiro parou, com o corpo tenso.

"Depressa! Abaixo-se! gritou. Ao seu ouvido apurado não escapara o som de uma bomba que vinha caindo. O Inspetor obedeceu imediatamente. Houve uma explosão tremenda e, por alguns instantes, pareceu que o mundo vinha



A fotografia mostra um grupo de escoteiros em serviço, extinguindo o fogo ateado por uma bomba incendiária por meio de uma bomba e de sacos de areia.

abaixo. Felizmente sentiram que não estavam feridos, mas o Inspetor logo viu que se tivessem dobrado a esquina, na frente, seriam mortos pelos estilhaços. O aviso de John salvara a ambos.

"Precisaremos de quem nos auxilie, rapaz", disse o Inspetor. Ao que parece, foi uma bomba das grandes, que deve ter derrubado uma porção de prédios. Depressa. Vamos".

John não hesitou. Sabia onde encontrar o socorro tão necessário e pouco depois estava de regresso ao local com uma turma de homens. Casas que, minutos antes, eram lares felizes, tinham se transformado em montões de ruínas. John descobriu duas mulheres parcialmente soterradas sob os escombros de uma delas e a sua rapidez salvou-lhes a vida. Com efeito, apenas retiradas dali, o restante da casa desabava.

Finalmente terminou o estado de alerta. Sujo e cansado, John foi para casa. No dia imediato já se achava com a sua patrulha, auxiliando as famílias vitimadas pelo bombardeio na mudança dos móveis salvos da destruição. Não é pois de admirar-se o que o Inspetor disse dele: "É o espírito como o seu que vencerá a guerra".

Um outro escoteiro corajoso foi o patrulha-chefe Dennis Melville, também de 16 anos e que perdeu a vida em serviço. Durante um raide, quando caíam as bombas incendiárias, ofereceu-se para auxiliar os bombeiros, os quais aceitaram gostosamente o seu auxílio, sabendo que o treino que recebera o tornava apto para o combate ao fogo produzido pelas bombas. Conseguiu remover várias delas, que não tinham funcionado, quando uma explodiu e ele ficou mortalmente ferido.

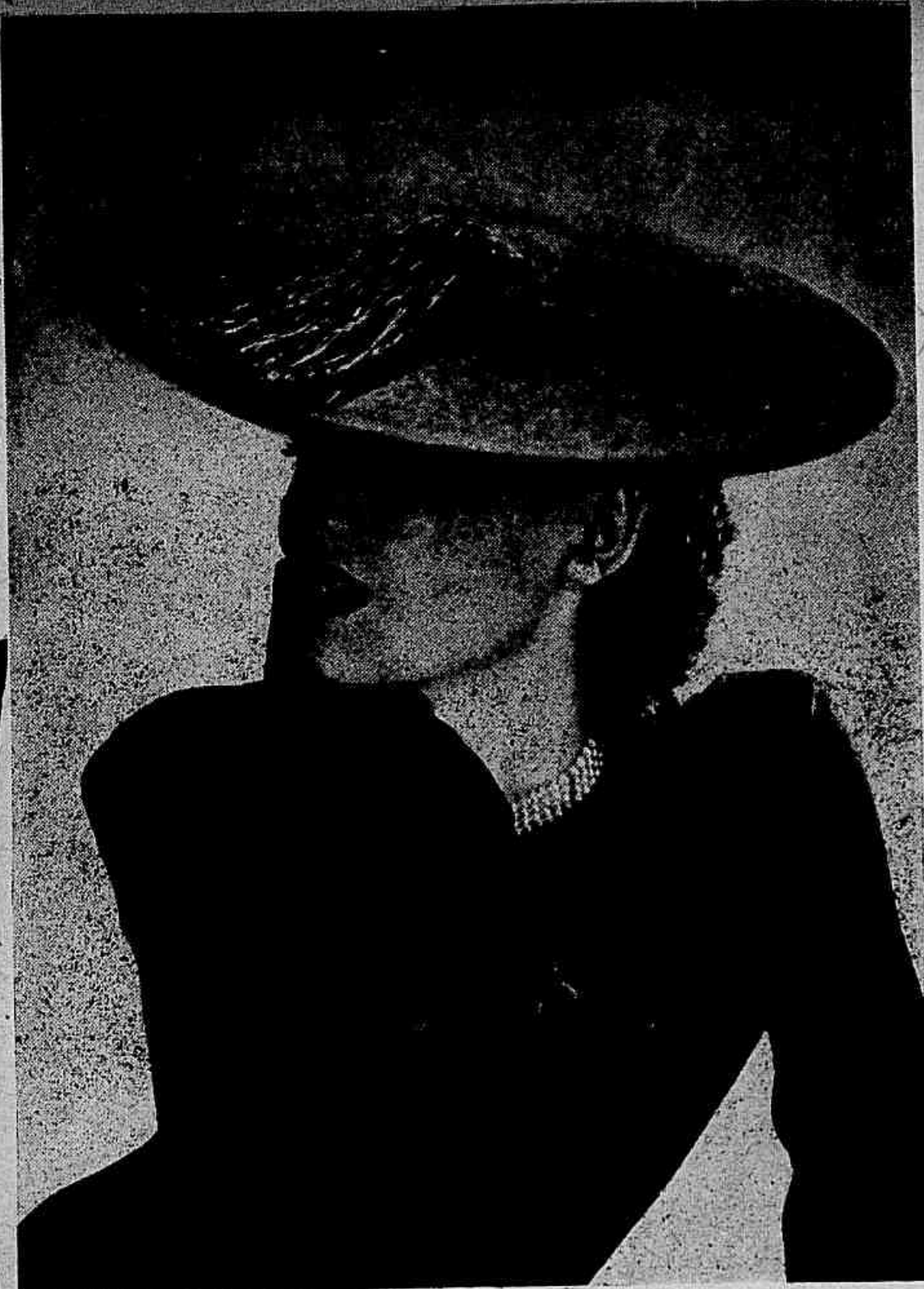
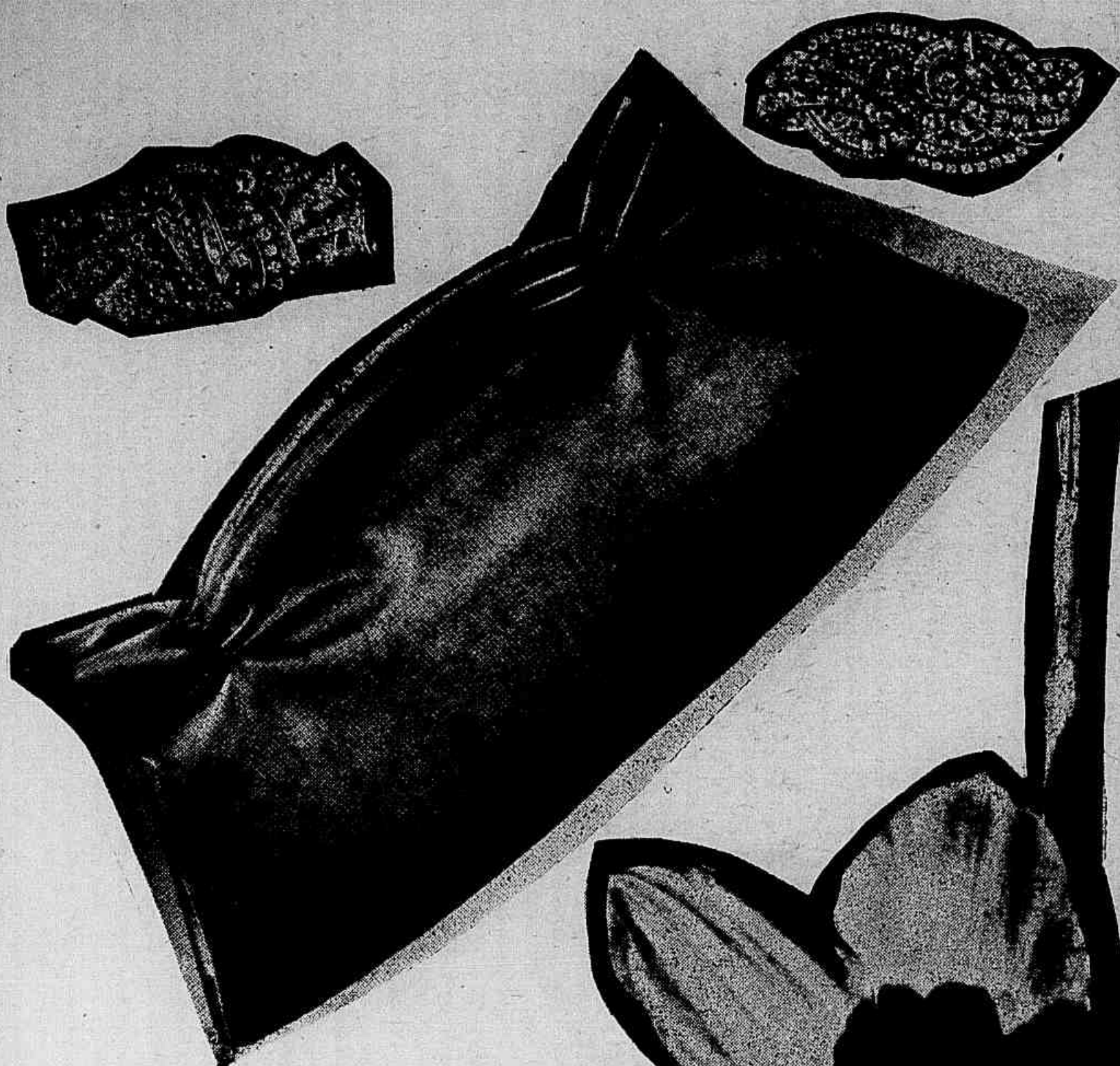
Foi somente depois desse ato heroico que se tornou conhecida a história de todas as suas façanhas. Dennis sempre comparecia aos pontos em que caíam bombas, no seu distrito, com a bolsa contendo o necessário para os primeiros socorros, material que adquiria com seu próprio dinheiro. É um dos milhares de escoteiros que prestam um serviço abundante em heroísmo, mas cujas proezas são pouco divulgadas.

Os jovens pertencentes a essa famosa Associação desempenham atualmente cerca de duzentos serviços diferentes. Nem todos tomam parte no trabalho ativo, durante os ataques aéreos, embora grande número deles execute essas tarefas contra incêndios ou sirvam como mensageiros, noite após noite.

Quando soa o sinal de "passou o perigo", numa cidade submetida a bombardeio, surge logo um outro exercito de escoteiros que entra em ação e ha muito serviço a ser executado. Pode haver gente sob as ruínas, pessoas feridas que necessitem de cuidados, vítimas a serem retiradas das ruas... Ora, boa parte desse serviço é feita pelos escoteiros. Em quasi todas as grandes cidades ha esquadrões de jovens escoteiros todos com menos ou pouco mais de 16 anos dando o sinal de "o perigo passou".

Esses grupos não seriam de grande utilidade se não tivessem sido adestrados. De fato, o que aprenderam sobre socorros urgentes entre si, em ação e o conhecimento que têm do distrito permite-lhes agir como guias e mensageiros São úteis de numerosas maneiras.

Uma orquídea branca num conjunto negro



Um amigo meu, conhecidíssimo pelo seu gosto apurado e por suas exigências, principalmente no que concerne ao sexo feminino, ontem relatou-me como a elegância de X, o impressionara, na noite da reabertura dos casinos.

"Ela estava toda de negro, disse-me ele, e tinha a realçar a distinção do vestido — que, é preciso confessar, faria inveja a qualquer concepção de Adrian — apenas...

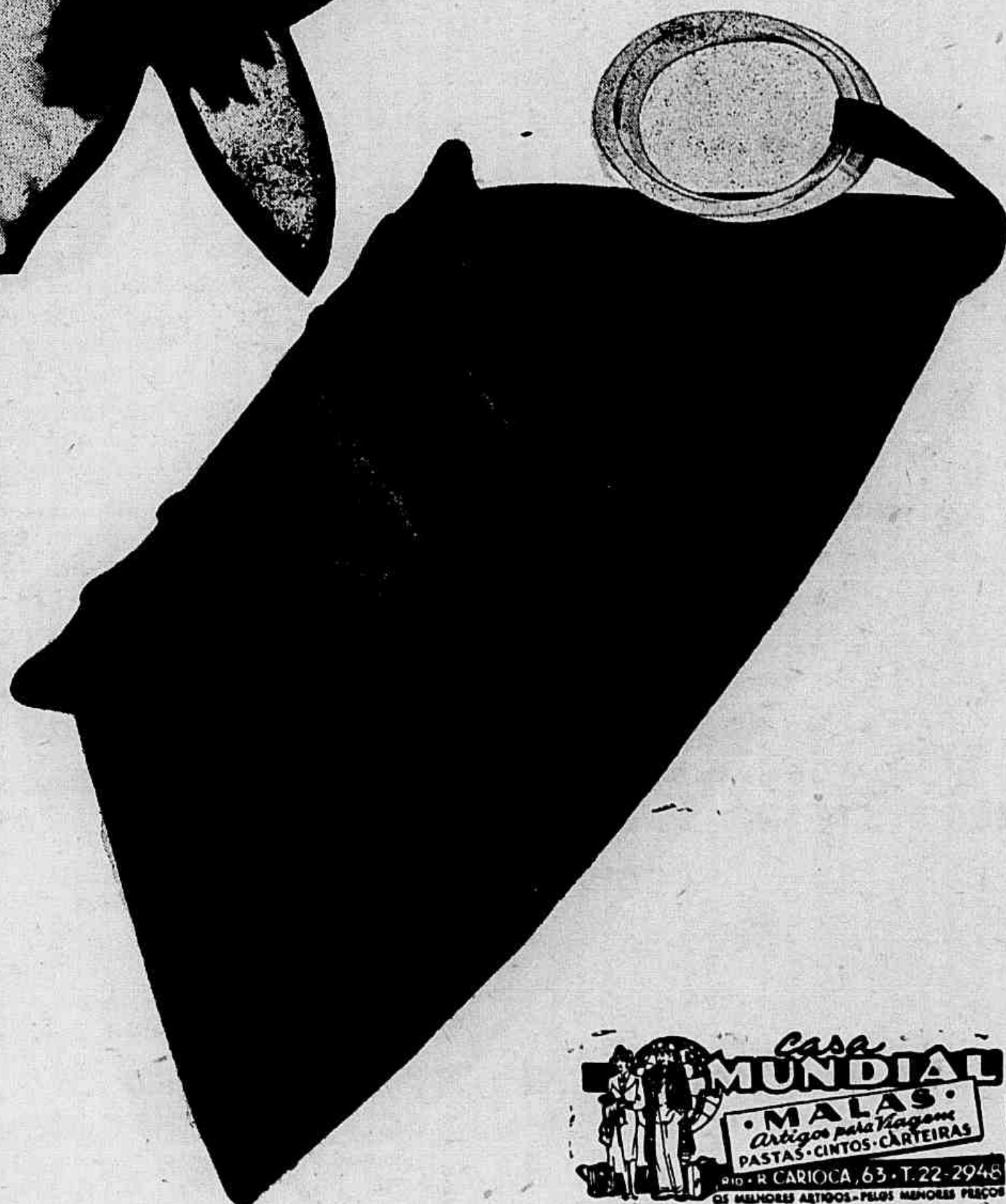
"Aquele maravilhoso adereço de brilhantes e topázios?

"Não. Apenas, uma orquídea branca. Estava tão encantadora que me apaixonei violentamente...

Acredito. E piamente. A orquídea branca é como o sorriso da Gioconda. Suave e indefinível. E 90% do éxito da mulher depende somente disso: MISTERIO!...

Ai vão pois modelos de bolsas (Joseph), chapéu, penteado, e...

...a ORQUÍDEA BRANCA... sim, a orquídea branca para um conjunto negro.



Dois tailleurs

Aí estão elas, possivelmente nas suas residências de Beverly Hills. Em primeiro lugar, a interessantíssima Deana Lewis que levou William Powell (o queridinho das estrelas) pela segunda vez (?) ao "conjugio vobis". Depois, Jean Rogers a ingenua de films inesquecíveis. Ambas aparecem com elegantes e ligeiros modelos de inverno.



SENHORA:

CONSERVE A SUA PELE PERFEITA, SAUDAVEL E LINDA, USANDO

OLEO DE VIOLETAS

DE

MME. GRAÇA

DELICIOSAMENTE PERFUMADO, FIXA O PÓ DE ARROZ E CORRIGE QUAISQUER IMPERFEIÇÕES E DEFEITOS.



O "CREME ANTI-RUGAS", CONTRA RUGAS E FLACIDEZ DOS MÚSCULOS; A "LOÇÃO ACNÉA", PARA ESPINHAS E CRAVOS; O "BALSAMO BRANCO", PARA CLAREAR — PRODUTOS DE MME. GRAÇA SÃO PERFEITOS.

CATALOGOS GRATIS PELO CORREIO.

Distribuidores: — ESPAÑA PARAMÉS & IRMÃO

RUA DA ALFANDEGA, 181 — RIO.

UM «TIQUINHO»



Aqui vai a pequenina Virginia para o trabalho, com a sua mãezinha e o ursinho.

(Serviço especial para a REVISTA DA SEMANA)

Poucas palavras têm tido mais voga em inglês do que *modelo*. Assim é bom explicarmos logo a especie de *modelo* de que vamos tratar nestas paginas. Trata-se de Virginia Patricia Mc Carten, que, aos dois anos e meio, já enfeitou mais capas de revistas americanas do que qualquer outro modelo e é empresada pelo seu agente, em igualdade de condições com as beldades fotogenicas de mais sucesso, cujos nomes são significativos de *glamour*.

Virginia tem trabalhado desde que completou um ano e meio. Sua renda atualmente anda por volta de \$150.00 por semana (mais ou menos Cr\$ 3.500.00).

Os fotografos gostam de trabalhar com a pequenita. Dizem que ela é uma atriz inteligente, cooperadora e bem humorada. A's vezes tem tres contratos num dia,



No estúdio do fotógrafo, Virginia deixa que a Mamãe escolha o vestido que ha de exhibir.



Com seu cartão de seguro social numa das mãos e o ursinho, debaixo do braço, Virginia dorme a sono da inocência.

DE MODELO



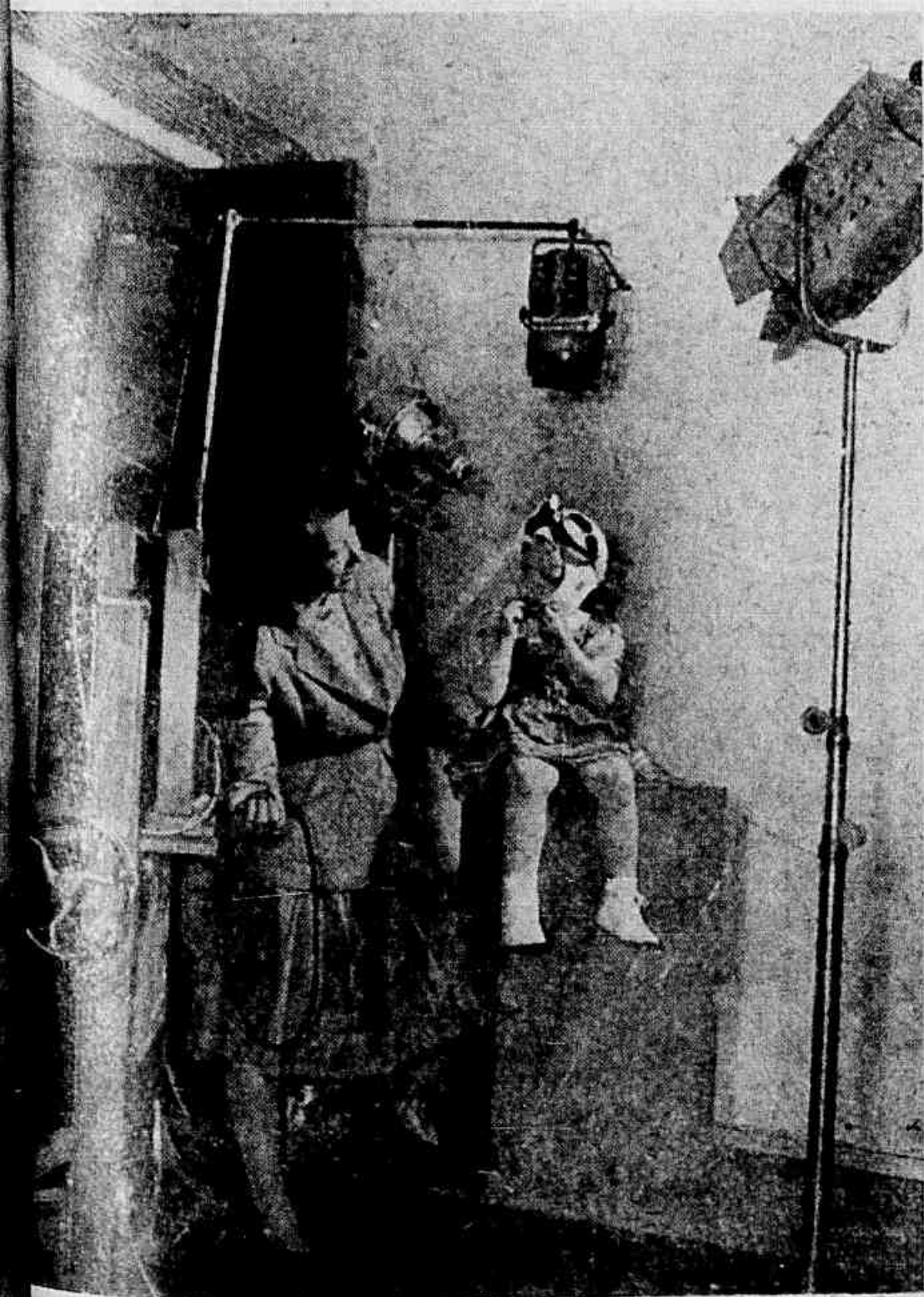
Como se estivesse em casa, entre suas colegas as bonitas pequenas da Agência.

sem perder o bom humor. Em todas as suas sessões fotográficas é acompanhada por sua mãe e por um ursinho felpudo. Gosta de se meter nos vestidos novos mas não se zanga quando tem de deixá-los, depois de terminada a *pose*.

As fotos desta serie mostram um dia de trabalho da pequenina modelo, que na idade dos primeiros dentes já atingiu o cimo duma carreira remuneradora.



Mãe e filha passam a vista na nota de obrigações do dia.



Esta pose é para um modelo de capacete de aviação: A menina toma facilmente a atitude devida.



"Clouse up" de Virginia. Ela pede uma boa quantia por uma pose destas para uso comercial.

Para todos os gostos

**louras,
morenas,
ingênuas e
“sophisticated...”**

Com um chapéu de Sally Victor e um modelo a duas peças, desenhado por Bonavite Telles, esta pequena deve ser, para muitos: “minha loura favorita”.

Entretanto quando ela veste esse glamoroso vestido de noite de soks torna-se para “ele”, sem dúvida, “uma loura com açúcar”.

**CREME DE MASSAGEM
RAINHA DA HUNGRIA**
De Mme. Campos
ALIMENTA A PELE — CONTRA AS RUGAS
A VENDA EM TODA A PARTE

Por isso mesmo é que essas duas jovens universitárias, vestindo os modelos de “Janty Junior”, não falam... mas sorriem.

E desta morena, com esse traje “meio-a-meio” combinando crepes negro e verde e lançado por Bergorf Goodman, nem é bom falar...

*Garotas
da
5.^a
Avenida*



Alguns modelos dos que fizeram furor na "season" hibernar de New York, desenhados por figurinistas famosos como Jean Louis e Edward Beckham, entre outros, e lançados por Hatlie Carnegie, Nelson Hickson, etc.: Reparem a predominância das cores escuras e a sobria elegância dos vestidos. Quanto às pequenas... de fato, elas são mais que suficientes para justificar a fama da 5.^a Avenida...



LABIOS... FONTE de AMOR...

Ninho de Beijos

...Embelezados com **BATON COLGATE**

OS homens gostam de lábios que provocam vontade de beijar... Dê aos seus lábios o mágico tom de exotismo tropical com que o Baton Colgate torna seus lábios mais ardentes... mais atraentes e... muito mais *beijáveis*! O Baton Colgate *importado da América* é feito com KARANUVA, supremo embelezador dos lábios! É o baton que oferece duas consistências: tipo normal e tipo oleoso para lábios secos. Escolha dentre 5 maravilhosas cores — do Variável ao resplandecente Vermelho Amazonas! Use, desde hoje, Baton Colgate. Experimente, especialmente, o encanto inigualável da nova cor da moda: Vermelho Amazonas: exclusiva de Colgate!



**O coração bate...
com BATON COLGATE**

FLORES e JARDINAGEM

O gosto para ornamentar a casa com flores nos vêm das antigas civilizações. Vamos encontra-lo na China, na Índia e mais tarde, na magnífica concepção da estética grega. Daí difundiu-se pelos povos ocidentais e hoje constitui uma verdadeira arte da qual Susan Sheridan, a grande estilista de interiores dos Estados Unidos, é uma pioneira. Ora, o gosto pela ornamentação com flores tem levado muita gente à prática da jardinagem. Aliás isso que era mais uma qualidade das donas de casa de eficiência comprovada tornou-se, agora, o esporte favorito de muita pequena inconstante. Consequência da guerra que desenvolveu a horticultura sugerindo a jardinagem.

Nós mulheres, somos *bichinhos*, essencialmente vaidosos. Dai... ao lado dos exemplos de bom gosto de Susan Sheridan oferecermos também alguns modelos próprios para o trabalho nos jardins.



MOBILIARIOS EM ESTILOS RENASCENÇA, COLONIAL, RÚSTICO, CHIPENDALE E OUTROS, EXPOSTOS EM AMPLOS MOSTRUARIOS

A exposição de uma completa variedade de mobiliários nos diversos estilos hoje em uso, capaz de permitir o pretendente fazer a sua escolha, exige muito espaço e amplos salões, razão por que a Fábrica de Móveis "Lamas" tem os seus mostruários junto à fábrica, à rua Melo e Souza n.º 100 a 110, onde ocupa um vasto quintal, próximo à estação principal da Leopoldina, pois que as suas exposições do Flamengo, Urca e Copacabana são de simples propaganda.

A Fábrica "Lamas" pode satisfazer os pretendentes a móveis de boa fabricação, desenho apurado e de inteira responsabilidade, porque entre as poucas que se dedicam ao fabrico de móveis finos é a que tem a maior e mais completa organização, com competente secção de desenho para móveis de encomenda e facilitando em certos casos o pagamento.

O BOLO DE ANIVERSARIO

conto do escritor canadense LEO DARTEY

— Escuta...disse Odette á sua amiga Germana — resolvi dar uma grande festa no dia dos meus anos. E haverá um bolo de aniversário.

— Bolo de aniversário? Que vem a ser isso?

— Uma tradição inglesa. Trata-se dum bolo doce, no qual se cravam tantas velas quantos anos faz a pessoa em questão.

— Ah, sim? E quantas velas tencionas colocar? perguntou Germana, interessadíssima.

— Trinta e sete, está visto! Bem sabes que vamos fazer trinta e sete anos, pois que somos da mesma idade.

— Trinta e sete! Que idéia! Não faças isso! Tens a sorte de parecer muito mais moça do que realmente és, deves aproveitar essa vantagem para nós tão preciosa — e tão rara. Pensa um pouco, vamos. Que necessidade tens de informar da tua idade certa uma porção de pessoas que nada teem a ver com isso e parte das quais mal sabem quem tú és?

— Realmente, é uma tolice... concordou o marido de Odette.

— Tolice só? interveio a mãe. E, erguendo para o céu, num movimento de desespero o rosto caprichosamente pintado — Uma loucura!

— Pois eu...opinou calmamente o tio Antonio — acho que é uma questão de vaidade. Odette faz aquilo mais por faceirice que por outra coisa. Enquanto que todos nós, vulgares, simples mortais, que não gosamos de semelhante graça da Natureza, cuidamos de falsear a idade, encurtando-a até onde nos pareça verosímil e quantos vão até à plena inverosimilhança — Odette reclama os anos que tem como se fossem outras tantas pedras preciosas no adereço da sua formosura. Delicia-se, ouvindo as outras pessoas protestar, mais ou menos sinceridade: "Tantos assim? Será verdade? Parece ter muito menos!" Imaginem o triunfo que lhe resultará do famoso bolo de aniversário: "Trinta e sete? Impossível! É brincadeira! Vinte e sete, isso, sim! No máximo!"

Odette deu de ombros, para significar o pouco caso que fazia daquelas considerações, mas, no fundo, talvez um tanto vexada por ver como lhe advinham os sentimentos. Com efeito, a sua extraordinária juventude constituía um motivo de prazer e de orgulho. Era a sua maior "coquetterie". E resolvida, agora que os meios de fortuna do marido melhor lh'o permitiam a alargar o círculo das suas relações; fazer vida de sociedade; dar á sua existência mais elegância e mais brilho — sorria com extrema satisfação à idéia do que seria, no programa da festa, o aparecimento do bolo simbólico e a sensação, os comentários que em volta se produziriam... Pensava nisso e, um pouco pérfidamente, nas comparações que os maridos das outras necessariamente haviam de fazer, no despeito e na ciurmadia dessas outras ao perceber tal confronto...E mil vezes se felicitava pela lembrança que tão oportunamente lhe acudira.

Apezar, portanto, da oposição encarniçada de toda a família, Odette manteve o seu propósito. Chegada a noite da festa, longamente e com especial alegria verificou que, se o bolo lhe acusava trinta e sete anos, o espelho não lhe dava mais de vinte e cinco primaveras. E foi um encantamento, num ditoso arrebatamento que se diu para a sala onde ia receber os convidados.

O marido, no entanto, estava longe de compartilhar daquele contentamento. Para o seu amor próprio, a juventude de Odette representavam um título de glória. Ter por esposa uma criatura que parecia contar menos vinte anos do que ele sobremaneira lhe agradava, o lisongeava. E agora um bolo estúpido ia desfazer aquela lenda encantadora... Que desastre!

Depois de assim matutar por algum tempo, o marido de Odette passou subrepticamente para a sala de jantar naquele momento deserta e onde, a meio da mesa suntuosamente servida, se ostentava o bolo de aniversário... Espreitou em volta, certificou-se de que ninguém o surpreenderia e, com todo o geito, retirou algumas das velas côr de rosa. Sempre eram outros tantos anos que ele "ganhava"; e de certo Odette não daria pela falta... E voltou para a sala de visitas, onde a recepção começava com grande animação.

Pela primeira vez, porém, a sogra pensava exatamente como ele. A respeitável senhora não levava à paciência as trinta e sete velas que, indiretamente, a envelheciam. "Mas é um horror!" dizia consigo. — Como pode uma mulher fazer acreditar que vai ainda longe dos cinquenta anos, se sua filha declara estar fazendo trinta e sete?" E não teve dúvida. Foi à sala de jantar e, sem perceber que já alguém mexera no bolo festivo, tirou uma porção de velas. Depois apagou a electricidade, para que ninguém, até ao ultimo momento, dêsse pela falcatrua...



Mal, porém, ela saíra, introduzia-se cautelosamente na sala de jantar quasi inteiramente às escuras, Germana, a amiga de infância da aniversariante. E já dizendo consigo: "Não faltava mais nada! Odette diz a toda a gente que somos da mesma idade e agora prega-me uma destas! Ainda para mais, Gastão está persuadido de que ainda vou fazer trinta... Felizmente, pude tomar esta providência!" E, na obscuridade propícia, foi o bolo despojado de mais algumas velas.

Chegou a vez do tio Antônio que adorava Odette. "Afinal...considerou ele com os seus botões — o que esta pequena quer fazer não deixa de ter o seu inconveniente, o seu perigo... Quando toda essa gente souber que ela está perto dos quarenta anos, deixará de a achar tão fresca e tão bonita como até agora. Todos hão de examinar melhor, inventar sinais do tempo que passou... Sem dúvida o seu prestígio declinará terrivelmente. Ela não conhece os homens... Felizmente estou eu aqui para conjurar a catástrofe!"

Quando, alguns minutos depois, a criada abriu de par em par as portas da sala de jantar, todos os convidados se precipitaram, a arder de curiosidade, para o bolo anunciado. Nisto, Odette, que antegosava o seu triunfo, ouviu uma gargalhada, outra logo a seguir, até que o riso se generalizou, impetuoso, incontivelmente. "Mas que foi, que aconteceu?" perguntava ela a si própria. E, voltando-se para o marido:

— Sabes o que sucedeu aí para se rirem dessa maneira?

Deteve-se, porém, estupefacta. O marido olhava para a mesa, com estranho assombro. E a sogra, o tio Antônio, Germana contemplavam, esgazeadamente, o bolo famosíssimo. Voltando-se então, por sua vez, Odette compreendeu o motivo da hilaridade geral. Restavam apenas tres velas.

DURMA

feliz e
com saúde

NUM COLCHÃO

vendido
em todos

HOLLYWOOD

O v. de 59 - Tel. 43-7134
C. de 100 - Tel. 43-7134
C. de 100 - Tel. 43-7134



Diversos modos de preparar batatas

Mlle. SAVARIN

BATATAS A' AMERICANA

Tome-se algumas batatas, não muito grandes, descasque, lave e parta em fatias tão finas como folhas de papel fino. Em uma caçarola com bastante banha, leve ao fogo, quando estiver bem quente deite dentro as batatas, em pequenas porções, revolvase com um garfo para não pegarem umas nas outras. A única dificuldade consiste em corta-las bem fininhas, existindo, porém nas lojas um aparelho, muito simples e barato que facilita muito essa operação. Quando estiverem coradas e torradinhas, retire com a espumadeira para uma peneira. Depois de bem escorrida polvilhe de sal. Pode ser esquentada no forno. Devem ficar bem durinhas e pode guardar em uma lata com tampa, para o dia seguinte.

BATATAS ASSADAS

Separe 12 batatas bem perfeitas e grandes; lave, enxugue com um pano, arrume num taboleiro e leve a assar em forno quente. Estão prontas, quando ficarem moles ao apertar. Corte as batatas ao meio, pelo comprimento, arrume no prato, com a parte interior virada para cima. Coloque uma bolinha de manteiga em cada uma e sirva.

BATATAS SAUTE'ES

Em recipiente com água fria leva-se ao fogo um quilo de batatas peladas e partidas em quadrados iguais de uns dois dedos. Ferva durante uns 5 minutos, escorra e deite em frigideira grande com duas colheres de manteiga bem quente polvilhe com sal mantenha no fogo durante uns 20 minutos, revolvendo de vez em quando, sem esmigalhar. Se preferir junte salsa picadinha.

BOLINHOS DE BATATAS

Em água e sal, cozinhe meio quilo de batatas descascadas. Passe pelo passador, deixe esfriar e amasse com 150 grs. de farinha, uma gema e um ovo. Enrole como cobrinhas de um dedo de grossura e corte em toros de 2 cm. Faça uns bolinhos como avelãs, passe em ovos batidos (basta a clara que sobrou e mais um ovo) em pó de pão e frite em bastante banha bem quente. Além de gostosas, rendem e servem para guarnição tanto de carne como peixe.

BATATAS DUQUESA

Meio quilo de batatas descascadas, cozinhe n'água fria e sal, e passe no passador. Em uma caçarola despeje uma colher de manteiga, 2 gemas, sal e um nada de noz moscada. Leve ao fogo mexendo sempre, até despegar do fundo. Logo que esfrie, faça



Para combater o nervosismo e criar rapidamente novas energias, Quaker Oats é a aveia indicada pela sua tripla riqueza em Thiamina (vitamina B1). É também, 3 vezes mais rica em ferro, elemento indispensável ao enriquecimento do sangue. Pela sua tripla riqueza em fósforo, beneficia ossos e dentes. E com tudo isso, econômica e de fácil preparo, a aveia Quaker Oats é ainda um prato verdadeiramente delicioso, que se come com prazer todos os dias. Compre hoje mesmo uma lata e dê Quaker Oats a todas as pessoas da sua família.

QUAKER OATS

PREPARADO EXCLUSIVAMENTE PELA QUAKER OATS CO.

bolas como nozes grandes e arrume num taboleiro untado. Com uma rolha faça uma cavidade em cada uma, dose com uma gema desmanchada em um pouco de leite. Salpique com amendoas torradas e picadas, deite pouca manteiga no centro e leve a assar.

PIRÃO DE BATATAS

Um quilo de batatas, descasque, parta ao meio, coloque numa caçarola, cubra com água fria, leve ao fogo forte, junte sal e deixe ferver durante uns 20 minutos. Estão prontas, quando apertando com os dedos esmigalharem. Passe pelo espremedor ou pela peneira, depois de bem escorridas. Recolha depressa o pirão na caçarola quente, ao lado do fogo, junte duas colheres de manteiga, bata com força com uma colher de pau, e vá juntando aos poucos, aproximadamente duas xícaras de leite fervendo. Prove o sal e sirva logo.

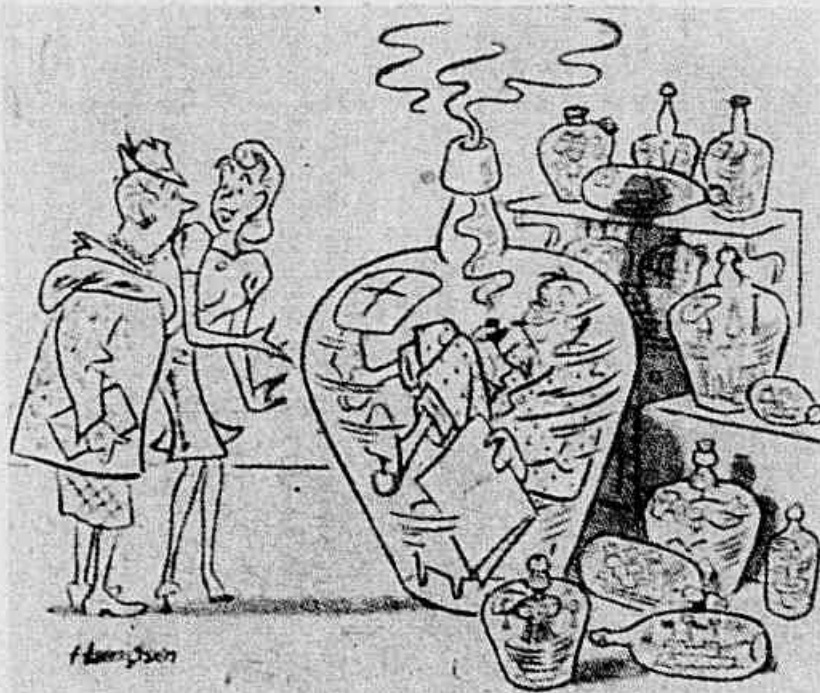
BOLO DE BATATAS COM MACARÃO

Tome meio quilo de boas batatas e cozinhe sem casca, escorra, deixe secar um pouco e passe no espremedor ou na peneira. Adicione meia colher de manteiga e 2 ovos. Misture e passe uma forma untada, bote dentro 1 quilo de camarões ensopados, quase sem molho e 2 ovos cozidos e picados. Cubra com o resto da batata, alise com manteiga e leve a assar no forno.

Caricatura estrangeira



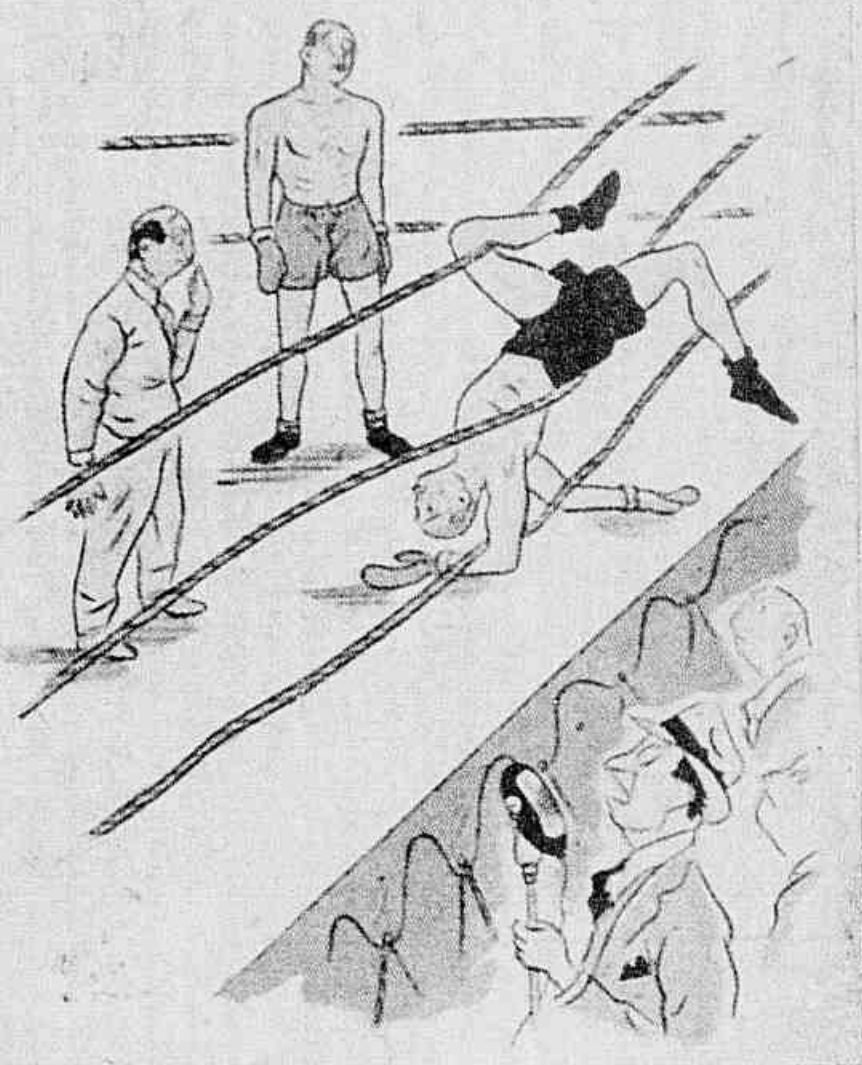
Agora compreendo "porque você quer convidar sua mãe — é para me fazer lutar em duas frentes".



"Todos sentimos que Andrew exagerou".



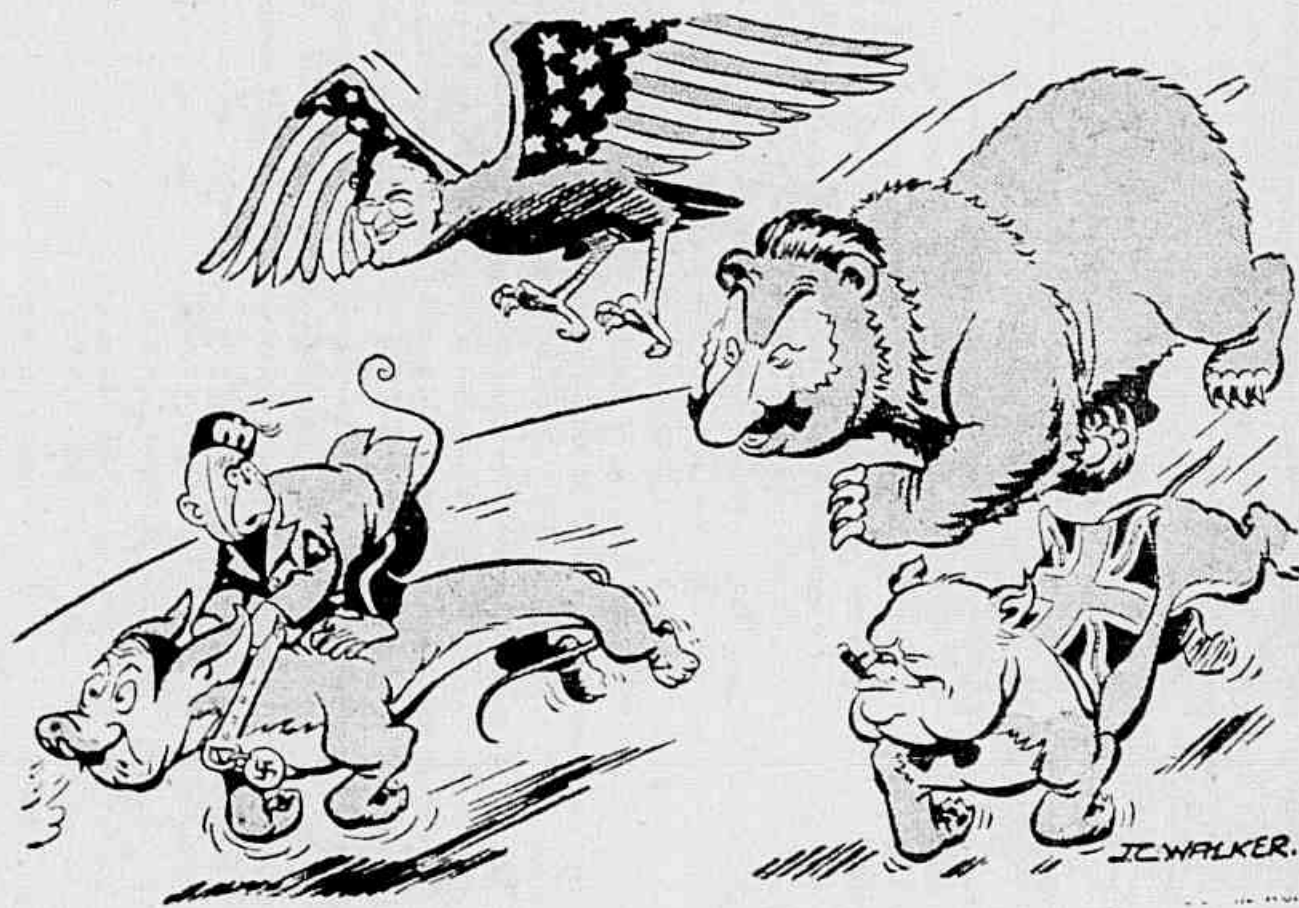
- Como foi, então, que o senhor fez fortuna?
- Associei-me a um ricoço: ele entrou com o dinheiro e eu com a experiência.
- E depois?
- Depois, ele ficou com a experiência e eu com o dinheiro.



"Aqui há um enigma técnico por não se saber si Hogan está dentro ou fora do ring!"



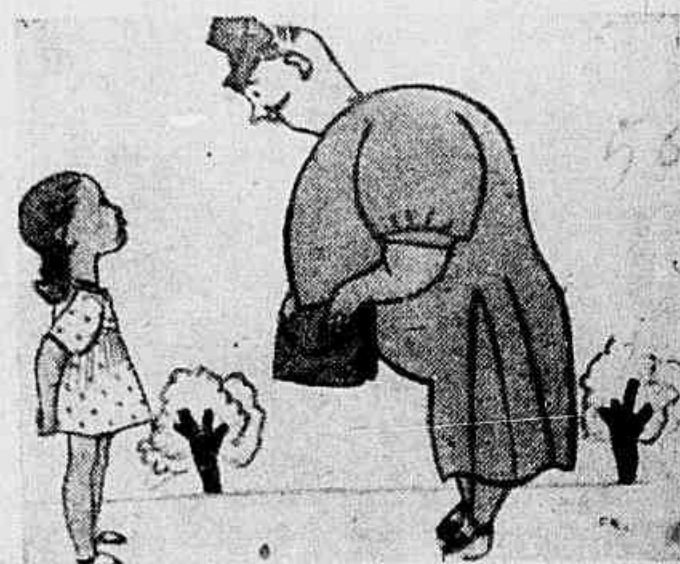
"O que não era da função".



"Isca!"

VINOVITA

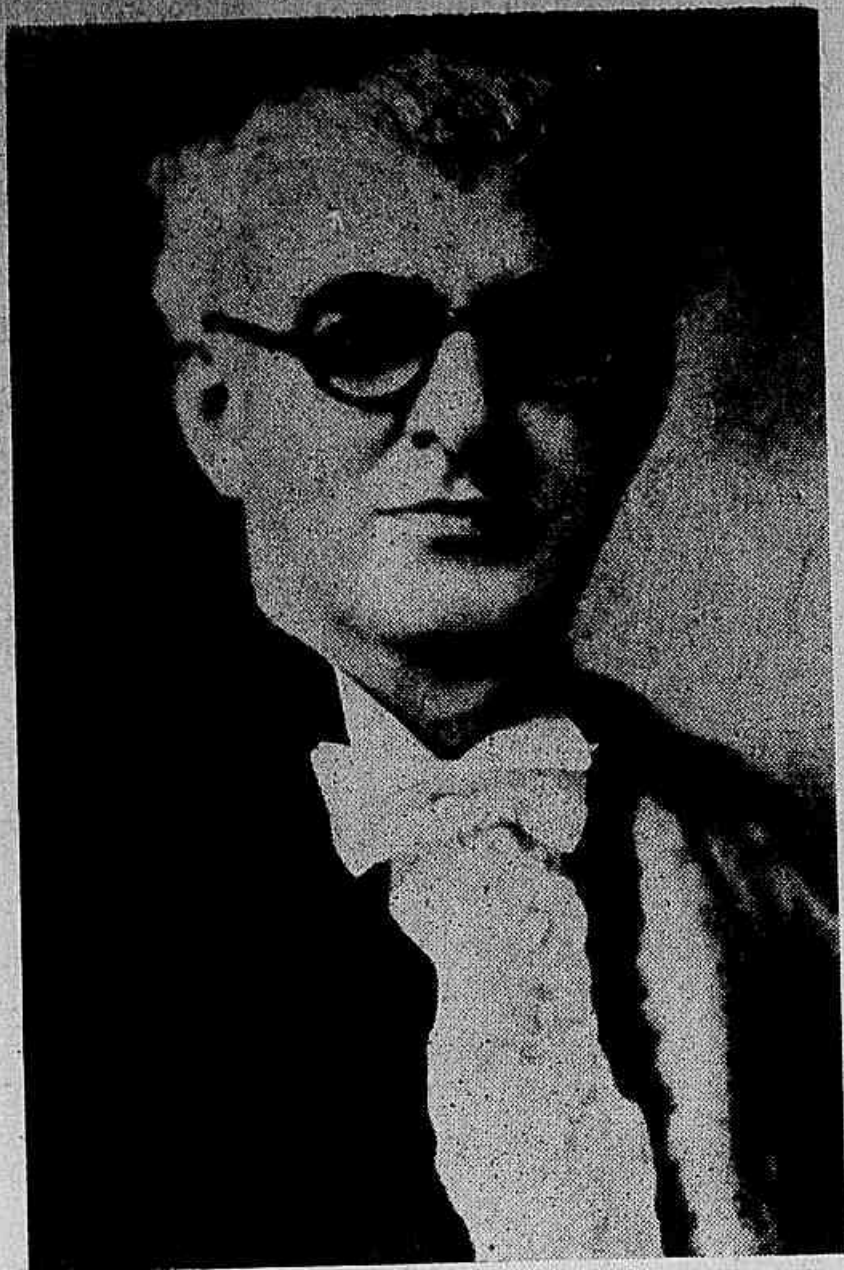
TONIFICA O SANGUE
ESTIMULA O CEREBRO
DA ENERGIA AOS MUSCULOS



- Pensei que você já fosse ao colégio, meu bemzinho.
- Não, senhora. Papai não quer que eu aprenda a ler.
- E por que, isso?
- Para eu não abrir as cartas de meu marido, como mamãe faz com as dele.

DR. JURUENA DE MATOS, UMA GRANDE FIGURA DE PEDAGOGO MODERNO

O Instituto Juruena, modelar organização de ensino secundário, a que milhares de jovens devem a sua cultura humanística, nada mais é do que o ideal de um grande pedagogo, tornado em notável realidade. E este grande educador, que sonhou e realizou aquela forja de culturas e caracteres, foi o Dr. Juruena de Matos que figura na foto ao lado cujo desaparecimento, ha dois anos, veio encher de luto e tristeza o magisterio brasileiro e privar os moços de um grande mestre, ao qual muitas gerações devem sabios e profundos ensinamentos, e de quem a mocidade de hoje recebeu uma herança imperescível: um grande exemplo a seguir.



Livros que abalaram o mundo

(Continuação da pag. 13)

que não concluisse o litígio entre alemães e eslavos na Europa oriental. Não só a América negligenciou inteiramente a existência de Mackinder, mas o próprio London Times chamou á sua profecia inacreditavelmente certa "uma horrível algaravia de fórmulas". O livro incidentalmente foi reeditado com um irônico prefácio de George Fielding Eliot.

Entre 1919 e 1933 apenas uns poucos autores americanos tinham consciência de que, na realidade, a "paz" era uma trégua armada. Em 1926, Alfredo Knopf publicou o primeiro volume da "Decadência do Ocidente" pelo filósofo alemão Oswald Spengler, aparecendo o segundo volume dois anos mais tarde. Spengler, ignorado pelo povo, predisse uma era de guerras que envolveriam o mundo inteiro, sendo os estados menores absorvidos pelos mais poderosos, e a vitória última ficando com o de maior força bruta.

Outro livro profético que permaneceu ignorado foi escrito por um inflamado professor alemão chamado Ewald Bansen e publicado nos Estados Unidos em 1934. Seu "Preparativos alemães para a guerra" foi suprimido pelo governo alemão, não que desaprovasse suas teorias, mas por medo de seu efeito sobre a opinião pública estrangeira. Bansen esboçou o plano de mestre da ocupação da Bélgica, da Holanda e da Dinamarca e chegou a sugerir os caminhos que mais tarde foram seguidos na "blitz" contra a França. Seu esquema de invasão da Alemanha foi anulado por um grupo de jovens heróis chamado a RAF.

Foi preciso que Hitler agisse violentamente para despertar os leitores americanos de sua indiferença em face dos negócios estrangeiros. Os primeiros ultrajes nazistas á dignidade humana chocaram-se contra um mundo que não acreditava no que via. Que espécie de homens eram estes monstruosos "gangsters"? Donde vinham e até que ponto chegariam? Um autor estava pronto a dar fatos á América. Era Edgar Ansel Mowrer, e seu livro "A Alemanha tira a máscara", publicado em janeiro de 1933, no meu pensar, foi o primeiro do novo tipo de obras que revolucionaria o mundo livreiro. Mowrer, um dos azes do departamento estrangeiro do "Chicago Daily News", contou a história da traição á democracia alemã e expôs os objetivos nazistas para a dominação mundial tão sucintamente que foi expulso da Alemanha. Quando Lewis Mumford comentou o livro de Mansel, disse: "Si os nazistas reduziram a Alemanha a este triste estado em poucos meses que não farão eles em três anos?" Possivelmente seria incorreto exumar as observações de críticos mais cétricos. Um cavalheiro importante declarou no frontispício da seção literária de uma revista novaiorquina que "Mowrer desprezava a força do trabalho alemão e os grupos religiosos" e que "a Alemanha do Sul é francamente oposta ao Prussianismo e é bastante poderosa para combatê-lo.

O que ha de mais importante acêrca do livro de Mowrer é que um público substancial estava pronto a lê-lo. "A Segunda Guerra Mundial" de Johannes Steel, "Escrevo como quero" de Walter Duranty e "Uma História Pessoal" de Vincent Sheane inverteram as listas de sucessos, as comportas estouraram. Velhos jornalistas aposentados começaram a escrever suas reminiscências nas costas dos "menus" dos "chinas". Comentaristas de rádio desacreditados descobriram repentinamente que havia um mercado pronto a receber suas predições. Alguns dos primeiros livros que surgiram desse novo Klondyke eram simplesmente terríveis. Um crítico afirmou que eram mais dignos de piedade que de crítica. Ainda em 1936 Westbrook Pegler escrevia um obituário desse gênero de escritores transoceânicos, incapazes de distinguir entre o romance e a realidade.

O rebutalho, entretanto, ficou ignorado ou foi logo esquecido; os livros de real importância fizeram seu caminho e abriram os olhos das pessoas inteligentes para o que acontecia nas profundezas de cada canto do mundo. Em 1937, veio "A Europa vista por dentro", de John Gunther e, em 1937, "Vida e morte de uma cidade espanhola" de Elliot Paul, soberbos trabalhos ambos; seu grande sucesso provocou novas idéias no público leitor. Gunther, como Mowrer, era um graduado do corpo de jornalistas estrangeiros do Chicago News. Com um senso agudo da política e das suas intrigas, entrevistou os mais inacessíveis vultos da Europa e traçou para uma audiência americana deliciada perfis de Hitler e Mussolini que os tornaram tão populares como qualquer artista de cinema ou jogador de base-ball. O livro de Elliot Paul mostrou claramente como as forças do fascismo estavam se servindo da Espanha para campo de treinamento e o que significava seu advento para os homens livres do mundo inteiro.

Os grandes sucessos de livreria, depois de 1937, continuaram a fazer ouvir ponderosas notas de advertência. "E' Madrugada na Europa" de Frederick

Schumann e "Traição na Europa Central" de G. E. R. Gedyes deploravam a lenta expansão da ameaça hitlerista. "E' mais tarde do que se pensa" de Max Verner e "Nós ou Eles" de Hamilton Fish Armstrong lutaram valentemente por despertar-nos ante o perigo. "Rumo á liberdade" de Nehru deu-nos a história da Índia. "A Estrela Vermelha sobre a China" de Edgar Show, a história da guerra contra os japoneses. "Dias do Nosso Tempo" de Pierre Van Paassen foi outro livro popular que salientou os males dos ditadores. Os autores americanos tinham se posto em ação. Em 1914 éramos como crianças no bosque, prontos a engulir qualquer propaganda que nos estendessem; em 1939 tínhamos aprendido a separar os fatos da declamação. Nossos escritores nos tinham educado. A censura espalhava-se pelo mundo, mas em letra de forma, os reporters que voltavam dos cantos mais remotos do mundo podiam contar-nos a verdade sem reserva.

Nos últimos dois anos, os livros desempenharam um papel mais importante ainda, mantendo a América desperta em plena crise. "A Estratégia do Terror" de Edmond Taylor, o "Diário" do Embaixador Dodds, "Não se póde negociar com Hitler" de Douglas Miller, e o grande êxito do "Diário de Berlim" de William Shirer, deram a milhões de pessoas uma visão da verdadeira mentalidade nazista. Leitores desses livros jamais tolerarão nada menos que uma vitória total sobre os poderes exístas. A "Missão em Moscou" de Joseph Davies varreu grande número de preconceitos e informações errôneas que pairavam sobre a Rússia Soviética. Não era um trabalho de comunista inábil que aspirasse a ser recebido entusiasticamente pelas Novas Massas, e ignorado pelo resto da imprensa. Foi o livro de um campeão do capitalismo.

"A Vitória pelo Poder Aéreo" de Seversky e "A Defensiva não ganhará a Guerra" do Coronel Kernan possivelmente influíram na estratégia do comando de guerra das Nações Unidas. Na escola costumávamos ouvir do papel que tivera "A Cabana do Pai Tomás" na abolição da escravatura. Na guerra atual, já tivemos uma duzia de livros que desempenharam função importante no plasmar os destinos da pátria. Livros como "Homens para queimar", "Sabotagem", "O que ha com a Alemanha" e "De Suez a Singapura" são publicados no frontispício de revistas, discutidos em conferências e através do rádio, filmados e levados por toda a parte nos braços das pessoas mais diversas.

Entretanto, esta guerra produziu poucas novelas que realmente atraíssem o público. "Por quem os sinos dobram" de Ernest Hemingway e "A Esperança do Homem" de Malraux foram duas admiráveis novelas da Guerra Civil Espanhola. "Isto Acima de Tudo" de Eric Knight, uma história da Inglaterra durante a "blitz" teve seu momento de sucesso e o mesmo aconteceu a "Fuga" de Ethel Vance, bela história de intriga nos bastidores do nazismo. "Miss Miniver" gozou de uma certa popularidade como de direito; a versão cinematográfica, que pouca semelhança tinha com o original fez dela um sucesso. "A Última Vez que vi Paris" por Elliot Paul, fica na linha intermediária entre a ficção e a reportagem; é uma brilhante pintura do Paris que todos nós gostamos de recordar. "Escruidão ao Meio Dia" de Arthur Koestler, "A Sétima Cruz" de Ana Segher e a história da guerra na Grécia e em Creta contada na maneira de Hemingway por James Aldridge com o título "Assinado com sua Honra" também são dignos de menção, mas todos estes livros juntos não influenciaram o pensamento do público como "Homens Para Queimar".

A maquinária e o pessoal do negócio de livros mudaram tão radicalmente quanto o próprio conteúdo dos livros. Trinta anos atrás, os editores contentavam-se em esperar sentados nos seus escritórios os trêmulos autores que iam levar-lhes seus manuscritos. Hoje os editores estudam as páginas de frontispício tão acuradamente como um diretor de jornal que está pronto a telegrafar a um reporter em Honolulu recém-vindo das ilhas Salomão, ou para um aviador que foi recolhido após desastre nos mares do Sul.

Além de ser obrigado a procurar livros que se relacionem ás novas correntes de pensamento, o editor de sucesso hoje tem de criar por si mesmo idéias de livros. O homem que imaginou uma coleção de histórias de guerra, por exemplo, e persuadiu Ernest Hemingway a escrever o livro está colhendo a recompensa de sua ingenuidade. Muitos dos tesouros de maior sucesso de Simon e Schuster foram idéias deles mesmos; tudo que tiveram a fazer foi achar editores a contento.

O objetivo e a influência do editor dilataram-se bastante. O anúncio de livros é uma das poucas espécies de propaganda que não sofreram diminuição desde que a guerra começou. Em consequência disso os jornais metropolitanos estão aumentando suas seções literárias afim de atrair os anúncios dos editores. Produtores cinematográficos, ávidos de material, pagam milhares de dólares pelas histórias que podem usar.

Edições mais baratas multiplicaram a compia de livros. Não faz muitos anos, o ex-governador Alfred Smith queixou-se de que sua autobiografia "De ontem para hoje" não estava sendo anunciada com o devido vigor.

"Mas, Sr. Governador, replicaram seus editores, "colocamos seu livro em todas as livrarias do país."

"Ora!" vozeou o Governador, "quem é que vai entrar numa livreria?"

Hoje quasi todo o mundo o faz. Si não vão comprar diários dos correspondentes de guerra, vão procurar talvês "Guerra e Paz" de Tolstoi, a épica história da invasão da Rússia por Napoleão, que tanto se assemelha á de Hitler; ou livros técnicos ou gramáticos de linguas estrangeiras. A venda de volumes técnicos tornou-se tão grande que alguns livreiros atilados relegaram para as últimas prateleiras as histórias de ficção e substituíram-nas por grandes pilhas de livros sobre engenharia, matemática, etc. Um livro intitulado "Refrigerio Matemático", que se destinava originariamente ao treinamento da RAF, vende-se hoje nos Estados Unidos como Poliane em 1914.

Relatórios que nos chegam dos centros de recrutamento informam-nos que não só os civis, mas os soldados, marinheiros e fuzileiros estão lendo muito. Será que nosso "exercito de cantores" de 1918 estará se transformando num "exercito de leitores"? Os rapazes estão lendo bons livros e tanto o correio como as livrarias, dizem-nos que tanto a procura de poesia como a de filosofia estão aumentando de momento a momento.

Nas séries da "Modern Library", que representa um climax nos gostos americanos, os três livros que registram maior procura são "Guerra e Paz" de Tolstoi, "A Sabedoria de Confucio" e as "Histórias Curtas" de Ernest Hemingway. Quando o "Lexington" foi posto a pique, um sobrevivente atraiu a atenção declarando que a coisa a que mais se agarrara até o último instante foi um exemplar de "Cross Creek" de Marjorie Rawlings.

Os editores americanos formaram recentemente um Conselho sobre os Livros em Tempo de Guerra, afim de pôr em relevo o slogan: "Os livros são armas na guerra das idéias". O slogan é bom. Forneceu-o ao Conselho um cavalheiro chamado Franklin D. Roosevelt. Com o apoio da Associação de Livreiros Americanos e a Associação de Editores Americanos, o Conselho cunhou a palavra "Imperativos" para significar livros de tal importância que a indústria se orgulharia de promover sua distribuição em todo o país. Daqui por diante, quando um livro merecer o imperativo I será idêntico á concessão do E da Marinha a um estaleiro ou fábrica.

"Homens para queimar" é o primeiro imperativo. Haverá muitos outros. Estes livros varrerão os frívolos. Nas palavras do falecido Dr. John Finley, "haverão de recordar e interpretar a história no próprio momento em que se processa". São os livros que constituem armas e, enquanto sua publicação fôr permitida e encorajada, nossas mais caras instituições permanecerão salvas e seguras dos seus inimigos tanto dentro como fóra de nossas fronteiras.

"Goiê" no "Proceder"

MASCARA DE LAMA
RAINHA DA HUNGRIA

De Mme. Campos
LIMPA OS POROS — MODELA O ROSTO
A VENDA EM TODA A PARTE



Foi assim que a "Metro" se fez representar. E que naípe!

Passou a Ann Ayass (foto exclusivo da REVISTA DA SEMANA) toda de branco com folhas aplicadas sobre finíssimo "tulle".

Logo depois, a Ruth Hussey combinando "black and white", renda e "moirée". E todo mundo comentou: "Que ombros!!!"

E por fim, chegou a Lamarr com um moiré negro em "tulle" e veludo. Não preciso dizer mais; apenas a sua beleza estranha arrancou um: Oh! oh! oh! de todos os grupos.

Essa Lamarr faz cada coisa!...

